

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC  
UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E  
EDUCAÇÃO – UNAHCE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**DARLAN ALVES**

**ESCOLA E FUTEBOL NO CAMPO DO NEOLIBERALISMO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Renato Carola.

**CRICIÚMA  
2015**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

A474e Alves, Darlan.

Escola e futebol no campo do neoliberalismo / Darlan Alves ; orientador : Carlos Renato Carola. – Criciúma, SC : Ed. do Autor, 2015.

144 p. : il. ; 21 cm.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma, 2015.

1. Futebol infantil. 2. Educação física para crianças. 3. Neoliberalismo. I. Título.

CDD. 22. ed. 372.86

Bibliotecária Eliziane de Lucca Alosilla – CRB 14/1101  
Biblioteca Central Prof. Eurico Back - UNESC


**DARLAN ALVES**

**“ESCOLA E FUTEBOL NO CAMPO DO NEOLIBERALISMO”**

Esta dissertação foi julgada e aprovada para obtenção do Grau de Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Criciúma, 27 de março de 2015.


**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Carlos Renato Carola  
(Orientador – UNESC)




Prof. Dra. Eliene Lopes Faria  
(Membro - COLTEC/UFGM)



Prof. Dr. Vidalcir Ortigara  
(Membro – UNESC)

Pro. Dr. Rafael Rodrigo Mueller  
(Suplente – UNESC)



Prof. Dr. Vidalcir Ortigara  
Coordenador do PPGE-UNESC



Darlan Alves  
Mestrando



À minha esposa Cristina, por viver este momento importante comigo, pelo aconchego, cumplicidade, serenidade e amor.

À minha mãe, Maria Terezinha Pereira Alves (D. Preta), por sua eterna dedicação em educar-me e educar minhas irmãs com muito amor, ensinando-nos que nossas vidas seriam melhores por meio da educação.

Ao meu pai, Manoel Juvêncio Alves (Seu Santo), por seu incentivo, por ter me ensinado a ser o que sou.

Ao meu filho Ian, o homem da minha vida, sempre sereno e compreensivo.



## **AGRADECIMENTOS**

Ao Professor e Orientador Dr. Carlos Renato Carola, por compartilhar seu infinito saber, pela amizade, companheirismo e cumplicidade, minha gratidão.

À Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), por seu compromisso com a pesquisa.

A todos os alunos, professores e demais membros das escolas onde fiz minha pesquisa, pela colaboração para a realização deste trabalho.

A todos os colegas do curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-graduação da UNESC, em especial ao meu amigo Cristiano Antônio Pochmann, pela amizade fraterna.

A todos os colegas do GEPHAE (Grupo de Estudo e Pesquisa em História Ambiental e Educação), pela colaboração constante.

Aos professores da Escola de Educação Básica Ignácio Stakowski, em especial à Maria Gricelda Guglielmi Coelho, pelo incentivo incessante, e à Maria de Lourdes Souza, pelas leituras e contribuições.

A todos mais que direta ou indiretamente participam da minha vida pessoal ou acadêmica. Lembrei de cada um de vocês neste importante momento.

A todos minha eterna gratidão.





**A história do futebol é uma triste viagem do prazer ao dever. Ao mesmo tempo em que o esporte se tornou indústria, foi desterrando a beleza que nasce da alegria de jogar só pelo prazer de jogar. Neste mundo do fim do século, o futebol profissional condena o que é inútil, e é inútil o que não é rentável. Ninguém ganha nada com essa loucura que faz com que o homem seja menino por um momento, jogando como o menino que brinca com o balão de gás e como o gato brinca com o novelo de lã: bailarino que dança com uma bola leve como o balão que sobe ao ar e o novelo que roda, jogando sem saber que joga, sem motivo, sem relógio e sem juiz.**

**Eduardo Galeano**



## RESUMO

Esta dissertação desenvolve um estudo a respeito da prática do futebol no espaço escolar, tendo como o centro das análises o futebol e as suas relações com a escola e o neoliberalismo. Apresenta resultados de pesquisa documental, bibliográfica e de campo. O foco da investigação foram três escolas públicas da cidade de Criciúma, no Estado de Santa Catarina. O objetivo é mostrar como ocorre a relação entre futebol, escola e a doutrina neoliberal dentro do espaço escolar, percebendo como as crianças aprendem e praticam o futebol com seus pares, e de que modo os professores planejam e executam as atividades esportivas no meio curricular. O trabalho utiliza referenciais teóricos relativos à área das ciências humanas. Em um primeiro momento trata-se do futebol no campo histórico, mostrando sua trajetória até os dias atuais; buscam-se abordagens sobre o futebol na literatura acadêmica, apresentando alguns trabalhos relevantes acerca deste esporte; mostra-se também a influência do neoliberalismo dentro da escola e no futebol. Em um segundo momento apresentam-se os planejamentos de ensino das aulas de Educação Física, aborda-se a influência do mercado entre o consumo das crianças, apontam-se as observações etnográficas sobre a prática do futebol dentro do espaço escolar, e mostra-se como as questões de gênero também se fizeram presentes no processo de pesquisa. As análises permitiram inferir que a ideia de que nós, brasileiros, nascemos sabendo jogar futebol é algo presente no ambiente escolar; que de maneira geral a prática do futebol no seio da escola é a reprodução do esporte competitivo; que não se ensina futebol neste espaço. Verificou-se, ainda, que os professores são peças fundamentais para a produção de um novo olhar acerca do futebol na escola.

**Palavras-chave:** Futebol. Escola. Jogo. Esporte. Aluno. Neoliberalismo.



## **ABSTRACT**

This dissertation develops a study regarding the practice of football in the school space, having as the center of analyzes, football and its relations with the school and Neoliberalism. Presents results of documentary research, literature and field research. The focus of the research were three Public Schools in the city of Criciúma in the State Santa Catarina. The objective is to demonstrate the relationship between football, school and the neoliberal doctrine within the school space, realizing how the children learn and they practice the football with their peers, and how teachers plan and execute the sporting activities in the middle curricular. O work uses theoretical frameworks related to area of humanities. At first it is the football field in history, showing its trajectory until the current days: seek approaches on the football in academic literature, presenting some relevant work about this sport; shows also the influence of neoliberalism within the school and in football. In a second moment, are the plans for teaching the lessons of Physical Education, discusses the influence of the market between the consumption of children, pointing out the ethnographic observations on the practice of football within the school environment, and it is shown how gender issues were also present in the research process .The analyzes allowed to infer that the idea that we Brazilians, we were born knowing play football is something present in the school environment; that in general the practice of football within the school is the reproduction of competitive sports; that not taught football in this area. It was also found that the teachers are essential parts for the production of a new perspective about the soccer in school.

**Keywords:** Football. School. Game. Sport. Student. Neoliberalism.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Prática do futebol durante o recreio na Escola C.....	33
Figura 2 - Futebol de várzea: treino entre o Internacional e Germânia em São Paulo, 1899Fonte: Instituto Ciência Hoje. ....	38
Figura 3 - Charge retratando as condições das escolas públicas no estado de São Paulo, em referência à reforma ortográfica .....	66
Figura 4 - Jogo BRASFOOT 2012.....	107
Figura 5 – Jogo FIFA 2013 .....	107
Figura 6 – Cadernos com capas de times europeus.....	109
Figura 7 - Alunos da escola A com várias camisas de clubes europeus .....	110
Figura 8 - Alunos da escola B jogando futebol com caixinha de suco	117
Figura 9 - Prática do futebol entre meninas na escola A durante os jogos escolares .....	121
Figura 10 - Prática do futebol, durante os jogos escolares na Escola A .....	124





## **LISTA DE QUADROS**

- Quadro 1 - Planejamento das Aulas de Educação Física - Escola A..... 91  
Quadro 2 - Planejamento das Aulas de Educação Física - Escola B ..... 93  
Quadro 3 - Planejamento das Aulas de Educação Física - Escola C ..... 95



## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Amostra geral do quadro funcional das escolas - 2013.....	88
Tabela 2 - Amostra geral do quadro funcional das escolas - 2014.....	89
Tabela 3 - Número de alunos que responderam o questionário .....	104
Tabela 4 - Alunos que costumam frequentar os jogos do Criciúma.....	105
Tabela 5 - Modalidade esportiva de que mais gosta.....	120
Tabela 6 - Modalidade esportiva de que menos gosta.....	122
Tabela 7 - Percentual de aceitação do futebol na escola .....	129



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>23</b>
<b>2 FUTEBOL NO CAMPO DAS CIÊNCIAS HUMANAS: DA COLINA DOS SONHOS AO VALE REAL .....</b>	<b>27</b>
2.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	27
2.2 O FUTEBOL COMO OBJETO DE PESQUISA .....	30
2.3 O FUTEBOL NO CAMPO HISTÓRICO.....	33
2.3 O FUTEBOL NA LITERATURA ACADÊMICA .....	40
2.4 O FUTEBOL E A EDUCAÇÃO NO CAMPO DO NEOLIBERALISMO.....	58
<b>3 DO CAMPO À QUADRA: OS CAMINHOS DO FUTEBOL NA ESCOLA .....</b>	<b>69</b>
3.1 PRELEÇÃO .....	69
3.2 O PLANEJAMENTO DO ENSINO DO FUTEBOL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	86
3.3 “A MÃO DE DEUS” OU DO MERCADO .....	101
3.4 OBSERVAÇÕES ETNOGRÁFICAS: A PRÁTICA DO FUTEBOL NO COTIDIANO ESCOLAR.....	111
3.5 FUTEBOL E RELAÇÃO DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA .....	127
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>132</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>135</b>
<b>APÊNDICE(S) .....</b>	<b>142</b>
<b>APÊNDICE A – Questionário aplicado na pesquisa de campo.....</b>	<b>143</b>
<b>APÊNDICE B - Questionário aplicado na pesquisa de campo .....</b>	<b>144</b>



## 1 INTRODUÇÃO

O futebol é um esporte que desperta sentimentos diversos como o amor, o ódio, a paixão, a fúria, etc. em seus aficionados. Com certeza, seus criadores jamais poderiam imaginar as proporções que esse esporte atingiria no futuro. Couto (2012) o associa a sentimentos que vão do amor à loucura ou da esperança à opressão. Para ele, em suas múltiplas facetas, esse esporte possui espaços diversos para sua prática, faz a “criança brincar como criança, o jovem, o adulto e o idoso brincarem como e com as crianças”.

Os esportes de modo geral e o futebol, em particular, possuem capacidades de criar em torcedores e praticantes sentimentos coletivos de pertencimento facilmente identificados nas manifestações de seus atores. “(...) num domingo normal, qualquer um pode morrer de emoção enquanto se celebra a missa da bola” (GALEANO, 1995, p. 135).

Praticado há mais de um século, o futebol consolidou-se incontestavelmente como o esporte mais popular do mundo, isto porque ele é atualmente a modalidade esportiva mais divulgada em nosso planeta e uma verdadeira indústria de negócios. Podemos afirmar que notadamente no Brasil o futebol pode ser encarado como um “fenômeno cultural que cativa e impressiona pela sua grandeza” (FILGUEIRA; SCHWARTZ, 2007, p. 246). Sua prática tem crescido significativamente em todas as partes do globo, envolvendo um número expressivo de praticantes desde a tenra idade até a idade adulta.

De modo especial no Brasil, ao tratarmos da iniciação esportiva, o futebol ganha destaque e dimensões homéricas, tendo em vista a esmagadora atenção que a mídia dispensa a ele. Nesse sentido, é efetivamente difícil mostrar às crianças que “muitas vezes, a escolha por esta modalidade esportiva é muito mais uma questão cultural do que gosto pessoal” (FILGUEIRA; SCHWARTZ, 2007, p. 247). Como o fanatismo algumas vezes impera dentro dos lares brasileiros, é comum que os pais induzam as crianças a optarem pela prática esportiva do futebol. Pode-se afirmar que aqui, neste contexto, o futebol como objeto nacional se materializa como uma tradição inventada<sup>1</sup> (HOBSBAWM; REGER, 1997).

---

<sup>1</sup>Por tradições inventadas compreende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas. Essas práticas, de natureza ritual ou simbólica, procuram incutir valores e normas de comportamento

A realização do presente trabalho surgiu de algumas inquietações advindas a partir de observações da prática do futebol na escola que normalmente fazemos nas instituições em que desenvolvemos nosso trabalho docente. Na condição de professor do ensino fundamental e médio da rede pública estadual e municipal, acabamos por desenvolver um olhar sobre o envolvimento de crianças e jovens em relação ao esporte futebol e sobre como esses alunos terminam reproduzindo o que costumamos observar em jogos pela TV, transmissões via rádio, jornais impressos e também revistas especializadas ou não sobre o assunto.

Mesmo com a forte influência dos meios de comunicação no cotidiano dos alunos, o que conseqüentemente molda de alguma forma o olhar que estes dispensam ao futebol, podemos perceber que na escola a proposta de ensino sobre esse esporte era solta, não sendo possível detectar os objetivos propostos ou a metodologia de trabalho. Os alunos apenas brincavam de jogar futebol assim como o fazem em outros espaços como na rua, no campinho do bairro ou na praia. Ou seja, o que ocorria nas aulas de Educação Física não diferia muito do que ocorria nos intervalos ou mesmo nos períodos anteriores ou posteriores às aulas quando os alunos se encontravam nas quadras das escolas pesquisadas para jogar futebol. Tal ambiente contribuía para dificultar a contextualização do futebol como elemento educativo.

Como professor, procuramos sempre entender o porquê da busca permanente pelo alto rendimento e a preocupação exagerada pelo resultado positivo das partidas disputadas pelos alunos. Mesmo brincando de jogar futebol, os alunos mostravam uma preocupação excessiva com os resultados. Tal fato acabou por aumentar nossas inquietações acerca do assunto. Isso nos conduziu a um processo de estudo e pesquisa sobre a prática do futebol na escola. É importante ressaltar que há algum tempo vínhamos realizando estudos sobre neoliberalismo e educação; daí para juntar futebol, escola e neoliberalismo foi uma questão de oportunidade.

Trata-se de uma pesquisa empírica e etnográfica sobre educação, futebol e neoliberalismo no Brasil. O campo de observação da pesquisa foi o ambiente escolar de alunos do ensino fundamental de três escolas públicas do município de Criciúma, em Santa Catarina<sup>2</sup>. Para a

---

através da repetição, o que implica uma continuidade em relação ao passado (HOBSBAWM; RENGER, 1997, p. 9).

<sup>2</sup>Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), Santa Catarina possui 95,2% de sua população entre 7 e 14 anos matriculada no ensino fundamental. Deste total 90,8% cursam o ensino fundamental em escolas



efetivação desta pesquisa, foram estabelecidos os seguintes objetivos: analisar como ocorre a relação entre futebol, educação e neoliberalismo dentro do espaço escolar; perceber como as crianças, no ambiente escolar, se apropriam e reproduzem o futebol enquanto práxis neste espaço; compreender como os professores de Educação Física planejam esta atividade esportiva no meio curricular.

Com o intuito de compreender o objeto de estudo, no primeiro capítulo tratamos do futebol no campo histórico, mostrando como se deu sua trajetória em diferentes épocas, culturas e contextos sociais. Tratamos também do futebol e da educação no campo do neoliberalismo e destes na literatura acadêmica. Debruçamo-nos então, sobre a historicidade tanto do futebol quanto da teoria política/econômica. Contribuições, problemas surgidos, as consequências dos mesmos no imaginário coletivo da sociedade brasileira são explorados.

No segundo capítulo apresentamos os caminhos percorridos pelo futebol na escola. Através de uma pesquisa bibliográfica levantamos a literatura que versa sobre a temática do objeto de pesquisa. Após analisarmos uma série de livros e artigos científicos, parte do material foi utilizada como dados para a pesquisa bibliográfica. Nesta fase da pesquisa desenvolvemos uma discussão com as obras que tratam do neoliberalismo e sua inserção no campo da educação. Abordamos também a história do futebol de modo geral e trazemos considerações acerca da escola.

Por meio de pesquisa documental e etnográfica procuramos mostrar de que modo se desenvolve o ensino e a prática do futebol nas escolas pesquisadas, bem como a influência do neoliberalismo tanto no jogo quanto no esporte que é praticado nesses espaços. Analisamos também a relação entre o futebol e o consumo de muitos produtos relacionados com os símbolos de clubes de futebol praticado pelo conjunto dos alunos. Concluímos com a discussão da questão de gênero nas aulas de Educação Física, procurando mostrar as relações entre meninos e meninas na prática do futebol escolar.

É importante ressaltar que durante a coleta dos dados aplicamos questionários com questões fechadas e abertas buscando informações sobre as preferências dos alunos acerca do esporte, bem como a relação dos alunos com a Educação Física. Também fizemos levantamentos e

registros das atividades pedagógicas programadas pelos professores. Através de um diário de bordo registramos as observações realizadas no espaço escolar, tanto falas quanto atitudes dos estudantes e professores. Não houve uma prioridade em relação à coleta de dados, tudo o que foi julgado como importante foi sendo registrado.

## 2 FUTEBOL NO CAMPO DAS CIÊNCIAS HUMANAS: DA COLINA DOS SONHOS AO VALE REAL

### 2.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Por meio de uma pesquisa documental e etnográfica procuramos apresentar o objetivo central deste trabalho, que é mostrar como se desenvolvem o ensino e prática do futebol no espaço escolar, e como se dá a relação entre futebol, escola e neoliberalismo dentro deste mesmo espaço.

Cabe ressaltar que no Brasil o futebol como objeto de pesquisa ainda é um tema restrito, sobretudo no campo da pesquisa científica. Levando-se em consideração a sua importância histórica e cultural na sociedade brasileira, notar-se-á o quanto esse esporte ainda é desconsiderado como objeto de estudo. Além do mais, atualmente é possível constatar que em se tratando do futebol não se pode mais considerá-lo apenas como uma modalidade esportiva, mas sim como um objeto, uma mercadoria desta indústria internacional<sup>3</sup>, massificado para ser consumido. Indústria essa que investe cada vez mais na “fabricação” de jogadores desde a mais tenra infância; uma indústria que movimenta recursos financeiros incomensuráveis; que difunde um poderoso *marketing* que alimenta ilusões e sonhos de crianças e jovens de todos os recantos do planeta.

A presente pesquisa foi realizada no espaço escolar. Observamos o ensino e a prática do futebol com alunos de 6º, 7º, 8º e 9º anos de três escolas públicas do município de Criciúma, em Santa Catarina. As questões que orientaram o campo de observação foram as seguintes: Como vem sendo desenvolvido o ensino da prática do futebol no ambiente escolar? Como as crianças se apropriam e praticam o futebol no cotidiano escolar? Quais são as principais atitudes e valores que as crianças assimilam por meio da prática do futebol?

---

<sup>3</sup> Segundo o site oficial da FIFA (Fédération Internationale de Football Association), a entidade está presente em 209 países, sendo, portanto a maior multinacional do planeta em se tratando de presença em Estados Nacionais. Como meio de comparação pode-se afirmar que o COI (Comitê Olímpico Internacional) está presente em 204 países e a ONU (Organização das Nações Unidas) se faz presente em 192 nações.

Essas são as principais perguntas às quais procuramos responder numa época em que o futebol se tornou uma mercadoria da globalização, um produto de espetáculo dos megaeventos esportivos e um empreendimento do neoliberalismo. Entretanto, não se pode reduzir ou aceitar o futebol apenas como uma mera mercadoria ou um negócio para fins lucrativos; o futebol não precisa ser visto e praticado apenas como um esporte competitivo, e a escola não precisa reproduzir o modelo neoliberal da prática esportiva. Por meio do futebol também é possível desenvolver sensibilidades, valores e habilidades corporais numa perspectiva mais solidária e humanista.

Posto que o objeto de pesquisa é o ensino e a prática do futebol no espaço escolar, procuramos observar como o futebol é assimilado pelos alunos que o praticam. A metodologia usada para a obtenção dos resultados segue as coordenadas da pesquisa etnográfica e documental.

Acreditamos ser importante conceber a pesquisa como um processo de produção de múltiplos conhecimentos para que possamos compreender uma dada realidade. Santos (1989) afirma que ela é a “prática social do conhecimento”. É prudente termos consciência de que há também definições de pesquisa que as relacionam com o método, com a sistematização do conhecimento:

Pesquisa é um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. (...). A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos. (...) ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados (GIL, 1996, p. 19).

Vale observar que é imperioso termos a visão de que a pesquisa como princípio científico e educativo é um desafio tanto da universidade como da educação moderna em geral.

A pesquisa documental é semelhante à pesquisa bibliográfica. A diferença entre esses dois métodos de pesquisa está na natureza de suas fontes. Segundo Gil (1996),

enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda

podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa (GIL, 1996, p. 45).

Para desenvolver uma pesquisa documental segue-se o mesmo caminho que se faz com a pesquisa bibliográfica. O que difere uma da outra é que na maioria das vezes as fontes bibliográficas se constituem em material impresso localizado quase sempre em bibliotecas. Já as fontes documentais são dispersas e diversificadas. Entre as fontes documentais, temos o que Gil (1996) denomina de “documentos de primeira mão”<sup>4</sup>, que não receberam nenhum tratamento analítico”, e os “documentos de segunda mão”<sup>5</sup>, que de alguma forma já foram analisados”.

A pesquisa realizada caracteriza-se por ser de cunho qualitativo. Tendo em vista que se desenvolve numa situação social e rica em dados descritivos, possui um plano de aplicação aberto e flexível, focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 18).

Nesse tipo de abordagem, o pesquisador acaba por ter algum envolvimento na vida dos sujeitos, considerando-se que os procedimentos da pesquisa baseiam-se em conversar, ouvir, permitir que o outro se expresse livremente. A relação entre as partes envolvidas na pesquisa (pesquisador e pesquisado) é dinâmica e constante durante todo o período da pesquisa. Segundo Chizzotti (2000), o método de pesquisa qualitativa “objetiva, em geral, provocar o esclarecimento de uma situação para uma tomada de consciência pelos próprios pesquisados dos seus problemas e das condições que o geram, a fim de elaborar os meios e estratégias de resolvê-los” (CHIZZOTTI, 2000, p. 104).

Desenvolvida pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade, a etnografia se expande para outras áreas das ciências. O termo etnografia significa, etimologicamente, descrição cultural. Segundo André,

o foco de interesse dos etnógrafos é a descrição da cultura (práticas, hábitos, crenças, valores, linguagens, significados) de um grupo social, a preocupação central dos estudiosos da educação é

---

<sup>4</sup>Como documentos de primeira mão, podemos citar: documentos de arquivos e órgãos públicos, documentos de instituições privadas, cartas pessoais, fotografias, ofícios, boletins, memorandos, gravações, etc.

<sup>5</sup>Como documentos de segunda mão, podemos citar: tabelas estatísticas, relatórios de pesquisas, relatórios de empresas, etc.

com o processo educativo. Existe, pois, uma diferença de enfoque nessas duas áreas, o que faz com que certos requisitos da etnografia não sejam – nem necessitam ser – cumpridos pelos investigadores das questões educacionais (ANDRÉ, 2012, pp. 27-28).

A partir da citação anterior, podemos afirmar, então, que o estudo realizado é uma pesquisa também do tipo etnográfica, ou seja, é a adaptação da etnografia à educação, e não a etnografia em seu sentido literal. Isso porque os educadores tomam da etnografia recortes específicos para montar o mosaico de estratégias e o perfil de sua pesquisa. Essa afirmativa sustenta-se em André (2012), quando afirma que um trabalho do tipo etnográfico “faz uso de técnicas que tradicionalmente são associadas à etnografia, ou seja, a observação participante, a entrevista intensiva e a análise de documentos”.

Isso posto, cabe ressaltar que a etnografia é uma metodologia qualitativa de pesquisa por meio da qual é perfeitamente comum aprender (mais do que estudar) a partir dos membros do grupo ou do ambiente pesquisado. Aqui o pesquisador é considerado o principal instrumento e possui a flexibilidade de decidir quando e como coletar os dados que usará na produção de seu trabalho. A pesquisa etnográfica é aquela que interpreta todos os dados que são coletados no ambiente pesquisado. Nela o enfoque cultural é preponderante, ou seja, busca-se na cultura o suporte necessário para a compreensão da realidade pesquisada.

Reiteramos, portanto, que a pesquisa do tipo etnográfica constitui-se uma ferramenta poderosa de investigação qualitativa, principalmente no âmbito da educação. Seu caminho metodológico, com toda a flexibilidade que permite ao pesquisador, é um forte instrumento de compreensão dos diálogos que ocorrem sistematicamente entre os elementos que habitam o espaço sociocultural da escola como um todo ou da sala de aula em particular.

## 2.2 O FUTEBOL COMO OBJETO DE PESQUISA

O futebol como objeto de estudo e pesquisa no campo das ciências sociais é muito recente. Antes os estudos envolvendo esse esporte voltavam-se para o campo fisiológico, tático ou técnico. Recentemente estudiosos das ciências sociais passaram a vê-lo como um instrumento importante para a compreensão da sociedade brasileira. O futebol teve um caminho marcado pela marginalidade científica e

literária, é comum que ele seja apontado como elemento alienante presente na cultura da massa.

Trabalhos envolvendo o futebol e seu papel na sociedade têm ocorrido com frequência em pesquisas científicas desenvolvidas nos últimos tempos. O estudo do futebol ganha importância quando é possível perceber que as questões que envolvem o esporte futebol não ficam restritas a um público específico, muito pelo contrário, esse esporte só pode ser abordado dentro de toda a sua complexidade se for compreendido como um fenômeno social historicamente construído.

Futebol e lazer são elementos que se fundem e que possuem importante relevância na vida dos brasileiros, tanto no que se refere a uma forma de entretenimento ao assistir a jogos pela TV ou estádio, quanto na participação efetiva do jogo em locais destinados, ou não, para a prática de tal modalidade. Eduardo Galeano (1997, pp. 93-94) problematiza a mercantilização e privatização do futebol, mas também ressalta a capacidade criativa das pessoas no sentido de driblar o inconveniente e brincar com a bola, afirmando que

No futebol, como em tudo mais, são muito mais numerosos os consumidores que os criadores. O cimento cobriu os campos baldios onde qualquer um podia jogar uma pelada a qualquer momento, e o trabalho devorou o tempo do jogo. A maioria das pessoas não joga, mas vê outros jogarem, pela televisão ou da arquibancada cada vez mais longe do campo. O futebol se transformou, como o carnaval, em espetáculo para massas. Mas assim como no carnaval há os que se põem a dançar na rua além de contemplar os artistas que cantam e dançam, também no futebol não faltam os espectadores que de vez em quando se fazem protagonistas, pela pura alegria, além de olhar e admirar os jogadores profissionais. E não só os meninos: de certa forma, e por mais longe que estejam os campos possíveis, os amigos do bairro e os companheiros da fábrica, do escritório ou da faculdade, continuam dando um jeito para se divertir com a bola até que caem esgotados, e então vencedores e vencidos bebem juntos, e fumam, e partilham uma comida, esses prazeres proibidos para o esportista profissional.

O futebol é um elemento cultural importante no cotidiano de parcela significativa do povo brasileiro, ele faz parte do dia a dia mesmo daqueles que não vivem e não sobrevivem do futebol. Podemos afirmar também que o futebol moderno é, nos dias atuais, um esporte que fincou raízes na cultura de parte significativa do globo. Segundo Scaglia (1999, p. 6), “o futebol moderno hoje é um esporte consolidado na cultura mundial, talvez o mais popular do planeta, amplamente massificado e praticado da mesma maneira ao redor do mundo”. Não causaria perplexidade se algum estudo mostrasse ser ele o esporte mais popular do planeta. Essa massificação é comprovada pela importância atribuída aos eventos que envolvem esse esporte, como a cobertura dada à Copa do Mundo no Brasil em 2014. O futebol é uma realidade moderna de múltiplas dimensões. Uma paixão para torcedores, um sonho para crianças e jovens, um negócio lucrativo para dezenas de empresas, um objeto de pesquisa para a ciência.

Esta pesquisa tem como foco de investigação o modo como o futebol é ensinado nos dias atuais nas escolas brasileiras. Nosso interesse sobre o tema futebol como um objeto de pesquisa científica iniciou no curso de graduação em História. Ainda na graduação, realizamos uma pesquisa sobre o Esporte Clube São José<sup>6</sup>, um trabalho apresentado à disciplina de História do Brasil. Durante nosso curso de especialização em História Social, demos continuidade à pesquisa cujo objeto era o futebol. Nossa monografia, intitulada “Poder e Futebol na Metrópole do Carvão”, possibilitou desvendar aspectos importantes relacionados ao futebol, aos clubes das companhias carboníferas, seus trabalhadores e atletas, bem como à utilização do esporte para a obtenção e manutenção do poder. Porém, tal pesquisa suscitou a elaboração de questionamentos que apontaram para a necessidade de aprofundamento dos estudos, levando, invariavelmente, a uma mudança de foco.

A atividade profissional como professor de História do ensino fundamental e médio nos faz estarmos na escola diariamente. Nosso cotidiano escolar permite-nos observar o modo como o futebol acontece dentro dos muros da escola. Percebemos que de maneira geral ele se dá independentemente das práticas de ensino. Não é possível identificar qualquer tipo de trato pedagógico quando a temática se relaciona com o esporte. Essa situação passou a produzir certa inquietação. Uma série de

---

<sup>6</sup> O Esporte Clube São José é um clube amador da localidade de Vila São José, na cidade de Içara, no sul de Santa Catarina.



reflexões apareceram, e uma série de questionamentos referentes à prática do futebol produzida no contexto escolar passaram a ser formulados. Motivados pelo desejo e pela necessidade de compreender essa manifestação cultural e esportiva no contexto escolar, passamos a nos interessar pelo estudo de como é possível aprender uma prática que não é ensinada no contexto escolar, mesmo sendo ela realizada sistematicamente dentro da escola. Somente a partir dos estudos e pesquisa realizados foi possível compreender a força da “*pedagogia do rola bola*”, tendo em vista que para nós, brasileiros, supõe-se que o futebol não precisa ser ensinado, pois “*nós já nascemos sabendo*”, como se a arte da prática futebolística fosse inerente a qualquer pessoa nascida no Brasil.

Figura 1 - Prática do futebol durante o recreio na Escola C



Fonte: Foto do autor, maio de 2014.

## 2.3 O FUTEBOL NO CAMPO HISTÓRICO

Vale destacar novamente que, na cultura brasileira, o futebol se faz presente no cotidiano da grande maioria da população. O futebol é uma realidade moderna de múltiplas dimensões. Uma paixão para torcedores, um sonho para jovens e crianças, um negócio lucrativo para

dezenas de empresas, um objeto de pesquisa para a ciência, etc. Há poucas décadas as crianças brincavam nos campos de peladas, nas periferias, nos campos das “várzeas”. Com o crescimento econômico das cidades, a concentração urbana e a especulação imobiliária, os tradicionais espaços comunitários onde se brincava de futebol foram apropriados para atender os interesses da iniciativa privada. Por isso, para as crianças das médias e grandes cidades, a prática do futebol se viabiliza praticamente em três lugares distintos: no espaço escolar, nas escolinhas particulares de futebol e no ambiente virtual. Além de se fazer presente em nossa cultura (povo brasileiro), o futebol é também consolidado na cultura mundial.

Para tratar de futebol é preciso procurar entendê-lo. É importante compreender, também, como ele se formou e quais esportes se relacionam intimamente com ele em sua formação. É pertinente saber como ocorreu a sua massificação, algo que o tornou o esporte mais praticado no planeta. Mas, o que é futebol? Em seu livro *O Que é Futebol*, José Sebastião Witter<sup>7</sup> (1990) afirma categoricamente que este esporte é um “jogo de bola”. Porém a definição amplia sobremaneira as manifestações de jogos com os pés, não se restringindo apenas ao esporte bretão de 17 regras, ou seja, todos os outros esportes praticados que vão além das 17 regras podem ser classificados como futebol. Nesse sentido, todos os tipos de “peladas”, “como o futebol de rua, as peladas nos terrenos baldios e praias, os jogos nas fazendas, na várzea, na escola... sendo que, em cada uma dessas formas, algumas regras são alteradas”, são efetivamente consideradas futebol (SCAGLIA, 1999. p. 6). Continua Scaglia (1999, p. 6):

Portanto, as 17 incontestáveis regras do futebol moderno são subvertidas em alguns momentos, quando, por exemplo, crianças enfeitiçadas pelo fascínio que o rolar da bola lhes causa, modificam algumas regras, para assim, refestelarem-se com o prazer inigualável proporcionado pelo jogo.

Nota-se, por conseguinte, que a partir do futebol várias outras brincadeiras foram e ainda são criadas pelas crianças, ampliando assim o leque de jogos e brincadeiras de acordo com a necessidade que se coloca perante elas. Nesse aspecto, a diversidade de maneiras de se jogar o futebol ultrapassa as definições dos jogos e regras oficiais, ou seja, o futebol é produzido de muitas maneiras. Mas, se olharmos atentamente vamos nos dar conta de que não escutamos falar de futebol no plural. O

---

<sup>7</sup>WITTER, José Sebastião. *O Que é Futebol?* São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

que temos, efetivamente, é uma multiplicidade de práticas em um jogo<sup>8</sup>. As práticas desse esporte, fora das regras oficiais, deixam de ser estáticas e homogêneas para tornarem-se plurais e dinâmicas, onde uma coisa vira outra muito rapidamente, dependendo do contexto em que os praticantes estão inseridos no momento da prática. Por isso temos o bobinho, a disputa de bolãozinho, as brincadeiras de pênalti, os dois toques, duplas, trios, jogos sem goleiro, travinha fechada, etc. Resumindo, há uma diversidade muito grande de práticas do futebol, sem contar a mesma diversidade de objetos que os praticantes usam como “bola” de futebol<sup>9</sup>. Segundo Tubino (1999),

para entender a origem do esporte, é fundamental vinculá-lo ao jogo. A história do esporte será invariavelmente a história dos jogos. As próprias definições de esporte passam pelo jogo, o que demonstra de forma inequívoca que é o jogo que faz o vínculo entre a cultura e o esporte. Alguns autores chegam a definir o esporte como a antítese do jogo, enquanto outros defendem que o esporte é o jogo institucionalizado, o jogo regulado por códigos e regras e comandado por entidades dirigentes, como as federações (TUBINO, 1999, pp. 12-13).

Ao analisarmos a história do futebol, constatamos que ele surgiu a partir de um processo bastante semelhante ao já citado. Segundo Scaglia (1999, p. 7), é

diferente apenas no sentido – o inverso. Ou seja, jogos criados e praticados em diferentes épocas,

---

<sup>8</sup>Cabe ressaltar aqui a diferença entre jogo e esporte. Segundo Larissa Rafaela Galatti, pesquisadora do Grupo de Estudos em Pedagogia do Esporte (Gesp) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), o jogo é definido como uma atividade de caráter lúdico, com normas livremente estabelecidas pelos participantes. O esporte, por sua vez, tem regras preestabelecidas pelas diferentes instituições que regem cada modalidade esportiva, sejam ligas, federações, confederações ou comitês olímpicos. A busca pela vitória e competitividade também está presente. Disponível em: <http://www.educacaofisica.com.br/index.php/escola/canais-escola/educacao-fisica-escolar/23278-qual-a-diferenca-entre-jogo-e-esporte>

<sup>9</sup>Garrafas plásticas, tampas de garrafas, bolas de vôlei, latas de refrigerantes, etc, foram objetos usados como bolas de futebol nas escolas onde realizamos a pesquisa.

com diferentes finalidades, em diferentes culturas, ao ensinarem os povos a desenvolver suas habilidades referentes ao controle de uma bola com os pés, contribuíram para que na Inglaterra surgisse, através da sistematização e divulgação das regras, o futebol (moderno), esporte muito conhecido por nós na atualidade.

Vários pesquisadores do futebol costumam afirmar que a origem desse esporte se perde no tempo. Segundo pesquisas<sup>10</sup>, a origem pode estar na China, onde há indícios de uma prática esportiva parecida com o futebol. Poderia estar nos maias, que usavam cabeças de adversários derrotados em guerras para jogar, ou mesmo no Egito Antigo, onde uma bola era chutada durante as brincadeiras. Porém, chamar essas práticas de futebol é bastante temeroso. Embora não se possa negá-las com veemência, cabe salientar que tais atividades não podem ser ignoradas.

Eduardo Galeano, em sua obra *Futebol ao Sol e à Sombra* (1995), faz um apanhado histórico sobre o futebol, narrando as origens e as incertezas acerca deste esporte. Além de um breve histórico sobre o futebol, Galeano lança um olhar para cada personagem que compõe o jogo. De maneira singular ele analisa o goleiro, jogadores de linha, torcedores, árbitro, ídolo, técnicos e até a bola. Até mesmo a instrumentalização do futebol, feita principalmente pelos regimes ditatoriais como forma de propaganda de governo, não passa em branco pelo autor uruguaio. No início de sua obra, Galeano (1995, p. 02) afirma que,

a história do futebol é uma triste viagem do prazer ao dever. Ao mesmo tempo em que o esporte se tornou indústria, foi desterrando a beleza que nasce da alegria de jogar só pelo prazer de jogar. Neste mundo do fim do século, o futebol profissional condena o que é inútil, e é inútil o que não é rentável. Ninguém ganha nada com essa loucura que faz com que o homem seja menino por um momento, jogando como o menino que brinca com o balão de gás e como o gato brinca com o novelo de lã: bailarino que dança com uma bola leve como o balão que sobe ao ar e o novelo

---

<sup>10</sup>Como exemplos de trabalhos relacionados ao tema, destacam-se as seguintes obras: *Bola no pé: a incrível história do futebol*, de Marcos Abrucio e Luisa Massarani, e *Histórias do futebol: estórias da bola*, de José Almeida de Castro.

que roda, jogando sem saber que joga, sem motivo, sem relógio e sem juiz.

Ainda sem perder seu toque poético e sutil, Galeano denuncia a transformação do futebol em um negócio da indústria do espetáculo, onde a maioria dos seus amantes estão relegados à condição de meros espectadores.

O jogo se transformou em espetáculo, com poucos protagonistas e muitos espectadores, futebol para olhar, e o espetáculo se transformou num negócio mais lucrativo do mundo, que não é organizado para ser jogado, mas para impedir que se jogue. A tecnocracia do esporte profissional foi impondo um futebol de pura velocidade e muita força, que renuncia a alegria, atrofia a fantasia e proíbe a ousadia (GALEANO, 1995, p. 02).

Acerca da historicidade desse esporte, com base em Melo (2000), podemos afirmar que foi mesmo na Inglaterra onde ocorreu o nascimento do futebol moderno. Foi em escolas frequentadas por filhos da elite inglesa que surgiram as regras do futebol. Esse esporte tinha por objetivo inculcar nos jovens britânicos valores sociais como o cavalheirismo, a honestidade, a boa conduta, entre outros valores. Tais valores sociais chegaram também ao Brasil, onde o caso mais clássico é o do goleiro do Fluminense do início do século passado, Marcos Carneiro Mendonça, que além de jogar elegantemente trajado, costumava parabenizar os adversários quando estes conseguiam vencê-lo ou fazer gol em sua meta.

Notadamente no Brasil, o futebol não chegou através de Charles Miller<sup>11</sup>, como se costuma propagar. Os colégios jesuítas do Brasil já praticavam o esporte desde 1880, e o colégio Pedro II, uma escola laica, já o praticava desde 1892. Charles Miller só trouxe os materiais esportivos para o Brasil em 1894, porém é inegável sua importância na difusão desse esporte para o país.

Em terras brasileiras, apesar de não ter nascido na várzea, foi nela o lugar onde o futebol passou a ser praticado com maior intensidade, o

---

<sup>11</sup>Até pouco tempo existia quase uma unanimidade sobre ter sido Charles Miller o introdutor do futebol no Brasil. Hoje várias pesquisas já apontam outros caminhos para a chegada desse esporte em terras brasileiras, entre elas podemos citar os estudos de Witter (1990), Melo (2000), Klein e Audinino (1996) e Franzini (2009).

que proporcionou sua popularização, pois sendo praticado neste local favoreceu a apreciação das partidas pelo povo de um modo geral, e não apenas pelos mais afortunados, como no caso do turfe ou do críquete. Outro ponto positivo nesse caso era o baixo custo do material necessário para a prática do futebol, pois até com bexiga de boi se realizavam partidas. É preciso considerar, também

[...] que os outros esportes tinham regras bastante complicadas, enquanto o futebol tinha um conjunto de regras de fácil entendimento. Essa facilidade é até hoje propagada como o grande trunfo do futebol. Isto é, enquanto a cada edição dos Jogos Olímpicos grande parte dos esportes muda suas regras, o futebol permanece o mesmo há anos (MELO, 2000, p. 21).

A figura abaixo é bastante elucidativa em relação ao início do futebol em terras brasileiras. Ficam muito evidentes as condições nas quais o esporte era praticado quando de sua chegada ao país. As condições eram muito precárias se comparadas até mesmo com o futebol amador dos dias atuais.

Figura 2 - Futebol de várzea: treino entre o Internacional e Germânia em São Paulo, 1899



Fonte: Instituto Ciência Hoje<sup>12</sup>.

Nas três primeiras décadas do século XX, o futebol ganha espaço no Brasil e sua prática se espalha entre muitas pessoas das mais variadas classes sociais. Várias ligas foram criadas nesse período, proporcionando jogos interestaduais e também internacionais. Nesse mesmo período temos a passagem do amadorismo para o

---

<sup>12</sup> Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br/revista-ch/2010/269/a-historia-entra-em-campo>> Acesso em setembro de 2014.

profissionalismo, com isso ocorre uma participação cada vez maior de atletas das camadas mais populares nos clubes, assim como também aparecem as figuras dos “cartolas” no cenário do futebol brasileiro. Embora Bangu Atlético clube e Associação Atlética Ponte Preta disputem entre si o título de primeiro clube do país a aceitar negros, foi o Clube de Regatas Vasco da Gama o grande expoente dessa integração. A discussão acerca da inserção de negros e pobres no meio futebolístico brasileiro é bastante cristalizada na obra de Mário Filho (2004), *O negro no futebol brasileiro*. Em sua obra Mario Filho destaca que a destreza oriunda da prática da capoeira e do samba prepararam os corpos dos jogadores oriundos do proletariado urbano para remodelar o jogo duro desenvolvido pelos ingleses. Para o autor o futebol surgido a partir da inserção do negro é insinuante, alegre, com dribles, surpresas, cheio de magia. O momento do gol coroa as inovações produzidas pelo jogar brasileiro, produzida por um saber jogar genuinamente brasileiro.

Essa inserção de atletas de origem humilde — brancos pobres e negros — no espaço do futebol foi decisiva para o aparecimento do chamado futebol-arte. Segundo Rodrigues (2004), tal feito está associado a dois fatores importantes. Primeiro, é que

O racismo brasileiro no futebol exigia dos negros e mulatos o intenso cuidado em desviar, não tocar em jogadores brancos, pois em alguns casos, isso poderia provocar agressões. A constante exigência de dribles a habilidades dos jogadores de cor foi essencializando uma forma de prática futebolística baseada na ginga, habilidade e talento. Na verdade, isso teve sua contribuição para o futebol arte (RODRIGUES, 2004, p. 276).

Entretanto, a “ginga” característica e reconhecida dos negros está presente também em outras habilidades corporais: no correr, na capoeira, na dança, na música, etc. Porém não podemos apontar apenas a questão biológica e racial como forma de classificação para o desenvolvimento das habilidades corporais do negro. Analisando o conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu, podemos identificar a construção social do corpo do negro. Segundo este autor o *habitus* se apresenta como um dispositivo de socialização. Neste sentido podemos inclusive afirmar que existe uma prática social que reproduz o racismo em relação ao corpo do negro quando associa este corpo como algo

propenso apenas à ginga, à dança, à capoeira ou ao futebol. Observamos isso cotidianamente na grande mídia.

O segundo fator Rodrigues associa à tese defendida por Toledo (2002). Ele argumenta que

os brasileiros inicialmente interpretaram mal as regras do futebol. Isso teria contribuído para que o contato corpo a corpo e o tranco fossem tidos como irregularidades, algo para ser evitado no Brasil: por isso, nossa habilidade em dribles geniais, ginga, firulas e plasticidade nas jogadas (RODRIGUES, 2004, p. 276).

Nas décadas de 1950 e 1960, com o advento da divulgação das Copas do Mundo, aqui no Brasil o esporte deixa de ser um simples jogo. Não se falava da seleção, ia-se muito além disso, era o país que estava em campo. Na década de 1970, a visão da seleção brasileira de futebol enquanto país é muito mais explorada. Particularmente na Copa de 1970, o governo civil militar exalta o sentimento patriótico através da paixão dos brasileiros pela seleção de futebol. No rádio e na televisão a marcha patriótica repetia diariamente o refrão musical que dizia “90 milhões em ação, pra frente Brasil!” Mas, não podemos esquecer do “ame-o ou deixe-o”. Enquanto a repressão, tortura e morte corriam soltas no país, o futebol era o principal agente do “pão e circo”.

### 2.3 O FUTEBOL NA LITERATURA ACADÊMICA

Mesmo em números não tão elevados, trabalhos sobre a temática futebol estão sendo produzidos no Brasil. Os trabalhos são bastante heterogêneos em suas abordagens<sup>13</sup>. Embora não tratem do tema aprendizagem, muitos pesquisadores acabam por se tornar referência para produções científicas por fornecerem dados importantes sobre como se dá a apropriação do futebol no cotidiano. Nos trabalhos de Adorno (2000), Kunz (2004), Bracht (2005), DaMatta(2006) e Freire (2011) encontram-se resultados importantes referentes à especificidade do processo de aprendizagem do esporte em geral e do futebol em particular.

Embora apresentados de maneira quase sequencial, os autores citados acima e que orientam esta abordagem possuem divergências

---

<sup>13</sup>É importante destacar o futebol como pontapé inicial para o entendimento de várias questões como a cultura operária, a religião, a relação de poder, dentre outras.



teóricas. Cabe ressaltar, portanto, que os mesmos não são interlocutores entre si. Há entre eles olhares conflitantes tanto na forma de analisar o esporte quanto na forma de propor metodologias de trabalho para o futebol ou o esporte em geral que é desenvolvido na escola. Daolio (1997), ao analisar os dois grupos do pensamento científico da Educação Física brasileira da década de 80<sup>14</sup>, afirma que,

se fosse fazer a biografia de qualquer um dos autores/atores da Educação Física brasileira, não seria possível não citar os outros, quer pela aproximação, quer pelo seu distanciamento enquanto ideias. Confirmando ou contestando, uns contribuíram para os outros existirem enquanto pensadores da Educação Física brasileira, dando sentido à atuação e à forma de pensar de cada um (DAÓLIO, 1997, p. 189).

Adorno (2000) foi um dos pensadores mais influentes da segunda metade do século XX. Apesar de o tema esporte não ser discutido abundantemente por ele, não ser objeto central de seus estudos, não podemos negar sua relação com mesmo e o quanto sua obra influenciou outros estudiosos que se aprofundaram neste campo<sup>15</sup>. É prudente lembrar que Adorno viveu em dois países que historicamente são potências esportivas, no caso a Alemanha, seu país de origem, e os Estados Unidos, país em que se exilou com a perseguição que sofreu após a ascensão de Adolf Hitler ao poder. Será neste contexto de exílio que Adorno escreve em parceria com Horkheimer uma de suas principais obras, *Dialética do Esclarecimento*. Adorno (1986, p. 80) nos fala que,

o esporte moderno procura devolver ao corpo uma das partes das funções que a máquina havia lhe roubado. Mas ele procura fazê-lo para colocar o

---

<sup>14</sup>Segundo Daolio, na década de 1980 dois grupos rivalizaram o panorama científico da Educação Física brasileira, ficando conhecidos como os “progressistas” e os “reacionários”, identificados também como a “turma do social” e a “turma do biológico”, ou seja, um grupo discutia a Educação Física a partir da concepção biológica da natureza humana e o outro a partir da concepção cultural.

<sup>15</sup>Destacam-se aqui Bero Rigauer, autor vinculado à escola alemã e um dos primeiros intelectuais que aplicou o enfoque marxista ao esporte, e Jean-Marie Brohm sociólogo, antropólogo e filósofo francês, autor de dezenas de obras no campo da sociologia crítica do esporte.

homem de forma mais implacável ainda a serviço da mesma máquina. Ele molda o corpo tendencialmente à máquina. Por isso, ele pertence ao mundo da não liberdade, independente de onde a gente o organize.

Em suas reflexões, Adorno observava o esporte como um fenômeno social que era costumeiramente criticado por ele. A comparação do ser humano à máquina, tida como inimigo de uma educação emancipadora, espetáculo de uma indústria cultural, meio de alienação e de mistificação das figuras esportivas, condutor da irracionalidade presente nas manifestações de massas, são algumas das críticas dirigidas por Adorno ao esporte. Fica patente que o intelectual alemão não era afeito ao esporte de alto rendimento. Para ele, este modelo era uma expressão da violência, e via nestas competições espaços onde os excessos seriam tolerados. O esporte “seria uma mediação privilegiada entre crueldade e submissão à autoridade, uma atividade disciplinadora da aceitação das regras do jogo” (VAZ, 2011, p. 260). Para Adorno, no esporte ocorre a presença do culto à obediência, ao autoritarismo e ao sofrimento. Sua aversão pelos grandes eventos pode estar vinculada a sua condição de perseguido étnico-político. Seus textos afirmam que grandes eventos esportivos sempre estiveram ligados às manifestações de massa de regimes totalitários. Ao tratar da ambiguidade do esporte, Adorno afirma:

(...) Aqui seria preciso estudar também a função do esporte, que ainda não foi devidamente reconhecida por uma psicologia social crítica. O esporte é ambíguo: por um lado, ele pode ter efeito contrário à barbárie e ao sadismo, por intermédio do *fair-play*, do cavalheirismo e do respeito pelo mais fraco. Por outro, em algumas de suas modalidades e procedimentos, ele pode promover a agressão, a brutalidade e os sadismo, principalmente no caso de espectadores, que pessoalmente não estão submetidos ao esforço e à disciplina do esporte; são aqueles que costumam gritar nos campos esportivos. É preciso analisar de uma maneira sistemática essa ambigüidade. Os resultados teriam que ser aplicados à vida esportiva na medida da influência da educação sobre a mesma (ADORNO, 2000, p. 127).

Adorno fez profundas observações sobre o “tempo livre”, problematizou o uso da expressão e fez sua relação com o mundo do

trabalho. Ao relacioná-lo com o esporte, Adorno faz uma crítica contundente, argumentando que em sua pseudo liberdade, a prática esportiva é um meio de adestramento para o mundo do trabalho. A aptidão física nada mais é do que uma exigência do mundo do trabalho.

Ao tratar dos esquemas da indústria cultural, o intelectual nos diz que tais esquemas são impiedosos tanto na produção simbólica do esporte quando na produção da imagem do esportista como um herói.

Eis aí o segredo da sublimação estética: apresentar a satisfação como promessa rompida. A indústria cultural não sublima, mas reprime. Expondo repetidamente o objeto do desejo, o busto no suéter e o torso nu do herói esportivo, ela apenas excita o prazer preliminar não sublimado que o hábito da renúncia há muito mutilou e reduz ao masoquismo. Não há nenhuma situação erótica que não junte à alusão e excitação a indicação precisa de que jamais se deve chegar a esse ponto (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.115).

Adorno estabelece uma diferenciação entre jogo e esporte. Segundo ele, ao longo do tempo houve uma transformação do jogo em esporte. É prudente lembrar que essa leitura de Adorno com relação à transformação do jogo em esporte, vem da leitura que o mesmo fez de Johan Huizinga<sup>16</sup>, pois o sociólogo holandês é citado por Adorno em outros trabalhos. Vale destacar que essa transformação apontada por Adorno não significa uma sequência linear de tal transformação.

Em seus comentários referentes ao esporte, Adorno deixa claro sua posição. A forma como o homem se relaciona com o esporte, e como o corpo é utilizado nesse processo é alvo de críticas. A maneira como o público do esporte se relaciona com o mesmo também é alvo de desaprovação por parte de Adorno, pois segundo ele não há uma reflexão do público esportivo acerca da indústria cultural estabelecida em torno do esporte. Um outro ponto de crítica é em relação ao caráter de exemplo e modelo assumido socialmente pelo esporte.

Apesar de Adorno não ter sido um estudioso das questões envolvendo o esporte, não podemos negar a consistência de suas críticas à irracionalidade coletiva das manifestações esportivas, sobretudo se tomarmos como exemplo as ditaduras da América Latina, que

---

<sup>16</sup>A principal referência de Johan Huizinga é sua obra *Homo Ludens*. Esta obra que deve ter servido de base para as observações de Theodor W. Adorno.

invariavelmente se aliavam e usavam as manifestações esportivas como meio de propaganda de seus regimes.

Também não podemos esquecer das engenharias da indústria cultural e do processo de fabricação de seus produtos. A vinculação dos astros esportivos com marcas é recorrente. A fabricação de ícones esportivos ou mesmo musas do esporte são métodos bastante comuns nesse mundo do espetáculo esportivo. No mundial de 2014 foi bastante frequente observar a tentativa da criação dos ícones e das musas. Sites e a televisão mostravam sistematicamente belas mulheres para que fossem eleitas a musa da Copa 2014. Por isso é lícito afirmar que a tese de Adorno e de Horkheimer permanecem bastante atuais. A Indústria cultural não permite nenhuma abertura para mediação, tendo em vista que tudo nela é absolutamente imediato. De acordo com Adorno e Horkheimer,

O espectador não deve ter necessidade de nenhum pensamento próprio, o produto prescreve toda reação: não por sua estrutura temática – que desmorona na medida em que exige o pensamento -, mas através de sinais. Toda ligação lógica que pressupunha um esforço intelectual é escrupulosamente evitada. Os desenvolvimentos devem resultar tanto quanto possível da situação imediatamente anterior, e não da idéia do todo (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 113).

Diante do que colocamos à luz do conceito de indústria cultural, notamos como o esporte é utilizado em nosso tempo de lazer. Nos moldes abordados ele deixa de ser uma prática (experiência), para paulatinamente se tornar uma assistência (vivência). Isso construído pelos veículos midiáticos. Cabe também ressaltar que nos moldes expostos, ele deixa de ser uma prática como direito social e passa a ser uma mercadoria a ser adquirida e consumida.

Uma referência importante para a construção do objeto desta pesquisa é o trabalho de Kunz<sup>17</sup> (2004). O ponto de partida de Kunz é a crítica aos princípios básicos do esporte: sobrepujança e comparações objetivas. Destes derivam as seguintes tendências: especialização, instrumentalização e selecionamento. O pensamento de Kunz é alicerçado na teoria crítica da escola de Frankfurt<sup>18</sup>, especialmente nas

<sup>17</sup>Elenor Kunz é o principal autor da teoria crítica emancipatória no Brasil.

<sup>18</sup>Em 1923, um grupo de intelectuais marxistas composto pelo psicólogo Erich Fromm, o sociólogo Theodor Adorno e pelos filósofos Max Horkheimer e Herbert Marcuse fundaram o Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt.

ideias de Jürgen Habermas, Max Horkheimer e Theodor Adorno. A teoria lacaniana<sup>19</sup> também compõe o conjunto de pensamento de Kunz. O objetivo central dos intelectuais frankfurtianos é elaborar estudos críticos acerca dos fenômenos sociais. A esse respeito, Alves-Mazzotti afirma que,

para os frankfurtianos, o valor de uma teoria depende de sua relação com a práxis. Isto significa que, para ser relevante, uma teoria social tem de estar relacionada às questões nas quais, num dado momento histórico, as forças sociais mais progressistas estejam engajadas (ALVES-MAZZOTTI, 2002, p. 116).

Com base em seus estudos, Kunz propõe à Educação Física, principalmente a escolar, uma série de mudanças no seu fazer pedagógico. Tais mudanças devem ocorrer a partir de uma proposta de ensino concreta. Tal proposta — crítico-emancipatória — não fica presa à crítica, ela propõe soluções práticas de ensino. De acordo com a abordagem de Kunz, a Educação Física pode contribuir para que o indivíduo adquira conhecimentos de forma crítica e reflexiva, e, sendo assim, o papel alienador da educação acaba por desfazer-se. Nesse sentido, evidenciamos a importância do trabalho do autor por se fazer claro em sua crítica à produção do conhecimento não para o indivíduo, mas sim para atender ao capitalismo e suas necessidades e interesses.

Kunz (2004) toma três pontos como princípios orientadores da sua proposta metodológica no fazer pedagógico da Educação Física<sup>20</sup>: trabalho/objetividade, interação/sociabilidade e linguagem/subjetividade. Essas categorias são colocadas na perspectiva de um agir comunicativo. Na categoria trabalho, estabelecem-se situações-problemas e o treino propriamente dito das habilidades<sup>21</sup> necessárias para o aluno, tanto individual como coletivamente. Não é

---

<sup>19</sup> Referência a Jacques Lacan, psiquiatra francês que trouxe uma nova abordagem para a psicanálise ao enfatizar em seus estudos a importância da linguagem. Cabe ressaltar que Lacan é um discípulo de Freud.

<sup>20</sup> São três categorias básicas que orientam o processo didático pelas “transcendências”: experimentação; saber/conhecimento; criação. Essas três categorias levam ao desenvolvimento das competências objetivas, comunicativas e sociais.

<sup>21</sup> Cabe ressaltar que “habilidade”, em kunz, não é sinônimo de possibilidade motora para a prática de determinado esporte.

demais assinalar a importância de se priorizar a vivência do aluno para depois apresentá-lo ao conhecimento técnico, como um elemento que poderá levá-lo à emancipação. Com relação à interação, como o termo já esclarece, é fundamental que o conjunto dos alunos estejam interagindo permanentemente. Não cabem nessa proposta trabalhos individuais, o trabalho deve ser em pequenos grupos, com o grupo todo ou no máximo em duplas. Especificamente sobre essa categoria, o autor afirma:

Mesmo na fase da ‘transcendência de limites pela experimentação’, é possível que os alunos trabalhem em pequenos grupos e se auxiliem mutuamente para superar certas barreiras do medo, da insegurança e da falta de alguma habilidade para a atividade pretendida. Nesta fase, ainda, pode haver planejamentos conjuntos sobre os tipos de atividades ou habilidades que preferem aprimorar ou para que tipo de problema do movimento que se pretende encontrar solução. Importante para essa categoria, é a demonstração ou, como já vimos anteriormente, a encenação das experiências do movimento, das soluções encontradas e ensaiadas. Sobre cada encenação planejam-se novas encenações e soluções. Existem estratégias didáticas para que as interações dos alunos, o trabalho coletivo, seja realmente levado a sério e possa contribuir para a formação da competência social do aluno (KUNZ, 2004, p. 142).

No tocante à linguagem, esta se destina à comunicação verbal aprimorada. É de competência do professor o desenvolvimento mais eficiente desta categoria, pois é através dela que o aluno pode expressar com maior clareza suas experiências, ideias, desejos; é através dela que o aluno consegue descrever os erros e os acertos na execução de uma atividade, mostrando “um processo de autoconhecimento e conhecimento do outro na relação social, propícia à motivação para a superação de eventuais dificuldades e fraquezas” (KUNZ, p. 145).

Considerando a educação num sentido mais amplo, podemos afirmar que esta se estabelece em todo o processo de formação, construção e reconstrução permanentes do ser humano. Na perspectiva kunziana, educação é uma atividade que vai muito além da transmissão do conhecimento para que o indivíduo seja competente no âmbito do trabalho. Nessa perspectiva, alunos e professores devem construir e reconstruir os conhecimentos, que levam em consideração as relações

do ser com o mundo, ressaltando o sujeito histórico capaz de construir sua historicidade.

Kunz trabalha com a concepção de educação libertadora. Segundo ele esta concepção se opõe à educação bancária, cujo método e resultado produzem a alienação do educador e do educando. Com uma educação libertadora o homem pode ser sujeito de sua história. Já a educação bancária promove a passividade do aluno. Neste modelo, o professor assume o papel de dono do saber, é ele que detém os conteúdos. Somente o professor é sujeito do processo, ele conduz a caminhada a seu bel prazer, impedindo um diálogo que pode ser fonte de construção do saber e de emancipação social. Conforme Paulo Freire (1987),

na concepção bancária que estamos criticando, para a qual a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, não se verifica nem pode verificar-se esta superação. Pelo contrário, refletindo a sociedade opressora, sendo dimensão da cultura do silêncio a educação bancária mantém e estimula a contradição.

[...] Na medida em que esta visão bancária anula o poder criador dos educandos ou o minimiza, estimulando sua ingenuidade e não sua criticidade, satisfaz aos interesses dos opressores: para estes, o fundamental não é desnudamento do mundo, a sua transformação (FREIRE, 1987, pp. 59-60).

Dentro de sua proposta para a ação pedagógica, a crítico-emancipatória, Elenor Kunz parte do princípio de que o indivíduo é capaz de ação; sendo capaz de agir, o indivíduo se utiliza da linguagem para se comunicar com os outros indivíduos na busca de um entendimento. O autor fala das possibilidades que as várias formas de entendimento linguístico-comunicativos podem oferecer ao aluno para que este desenvolva uma capacidade crítica que o leve a uma condição de emancipação. Sendo assim, concluímos que a Educação Física, junto com as demais áreas do conhecimento, pode contribuir para o processo de emancipação do indivíduo. Isso se dá por meio de uma relação intersubjetiva entre os indivíduos, levando estes sujeitos a uma elaboração social do conhecimento, partindo do conhecimento

individual para o coletivo, e, desta forma, contribuindo sobremaneira para o processo de mudança da realidade.

Elaborando uma crítica bastante coerente em relação ao esporte escolar, o autor esclarece que é comum o professor procurar conduzir os alunos na direção de objetivos preestabelecidos por ele, que pode ser um recorde, vitória em campeonato, ou outros objetivos. Pode também incutir no aluno apenas a necessidade de uma formação para o mercado de trabalho, com o que acaba por reduzir o indivíduo aos valores e necessidades do capital. Sobre o tema, Kunz afirma que

Com toda certeza, nenhuma criança, por si só, optaria livremente em treinar o esporte de forma especializada, sistemática e intensiva como normalmente é realizada, ou seja, como objetivo de arrancar resultados cada vez melhores em menos tempo (poderíamos chamar isto de ‘princípio da racionalidade irracional’ do esporte) (KUNZ, 2004, p. 51).

Isso posto, é lícito afirmar que desenvolver o esporte com o intuito de alcançar alto rendimento ou formar atletas não faz sentido para o ambiente escolar. Uma prática com essa característica exclui sistematicamente grande parte dos indivíduos. O esporte escolar deve estar adequado às necessidades do público do espaço escolar. O esporte escolar deve proporcionar conhecimento e vivência a todos os que estão inseridos na comunidade escolar.

A tendência crítico-emancipatória procura refletir sobre as questões do conhecimento no âmbito da Educação Física, mas pode ser adaptada para as outras áreas do conhecimento. Essa tendência foca o conhecimento no sujeito/sujeito, como propõe a concepção progressista de educação, e não no sujeito/objeto, como estabelecem as ciências naturais. Na concepção de Kunz (2004), o conhecimento é construído a partir da dialogicidade, na possibilidade da troca, com respeito às diferenças e compartilhando o mundo vivido na compreensão histórica da cultura no seu contexto social, político e cultural. Nessa perspectiva temos as condições necessárias para que o aluno construa e aplique o conhecimento às reais necessidades. Nesse enfoque, a linguagem desempenha um papel essencial.

Preparar o indivíduo para desenvolver-se na sociedade com autonomia é o objetivo da teoria kunziana. Para que tal intento ocorra, é fundamental que o indivíduo desenvolva o conhecimento de forma crítica. Transformando a prática pedagógica em um espaço de elaboração do conhecimento, todos acabam ganhando: professor, aluno



e comunidade em geral. Mas, sabemos que há dificuldades em aplicar a teoria de Kunz nas escolas. Isso ocorre em virtude das instituições escolares ainda optarem pelo ensino técnico, que segundo o autor é alienante, e assim sendo acabam por dificultar e obstruir os caminhos que levam à renovação da educação e ao estabelecimento da educação emancipatória. E além disso, a estrutura da realidade escolar é a estrutura da educação bancária.

Bracht (2005) elabora uma crítica de base teórica, realçando valores humanos e sociais quanto à questão do esporte no mundo de hoje. Ele inicia sua obra afirmando que

Não é de todo equivocada a afirmação de que o esporte é um dos fenômenos mais expressivos da atualidade. Sem dúvida, o esporte faz parte hoje, de uma ou de outra forma, da vida da maioria das pessoas do mundo. Tão rápido e tão ‘ferozmente’ quanto o capitalismo o esporte expandiu-se pelo mundo todo e tornou-se a expressão hegemônica no âmbito da cultura corporal de movimento (BRACHT, 2005, p. 09).

O autor organiza um conjunto de teorias que tentam responder os grandes impasses que envolvem o fenômeno esportivo moderno. Explicando as principais vertentes crítico-filosóficas que podem ser utilizadas para analisar o esporte, propondo uma crítica da crítica, observando a função do esporte na sociedade e o seu significado humano, Bracht contribui significativamente para o entendimento do esporte.

Existe um certo consenso de que o esporte moderno surgiu no âmbito da cultura europeia, mais especificamente na Inglaterra do século XVIII. Naquele período o processo de industrialização, urbanização e o crescente aumento da tecnologia transformaram o cotidiano da imensa maioria da população. Os jogos populares, que até esse período estavam vinculados a festividades de colheitas e religiosas, deixam de ser compatíveis com os novos valores da sociedade industrial. Nesse mesmo momento as práticas corporais oficiais ficam restritas às escolas públicas, onde acabam por sofrer uma sistematização progressiva e desenvolvem-se com a expansão do ensino público e o

surgimento das competições escolares locais e regionais.<sup>22</sup> Admitindo a ocorrência de uma ruptura histórica, Bracht (2005) vai se opondo a alguns autores que veem o esporte como fruto de um processo histórico linear<sup>23</sup> de desenvolvimento proveniente de práticas antigas, ou seja, segundo os quais essas práticas não apresentam rupturas com seus significados primários.

Bracht (2005), ao analisar o fenômeno esportivo de forma sistematizada, elabora críticas significativas em torno de algumas vertentes. Segundo o autor, o esporte pode ser abordado pelo olhar do marxismo ortodoxo, alicerçado no materialismo histórico, que o aborda enquanto reproduzidor da força de trabalho. Um outro olhar se vislumbra a partir do marxismo de vertente gramsciana, onde a questão da hegemonia se faz presente. Para Antonio Gramsci (1991), numa sociedade de classe a cultura hegemônica impõe seus valores. Nesse ponto de vista o esporte é um elemento de dominação, mas pode também se transformar num símbolo de resistência cultural e política quando usado pelos trabalhadores com esse objetivo. De orientação frankfurtiana, a teoria crítica entende o esporte como um sistema de ação coisificada e em consonância com o trabalho, um instrumento de repressão das necessidades, de manipulação e adaptação à sua condição, em troca da socialização que ele proporciona. Já a fundamentação foucaultiana vê o esporte como uma instituição disciplinadora e controladora do corpo, que através da manipulação e do treinamento pode tornar o indivíduo um membro da sociedade. Essa instituição (esporte) pode funcionar de forma negativa (quando reprime) ou de forma positiva (quando estimula).

Cabe também tratar, segundo Bracht (2005), a respeito da abordagem de Pierre Bourdieu. Este é sem dúvida “um dos poucos sociólogos importantes da atualidade que tem se preocupado com o fenômeno esportivo” (BRACHT, 2005, p. 51)<sup>24</sup>. Citando Hargreaves (1982), Bracht afirma que

---

<sup>22</sup>Para Bracht, aqui temos a caracterização de uma descontinuidade, uma ruptura histórica — mesmo não total — que mudou a essência da prática esportiva, fazendo desaparecer o aspecto lúdico e acentuando a competitividade.

<sup>23</sup>O principal defensor da linearidade histórica do esporte é o historiador holandês Johan Huizinga, autor da obra *Homo Ludens*.

<sup>24</sup>Sobre outros sociólogos que tratam da temática esporte, Valter Bracht afirma que Norbert Elias, em conjunto com Eric Dunning, são também referências a respeito do assunto.

Bourdieu observa que o campo das práticas esportivas é o lugar para a definição do corpo legítimo e do uso legítimo do corpo no esporte - amador X profissional, esporte participativo X esporte espetáculo, esporte distintivo (da elite) X esporte popular (de massa) – que é parte de um campo de luta mais geral pelo monopólio sobre o corpo entre categorias morais dos usos e definições ‘ascética’ e ‘hedonística’ do corpo (HARGREAVES APUD BRACHT, 2005, p. 53).

Nota-se que a prática esportiva é vista como parte do processo de reprodução das diferenças de classes sociais. Existem expectativas distintas em relação à prática esportiva e atividades corporais entre classes. Bourdieu sustenta que

onde para uma classe em primeiro plano está a aparência da musculatura atlética, para outra está a elegância e a beleza; enquanto uns esperam obter saúde, outros esperam compensação psíquica. Em outras palavras, a distribuição específica de classe da prática esportiva não está baseada apenas na desigualdade de recursos financeiros disponíveis, ela baseia-se também, nas diferentes percepções e entendimentos da prática esportiva (BOURDIEU, 1974, p. 107).

Ao expor suas ideias, Bracht vai propondo questionamentos, mas sem a intenção de respondê-los, e sim promover um debate acerca das temáticas: o esporte serve como um reforço da hegemonia das classes dominantes ou é um meio de articulação contra-hegemônica? O esporte é reflexo das relações sociais coisificadas ou um espaço de auto-realização criadora do indivíduo? Elemento da cultura industrial que transforma os indivíduos em objetos consumidores ou espaço para a criação cultural? Controle e repressão erótica do corpo ou revalorização da sensibilidade? É evidente que Bracht defende sempre a segunda hipótese dos questionamentos.

Outro ponto importante é a análise da relação entre a influência do Estado e o esporte. Aqui, percebemos que o que determina a ligação entre os dois é o tipo de vinculação existente entre Estado e sociedade civil. A esse respeito é possível afirmar que o esporte pode ter duas variantes: ou ele é uma via de promoção da reprodução da força de trabalho ou tem um efeito estabilizador, diminuindo as tensões sociais. Mas não podemos esquecer do potencial de instrumentalização política

do esporte, o que o transforma em uma peça importante no controle do Estado, que indubitavelmente privilegia a prática esportiva de alto rendimento voltada para se atingir metas ou recordes.

A relação das organizações esportivas com o Estado é de dependência, pois o Estado, de posse de recursos, promove investimentos nas associações que para terem o aporte financeiro de que necessitam, estruturam-se com o intuito de formar atletas de alto rendimento. Com os resultados obtidos por esses atletas, essas associações ganham prestígio tanto internamente quanto externamente. Já o Estado adquire com isso legitimação política para sua política interna e também pode explorar o nacionalismo. Vêmos, então, o esporte sendo usado como um meio para desviar o foco de problemas sociais internos do Estado. Percebemos, portanto, o porquê do esporte de alto rendimento ser hegemônico no campo da cultura corporal, enquanto o esporte de lazer é segregado no processo.

Com relação ao uso político do esporte de alto rendimento pelo Estado, podemos tomar como exemplo os Jogos Olímpicos de Berlim em 1936, quando Hitler fez uso do esporte como propaganda do regime nazista. Outro exemplo é o contexto da Guerra Fria<sup>25</sup>, quando os blocos dos países capitalistas e socialistas investiram maciçamente no esporte de alto rendimento como estratégia de propaganda do melhor modelo de organização social. Nesse cenário as olimpíadas se tornaram um campo de disputa e propaganda tanto para Estados Unidos quanto para União Soviética, sendo o esporte de alto rendimento o grande agente dessa publicidade.

Isso posto, fica patente que a ideia do estado de promover o esporte entre a população por motivos de higiene, saúde ou diminuição de índices de enfermidade, e com essa política conseguir a diminuição de gastos públicos com saúde, passa pela concepção de que para se ter uma recepção por parte da população destas práticas de forma mais eficaz, é necessário também a produção de ídolos do esporte. Como o esporte-lazer tende a imitar o esporte de alto rendimento, a criação de ídolos pela mídia é fundamental no processo. Daí a preocupação de Bracht e sua indagação, perguntando se

---

<sup>25</sup>Guerra Fria foi um termo cunhado por Walter Lippmann em 1947, que acabou sendo bastante difundido pela imprensa mundial. Caracteriza um período histórico de disputas estratégicas entre União Soviética e Estados Unidos. Vale lembrar que os enfrentamentos entre as duas potências ocorriam de forma indireta.

Devemos festejar e desejar a ampliação da prática e consumo do esporte com o acesso a um importante produto social e, na ótica liberal, encarar a ‘cultura de massa’ como expressão da democracia cultural criada/propiciada pelos meios de comunicação, símbolos vivos da liberdade de pensamento e expressão ou dela desconfiar, suspeitando manipulação de necessidades, de desejos, da subjetividade, enfim, do indivíduo? (BRACHT, 2005, p.122).

Apesar da quase unanimidade quanto à legitimidade social da prática do esporte, segundo Bracht, já se levantam vozes, “principalmente no meio acadêmico”, questionando os valores “humanos e sociais deste fenômeno”. O autor lembra que “a crítica do esporte é também crítica da sociedade”.

Roberto DaMatta (2006), em *A Bola corre Mais que os Homens*<sup>26</sup>, reuniu uma série de crônicas publicadas nos jornais *Folha da Tarde* e *O Estado de São Paulo*. A essas crônicas ele acrescentou mais três ensaios que escreveu abordando o papel social que o futebol exerce no que tange à construção da identidade e da cidadania brasileiras.

No trabalho de DaMatta as questões escola e aprendizagem não são abordadas, entretanto, como já mencionado em outros trabalhos, a aprendizagem do futebol não é homogenia, podendo ser desenvolvida até em contato com as crônicas dos jornais.

Roberto DaMatta inicia seu livro tratando da escolha do título. A frase tem uma história interessante. Ele a ouviu na sua infância de um comerciante de São João Nepomuceno, uma cidade do interior de Minas Gerais, ao ir pela primeira vez a um jogo de futebol, um clássico da cidade. Ao expor sua experiência pessoal, Roberto DaMatta exemplifica a forma como o futebol no Brasil cria também a identidade brasileira e acaba por diminuir as distâncias entre os atores sociais. No mesmo dia em que o autor escutou pela primeira vez a frase que dá nome a seu trabalho, um DaMatta ainda criança consegue perceber que nem sempre o melhor esquadrão acaba por vencer o campeonato. Foi exatamente por

---

<sup>26</sup>A importância de citar esse trabalho não reside no fato de ser o autor mais citado das Ciências sociais brasileiras em 2013, segundo a *Revista Ciência Hoje*, mas sim por tratar-se de um trabalho inovador, pela centralidade de sua reflexão, e também por apontar a singularidade da formação social brasileira quando o tema tratado é o futebol.

tal situação que Roberto DaMatta, quando ainda criança, tentou em vão descobrir com seu pai as nuances do futebol. Porém, por ser um funcionário público muito importante na cidade, seu pai lhe disse que era necessário manter uma “distância da comoção popular”, o que fez com que ele se aproximasse de uma terceira pessoa e de outras que lhe permitiram discussões como iguais acerca do futebol.

Em todo o primeiro conjunto de crônicas o autor tratou da participação da seleção brasileira durante o mundial de 1994 nos Estados Unidos. Nessa copa, a seleção brasileira conquistou seu quarto título mundial. É interessante lembrar que havia, em 1994, uma descrença muito grande por parte do povo e da mídia brasileira em relação ao sucesso da seleção. Em uma de suas crônicas, ao tratar do assunto e de como nós, brasileiros, mudamos de opinião quando tratamos de nosso selecionado de futebol, DaMatta nos diz que

De fato, anteontem, os nossos teóricos já estavam com as barbas de molho, porque o que se tem visto nesta copa é um bando de pernas-de-pau. Já no sábado, possuído pelo espírito de Nelson Rodrigues, eu dizia que o Brasil tinha o melhor plantel da copa. Um dos sobrinhos vaticinava que não iríamos passar de um humilde primeiro jogo; um cunhado dizia que nós, latinos, não tínhamos objetividade. Um irmão reativava as velhas teorias que ainda estão muito vivas entre nós.

Mas não há como a prática para liquidar com as teorias. Com essa insofismável vitória contra a Rússia, dissolveram-se os pessimismos e o time bisonho virou imbatível. Moral da história: só quem precisa de teoria é a derrota. Na vitória, quando tudo o que foi feito deu certo, só cabe o orgulho e o gozo da comemoração.

Já dizia Marx que a prova do pudim está em comê-lo. Graças a Deus que a bola corre mais que os homens (DAMATTA, 2006, p. 41).

Durante seu trabalho, DaMatta reafirma o rompimento das amarras proporcionadas pelo esporte, em especial o futebol. Tal afirmativa é perceptível tanto nas crônicas que fazem uma ligação direta com os primórdios da imprensa esportiva nacional com o flamenguista José Lins do Rego ou Nelson Rodrigues, torcedor fanático do Fluminense, quanto com outras indicações feitas durante seus trabalhos.

Nos três ensaios que encerram a obra de DaMatta, *Antropologia do óbvio*: um ensaio em torno do significado social do futebol brasileiro;

*Em torno da Dialética entre igualdade e hierarquia: notas sobre as imagens e representações dos jogos olímpicos e do futebol no Brasil e O Técnico e o futebol*, importantes temas a respeito do futebol são tratados.

Um dos destaques que merece reflexão é a ascensão social e financeira que a prática esportiva pode possibilitar aos brasileiros. Outro destaque feito pelo autor é em relação ao Brasil e à forma antropofágica com que os brasileiros assumiram o esporte bretão como paixão nacional<sup>27</sup>. Esse esporte, que no início era de elite e aristocrático, transformou-se em um elemento fundamental da construção do que o autor chama do “ser brasileiro”, à medida em que a prática esportiva abarca o campo das disputas teóricas e sociais, chegando inclusive a ser sumariamente rejeitado por importantes intelectuais brasileiros, como Lima Barreto.

Em uma sociedade que havia se habituado a jogar ao invés de competir, como a brasileira, construída e dinamizada por favores, hierarquia, clientelismo e abarrotada de ranço aristocrático e escravista, a reação frente ao futebol foi ambígua. O vencedor não se tornava proprietário do esporte, da mesma maneira como quem fora derrotado não era simplesmente ridicularizado pelo fato de ter perdido.

DaMatta cita o paradoxo que um esporte importado e de origem elitista como o futebol, reconhecido pelos termos estrangeiros, transformou-se em um dos principais agentes de uma redefinição do pensar brasileiro. Daí a importância desse trabalho na construção desta dissertação.

O trabalho de João Batista Freire (2011) pode ser caracterizado como um livro didático para o professor ensinar futebol. O conhecimento teórico e prático do autor qualifica o trabalho por ele desenvolvido. Centrando seus estudos nas brincadeiras de rua, chega à conclusão de que são essas brincadeiras as responsáveis pelo aprendizado futebolístico dos mais brilhantes jogadores brasileiros. O processo que ocorre cotidianamente nas crianças pelas ruas e a brincadeira que elas desenvolvem com a bola de futebol, foram chamados pelo autor de pedagogia da rua. “*Pés descalços, bola, brincadeiras, são alguns dos ingredientes mágicos dessa pedagogia de*

---

<sup>27</sup>Vale lembrar que essa visão de Roberta DaMatta não é compartilhada por todos os pesquisadores que analisam o futebol. Joel Rufino dos Santos, Roberto Ramos e até Lima Barreto podem ser apontados como pesquisadores do futebol que se contrapõem à visão de DaMatta.

*rua que ensinou um país inteiro a jogar futebol melhor do que ninguém”* (FREIRE, 2011, p. 2). Propondo sua pedagogia do futebol, Freire (2011) defende a ideia de que as escolinhas de futebol<sup>28</sup> devem ensinar as crianças através da brincadeira. Não se trata necessariamente de repetir o que é feito nas ruas, mas sim de aplicar uma pedagogia às brincadeiras de bola com os pés. O autor assim argumenta:

Não tenho a intenção de sugerir uma simples repetição do futebol que se faz na rua. Sabemos o quanto a pedagogia da rua tem sido competente para ensinar futebol. Mas rua e escola são instituições bastante diferentes. Há na pedagogia da rua, diversas coisas que eu não gostaria de ver repetidas na escola. Por exemplo, os grupos infantis, quando jogam futebol, costumam excluir os mais fracos. A pedagogia de rua é muito suscetível tanto às coisas boas como às coisas ruins (FREIRE, 2011, p. 7).

Tomando como ponto de partida os níveis de desenvolvimento na formação em futebol, o autor entende que caso se proporcione aula e aprendizagem de futebol em escolas de ensino fundamental e médio, “não faz sentido falar de classificação dos alunos por níveis de desenvolvimento”. Desse modo, conforme explica o autor,

Na escola, futebol deve ser matéria de ensino como outra qualquer. Os alunos devem aprender futebol como aprendem matemática ou ciência. [...] Ensinado na escola regular ou na escola específica, o futebol deve contribuir para que a pessoa que o aprende possa usufruir dele na sua vida cotidiana, em sua vida de cidadão. Não importa o que a criança venha a ser quando adulta, ela tem de adquirir recursos para viver com dignidade. Isso supõe oportunidades para desenvolver a inteligência prática, a inteligência conceitual, as relações com os outros, os sentimentos, a motricidade (FREIRE, 2011 pp. 73-74).

---

<sup>28</sup>Segundo Freire, as “escolinhas de futebol foram criadas somente quando as pessoas dos grandes centros urbanos, constatando a escassez de espaço para jogar bola, perceberam que podiam reinventá-lo e perceberam também o potencial lucrativo do empreendimento. E foi assim que surgiram as primeiras tentativas de ensinar futebol em escolas; os craques se aposentavam e viravam professores dessas escolinhas”(FREIRE, 2011, p. 2).



Por outro lado, é preciso perceber que o método de ensino também pode não propiciar a aprendizagem, como também pode “castrar” a experiência criativa das crianças.

Parte do estudo realizado por Damo (2005) reforça toda a discussão realizada por Freire (2011). Damo (2005), ao analisar a formação de jogadores de futebol, percebe a importância das práticas cotidianas na formação do jogador de futebol, sobretudo a aquisição das técnicas forjadas nas ruas e becos, pois ali, segundo o autor, encontramos “aquisição de técnicas futebolísticas elementares” (DAMO, 2005, p. 139). A técnica do jogo de futebol, todavia, não pode ser o centro e o limite do processo de aprendizagem do futebol, outros elementos de caráter críticos devem compor o mundo do futebol.

No processo de concretização de sua proposta, Freire (2011) destaca quatro princípios pedagógicos. Esses princípios apontam o processo de ensino-aprendizagem utilizado no futebol como possibilidade de criação de um importante espaço para a cultura popular infantil e a revitalização do lúdico no ambiente escolar. Primeiro, o princípio de inclusão, que trata da necessidade de ensinar futebol a todos, onde a discriminação daqueles que possuem menos habilidade para o jogo não se manifeste, ou seja, ela é combatida. Segundo, o princípio da excelência, pelo qual afirma que não basta apenas ensinar, mas que se deve ensinar bem a todos, isto é, quem já possui grande habilidade no futebol deve apurá-la cada vez mais e os que possuem pouca habilidade precisam ter seus conhecimentos apurados para que desenvolvam a técnica. Terceiro, o princípio de que o educador deve ensinar mais que futebol a todos, pois não basta o ensino se restringir apenas à prática do futebol, deve-se possibilitar na práxis pedagógica o resgate de valores éticos e morais, entre outros. O quarto e último refere-se à necessidade de fazer os alunos gostarem de esporte, pois sendo assim estes levarão para o resto de suas vidas o gosto pela prática esportiva, desenvolvendo um princípio de consciência das ações à medida que desenvolvem autonomia na vida e no esporte.

Algumas observações se fazem necessárias a respeito dos princípios apontados por Freire. Notamos que ao ocupar-se do tema inclusão, o texto limita-se a tratar deste como a participação nos jogos. Também não fica claro que valores éticos e morais pretendem ser resgatados. Podemos inclusive questionar o fato de fazer os alunos gostarem do esporte, pois trata-se de uma questão que, além de cultural, é muito pessoal.

Freire (2011) destaca ainda vinte condutas pedagógicas que podem ser adotadas pelos professores das escolinhas de futebol, evidenciando as características que mostram a diferença das escolas com relação à rua e assim proporcionando um ambiente de aprendizagem mais satisfatório. O autor avalia que

Rua e escola são instituições diferentes, com funções diferentes. Em alguns casos se assemelham, em outros se diferenciam radicalmente. Devemos saber aproveitar de uma e de outra, mas não podemos ensinar na escola exatamente como se ensina na rua. Devemos ter a sabedoria de levar em conta o que é bom e o que é mau em um e em outro caso. Muitas das coisas que eu fazia na rua e no estádio de futebol, jamais poderia fazer na escola de futebol (FREIRE, 2011, p. 10).

Em virtude da falta de espaço nos centros urbanos, as escolinhas de futebol constituem uma das principais possibilidades de prática desse esporte entre as crianças brasileiras residentes em cidades. Mesmo possuindo objetivos culturais, sociais, físicos e até educacionais, o interesse central da maioria dessas escolinhas é o lucro. Elas trazem consigo o interesse comercial, elas se constituem em atividades com fins lucrativos, dentro de uma lógica de mercado. Sendo a lógica de mercado o fator determinante de suas existências, o processo de exclusão daquelas crianças que desejam praticar o futebol e que não possuem recursos é implementado e sistematizado.

## 2.4 O FUTEBOL E A EDUCAÇÃO NO CAMPO DO NEOLIBERALISMO

Durante as décadas de 1980 e 1990, o neoliberalismo atinge fortemente o futebol brasileiro, criando um novo modelo de gestão nos clubes no Brasil. Nesse momento é visível a transformação do atleta profissional em mercadoria do capitalismo global. O vínculo que os jogadores possuíam com os clubes desaparece e torna-se cada vez mais comum a alta rotatividade de atletas e técnicos no futebol. Notadamente, o futebol se tornou um grande negócio do capitalismo internacional. Os campeonatos passaram a ser transmitidos pelas redes de TVs, auferindo a estas grandes lucros. Grandes marcas esportivas passaram a se vincular a seleções e clubes, uniformes de equipes e estádios se transformaram em vitrines da indústria do futebol. Enfim, mudanças

profundas ocorreram no entorno e dentro do mundo do futebol em virtude dos interesses econômicos vinculados a este esporte e às estratosféricas movimentações de dinheiro que o futebol proporciona nos dias atuais.

É evidente que nem tudo o que se relaciona com o futebol pode e deve ser visto com um sentido econômico. Particularmente algumas características do povo brasileiro podem ser entendidas através desse esporte. Em um outro sentido, também o

futebol é uma forma que a sociedade brasileira encontrou para se expressar. É uma maneira do homem nacional extravasar características emocionais profundas, tais como paixão, ódio, felicidade, tristeza, prazer, dor, fidelidade, resignação, coragem, fraqueza e muitas outras. [...] Nesse sentido, ele não é bom nem mau, certo ou errado, expressão generosa do povo brasileiro ou ópio. Constitui-se numa forma do homem brasileiro expressar-se. É, portanto, dinâmico, por refletir a própria sociedade brasileira (DAOLIO, 2002, pp.35-36).

Por isso pesquisar a prática do futebol no ambiente escolar é relevante. O futebol é um meio educativo eficaz, pois ensina a conviver com a frustração, a reconhecer fragilidades, a perceber o belo e o feio, enfim, ensina a ganhar e a perder. Na dialética da modernidade, as relações de controle de poder perderam a estabilidade relativamente segura dos antigos regimes autoritários. Mas, por outro lado, ainda continua sendo instrumento de competição e manipulação para fins econômicos e políticos.

Uma forma de compreender com maior facilidade as nuances do futebol, do lazer e da escola enquanto mercadoria do capitalismo internacional do final do século XX e início do século XXI, é entendermos o processo de formação e consolidação do neoliberalismo. No campo de neoliberalismo, toda modalidade de esporte se torna uma mercadoria ou um recurso em potencial para a exploração econômica.

Em 1944, Friedrich August Von Hayek escreveu *O Caminho da Servidão*. Este texto é apontado como a obra de origem do pensamento neoliberal. O neoliberalismo é uma reação teórico/política contra o que muitos descreviam como Estado intervencionista e de Bem Estar. O nascimento, portanto, dessa teoria, dá-se logo após o fim da II Guerra Mundial na América do Norte e Europa, região onde imperava, naquele

momento, o capitalismo<sup>29</sup>. O texto de Hayek é um ataque feroz à limitação dos mecanismos de mercado por parte do Estado, sendo isso denunciado como uma ameaça mortal à liberdade econômica e política. Naquele momento histórico, Hayek tinha o objetivo de atingir o Partido Trabalhista da Inglaterra, que acabou vencendo a eleição de 1945<sup>30</sup>. O keynesianismo e o solidarismo, base das políticas de Estado nos Estados Unidos e Europa Ocidental, foram duramente combatidos pelo neoliberalismo nascente. Segundo Anderson (1995), o grupo de Hayek,

Desafiando o consenso oficial da época, eles argumentavam que a desigualdade era um valor positivo — na realidade imprescindível em si — pois disso precisavam as sociedades ocidentais. Esta mensagem permaneceu na teoria por mais ou menos 20 anos (ANDERSON, 1995, p. 10).

No rastro da crise do socialismo e na onda do sucesso neoliberal da segunda metade do século XX, o filósofo e economista nipo-americano Francis Fukuyama escreveu em 1989 um ensaio<sup>31</sup> chamado *O Fim da História* e posteriormente, em 1992, o livro intitulado *O Fim da História e o Último Homem*. A teoria do autor, que provoca grande debate, está alicerçada na tentativa de elaborar uma linha de abordagem histórica na qual defende suas ideias citando argumentos de filósofos importantes como Platão, Locke, Rousseau, Kant, Hegel, Marx, a fim de afirmar a tese de que o capitalismo e a democracia burguesa são o coroamento da história da humanidade, ou seja, a humanidade atingiu no século XX o ponto culminante de sua evolução com a vitória da democracia liberal do ocidente, e com esta se sobrepondo a todos os demais sistemas e ideologias oponentes.

Para Fukuyama, o século XX assistiu à destruição do fascismo e do socialismo. Em sua concepção, o socialismo foi o grande adversário do capitalismo no pós-guerra. Com o colapso dessas duas alternativas — fascismo e socialismo —, a única oposição ao sistema capitalista liberal

---

<sup>29</sup>É importante deixar claro que o capitalismo ampliou seu domínio na Europa assim como nos demais continentes. Ele imperou e continua imperando, embora com novas facetas.

<sup>30</sup>Em 1947 Friedrich Hayek, junto com outros inimigos do New Deal como Milton Friedman, Karl Popper, Lionel Robbins, Ludwig Von Mises, Salvador de Madariaga, entre outros, fundou a Sociedade de MontPèlerin, cujo objetivo era combater o Keynesianismo e o solidarismo muito em voga naquele momento.

<sup>31</sup>Este ensaio foi publicado por Fukuyama na revista americana *The National Interest*.

são algumas experiências nacionalistas e o fundamentalismo islâmico, sendo que nem um nem outro significam qualquer tipo de projeto para a humanidade. Nessa linha de raciocínio, com a derrocada do socialismo, Fukuyama afirma que a democracia liberal se configura como a solução final, caracterizando, portanto, o que ele define como o “fim da história” da humanidade.

Entretanto, é importante termos em mente que para compreendermos o neoliberalismo é preciso analisá-lo em uma perspectiva histórica. Assim, podemos observar o que há de novo no liberalismo, tendo em vista que o termo indica haver uma ruptura e ao mesmo tempo uma continuidade. É importante salientar que a realidade histórica não dá saltos. Quando utilizamos o prefixo “neo”, o que se quer dizer é que

no movimento da matéria e da sociedade, há continuidade e ruptura. Em função disso, em geral, só percebemos os momentos mais fortes e salientes. Por isso, às vezes, tratamos do liberalismo clássico, do neoliberalismo e do ultraliberalismo como momentos sucessivos e estanques ou coisas totalmente diferentes (ORSO, 2007: p. 164).

É necessário destacar que normalmente nos ocupamos com momentos marcantes para não cometermos erros. É imprescindível não perdermos de vista o movimento histórico, compreendido numa totalidade de relações que produzem nova realidade a cada momento. Quando conseguimos compreender esse fato, é perfeitamente possível compreender o movimento real, ou seja, como a realidade era, como é e como pode ser. E, a partir do momento em que são estabelecidos estes pressupostos, podemos nos ocupar do neoliberalismo realizando uma abordagem histórica.

Borón (1995), em sua crônica *O pós-neoliberalismo é uma etapa em construção*, afirma “que não existe — nem existirá nunca — o triunfo final do capitalismo”, mesmo que “assim seja proclamado pelos ideólogos burgueses”. Ou seja, o fim da história, segundo ele, é pura falácia. Borón afirma que

aqueles que, numa vertente crítica, analisam o capitalismo e tratam de abolir e superar suas práticas de exclusão, não podem perder de vista um fato fundamental: o que a ideologia burguesa procura é a legitimação do capitalismo atual,

fazendo-o aparecer como se fosse o último modo de produção da história. Neste sentido, Fukuyama representa a expressão paradigmática dessa ideologia no final do século: uma nova tentativa de fetichizar e eternizar o capitalismo. Para ele, com o capitalismo chegamos ao grau máximo do desenvolvimento, graças a ele teremos mercados livres e democracia liberal *per secula seculorum*, graças a ele a história não se movimenta mais. Isto, claro, é uma completa falácia. Os que estamos numa luta crítica e não admitimos as injustiças e iniquidades inerentes ao modo de produção capitalista, devemos ter presente que, apesar dessas ideologias, este também é um sistema social e econômico destinado a perecer. Jean-Jacques Rousseau, muito antes de todos esses debates acerca do fim da história, se perguntava muito agudamente: *se Roma e Esparta morreram, que Estado pode durar toda a eternidade?* Nenhum nem sequer o capitalismo (BORÓN, 1995, p. 186).

Ainda sobre o debate que ora se faz presente tendo origem na obra de Fukuyama, podemos tomar como princípio argumentativo a interrogação feita por Jean-Jacques Rousseau no livro III *Do Contrato Social*, quando trata da morte do corpo político:

Tal é o pendor natural e inevitável dos governos melhor constituídos. Se Esparta e Roma pereceram, qual o Estado que pode esperar durar eternamente? Se quisermos constituir um estabelecimento durável, não pensemos em absoluto em fazê-lo eterno. Para sermos bem sucedidos, não devemos tentar o impossível, nem nos vangloriarmos de dar à obra dos homens uma solidez que as coisas humanas não comportam (ROUSSEAU, 1996, p. 107).

A difusão da ideologia neoliberal acontece com maior intensidade a partir da crise capitalista de 1970. Nesse período, passa a ocorrer no Brasil a proliferação das ideias neoliberais, embora com pouca inserção nos círculos de poder. Isso se deu porque no Brasil prevalecia uma política direcionada ao ordenamento do Estado de Bem Estar que procurava estabelecer relações profundas entre o desenvolvimento social e o desenvolvimento econômico, através de estratégias de ação no campo político. O neoliberalismo veio propor uma mudança ao papel do

Estado, sustentando que o mercado deveria substituir a política, o monetarismo substituiria o Keynesianismo, e, portanto, o Estado mínimo deveria suceder o Estado de Bem Estar.

Com argumentos contundentes para se contrapor à política neoliberal e sobretudo aos efeitos desse sistema no campo educacional brasileiro, Ghiraldelli Junior (1996) traz à baila uma importante discussão sobre a questão do corpo do indivíduo. Aqui aquele modelo de consumidor do liberalismo clássico ficou para trás. “Trata-se de um sujeito consumidor peculiar. Sua subjetividade-identidade não está mais centrada na consciência, e sim no corpo” (GHIRALDELLI Jr. 1996, p. 36). Nesse particular merece destaque o quanto os historiadores da vida privada conseguem captar com tamanha clareza o fenômeno desse movimento. Para Ghiraldelli Jr. (1996)

Ocorre, então, um duplo movimento: o sujeito se reduz ao corpo e a consumidor, e o próprio corpo se transforma em objeto de consumo, de modo que, no limite, o sujeito se torna objeto. O sujeito é, então, este estranho elemento: corpo-que-consome-corpo. A noção de infância se altera significativamente. Ser criança é ter um corpo que consome coisas de criança (...) Ser criança é algo definido pela mídia, na medida em que se possui o corpo-que-consome-corpo, na medida em que se é um corpo-que-consome-corpo (GHIRALDELLI Jr. 1996, p. 38).

De acordo com a ideia do autor temos a desnaturalização da infância ocasionada pelo “flash corporal” imposto pela mídia. Esse “flash”, contido nos comerciais, procura recriar a criança como indivíduo e ser livre como fora apresentado pelo humanismo. Porém, o que temos efetivamente é apenas “mero corpo, mero consumidor”. Essa reflexão é importante para explicar o neoliberalismo na escola bem como essa teoria no futebol dos dias atuais e como tudo isso se reproduz na escola.

Em seu texto “O Projeto Neoliberal de Sociedade e de Educação: um aprofundamento do liberalismo”, Melo (2007) explica que no início de 1980 o projeto neoliberal que se instalou no Brasil proporcionou profundas mudanças em nosso sistema social e educacional. A força do sistema passa a ditar novos rumos para nossa sociabilidade e impõe novo ritmo para o nosso sistema educacional. Dentre as características do projeto neoliberal para a educação, cinco questões importantes são

apontadas pela autora. Primeiro, é uma direção política-educacional voltada para a qualificação para o trabalho, onde a ênfase se dá ao ensino básico; segundo, são as ações de diversos sujeitos coletivos voltadas para a formação da força de trabalho e o conseqüente aumento da competitividade industrial, ampliando-se então a educação básica para as massas; terceiro, é a ação da igreja católica e de empresários leigos de ensino, argumentando a defesa do ensino privado como um elemento chave para a salvação do sistema de ensino brasileiro; quarto, apresenta-se o conceito de qualidade, focado principalmente no fortalecimento do ensino profissionalizante voltado às necessidades de requalificação dos postos de trabalho da indústria; e quinto, são as conseqüências mais imediatas da realização do projeto neoliberal para a sociedade e para a educação, onde se construiu um reforço a uma dimensão individualista e meritocrática do trabalho e da educação, valorizando a formação de competências e habilidades, amortecendo a dimensão social coletiva da educação, separando sobremaneira cidadania da formação científica e promovendo exclusão entre os diversos níveis de ensino.

Fica evidente, portanto, que no campo teórico e filosófico a perspectiva neoliberal é de uma educação regulada pelo mercado. Aqui o mercado se constitui no sujeito educador, ou seja, o mercado é quem direciona as questões voltadas ao ensino. Na perspectiva neoliberal a educação deve estar a serviço do mercado. Daí termos uma filosofia utilitarista e imediatista, um conhecimento construído de forma fragmentada, conhecimento visto como mercadoria e não como uma construção ou um processo. Segundo Frigotto,

o resultado da atomização do mercado e das perspectivas pós-modernistas, no plano político prático, não poderia ser mais perverso. Sob os conceitos de autonomia, descentralização, flexibilidade, individualização, pluralidade, poder local, efetiva-se uma brutal fragmentação do sistema educacional e dos processos de conhecimento (FRIGOTTO, 2013, p. 82).

Nesse sentido fica claro que o abandono das teses de democratização e de igualdade tanto no campo educacional quanto no campo social não ocorrem por acaso. Há uma política nessa direção. O princípio neoliberal de liberdade de mercado onde apenas os mais capazes e aptos são premiados continua ditando as regras do jogo.

Com base no que foi apresentado, consideramos conveniente expor as importantes reflexões de Anderson (1995) em seu texto *Além*



*do Neoliberalismo.* Anderson salienta que não devemos ter nenhum medo de estar contra a corrente neoliberal, e que a luta primeira é no campo dos princípios:

(...) temos que contra-atacar robusta e agressivamente sobre o terreno dos valores, ressaltando o princípio da igualdade como critério central de qualquer sociedade verdadeiramente livre. Igualdade não quer dizer uniformidade, como crê o neoliberalismo. Ao contrário, é a única autêntica diversidade. O lema de Marx conserva hoje toda a suficiência pluralista: a cada um segundo suas necessidades, de cada um segundo suas capacidades. A diferença entre requisitos, os temperamentos e os talentos está expressamente gravada nesta concepção clássica de uma sociedade igualitária e justa. O que isto significa hoje em dia é uma igualização das possibilidades reais de cada cidadão de viver uma vida plena, segundo o padrão que escolher, sem carências ou desvantagens devido ao privilégio de outros. Começando, bem entendido, com chances iguais de saúde, de educação, de vida e de trabalho. Em cada uma destas áreas não há nenhuma possibilidade que o mercado possa prover, nem sequer o mínimo requisito de acesso aos bens imprescindíveis em questão (ANDERSON, 1995, p. 199).

Não obstante, todos aqueles envolvidos com a educação e os demais cidadãos devem estar atentos ao silencioso discurso neoliberal. Este vai gradativamente difundindo os princípios privatistas na educação. Esse discurso carrega uma lógica perversa vinculada à mercantilização da educação que acaba por agravar sobremaneira a desigualdade social e opera sistematicamente no campo ideológico<sup>32</sup>.

---

<sup>32</sup>Tomando a compreensão que Gramsci dá ao conceito de ideologia, Frigotto afirma que “Antonio Gramsci indica a existência de ideologias não orgânicas ou arbitrarias e ideologias orgânicas necessárias. A ideologia não orgânica ou arbitrária é a que busca ocultar, falsear, mistificar e conciliar interesses historicamente antagônicos entre as classes com objetivo de garantir o domínio da classe dominante, por meio de consentimento da classe subalterna. Ideologia orgânica ou historicamente necessária é construída pelos valores, concepções e

Nessa lógica, o Estado se descompromete cada vez mais com a educação, e o atendimento à população fica cada vez mais prejudicado. O discurso da ineficiência e da incapacidade de um Estado inchado se estabelece. Alega-se que a estrutura do governo está sufocada por ter que atuar em diferentes frentes e tendo que assegurar toda a carga de serviços sociais. Os velhos bordões exaltando o estado mínimo presentes no projeto neoliberal com o enganoso culto à chamada austeridade são sistematicamente difundidos como remédios infalíveis pela grande mídia nacional. O discurso sobre austeridade fiscal e monetária são acionados, e suas políticas aplicadas. O Estado de bem-estar social é desmontado. São colocados em prática, através de uma orquestrada propaganda, o desmonte dos partidos e sindicatos ligados aos trabalhadores, legitimando o discurso de enaltecimento do capital e criminalizando os movimentos de resistência da classe trabalhadora.

Figura 3 - Charge retratando as condições das escolas públicas no estado de São Paulo, em referência à reforma ortográfica



Fonte: Página *Na Luta Pela Educação*<sup>33</sup>.

visão de mundo, modos de pensar e sentir das classes subalternas a partir das quais se movimentam, adquirem consciência de sua posição e lutam por determinados objetivos” (FRIGOTTO, 2013, p. 73).

<sup>33</sup>Disponível em: <http://sepechapa4sg.wordpress.com/2010/08/17/insustentavel-leveza-da-irresponsabilidade-2/> Acesso: Setembro de 2014.

A Charge mostra com clareza a que se propõe a doutrina neoliberal quando o assunto em pauta é a educação pública. Dentro da perspectiva de “estado mínimo”, um dos setores que sofrem um impacto imediato das políticas neoliberais é a educação. Friedman entendia a família como o núcleo da sociedade; nessa compreensão, a responsabilidade pela educação das crianças era de total responsabilidade dos pais. Friedman (1984) via a educação como uma mercadoria, e como tal não deveria ser garantida pelo Estado. Caberia ao Estado assegurar a educação onde o mercado não tivesse sido capaz de assegurá-la ou onde a família não fosse capaz de garantir a educação dos filhos. Sendo assim, o Estado incentivaria a competitividade entre as escolas, alunos e professores. Aquelas escolas que não se adequassem às exigências do mercado desapareceriam. Daí o sucateamento que vimos em muitas escolas públicas onde os princípios neoliberais são adotados pelos governos de municípios, estados ou nação. Não é raro vermos escolas públicas em estado de penúria total, sem as mínimas condições estruturais de uso. Friedman afirma que o

[...] governo poderia exigir um nível mínimo de instrução financiada dando aos pais uma determinada soma máxima anual por filho, a ser utilizada em serviços educacionais "aprovados". Os pais poderiam usar essa soma e qualquer outra adicional acrescentada por eles próprios na compra de serviços educacionais numa instituição "aprovada" de sua própria escolha. Os serviços educacionais poderiam ser fornecidos por empresas privadas operando com fins lucrativos ou por instituições sem finalidade lucrativa. O papel do governo estaria limitado a garantir que as escolas mantivessem padrões mínimos tais como a inclusão de um conteúdo mínimo comum em seus programas, da mesma forma que inspeciona presentemente os restaurantes para garantir a obediência a padrões sanitários mínimos (FRIEDMAN, 1984, p. 86).

No tocante, por exemplo, ao atendimento a crianças de 0 a 6 anos, um dever do estado e um direito constitucionalmente reconhecido, não observamos ações efetivas no sentido de oficializar uma política de educação infantil que garanta o incremento necessário para a criação de

creches e pré-escolas capazes de atender o número de crianças que necessitam de vagas no Brasil.

Entre as alternativas importantes para se resolver os problemas envolvendo a educação existem os movimentos sociais, que legitimados pela paralisia do estado acabam por se tornar movimentos poderosos de pressão e muitas vezes exemplos de ações isoladas na organização de projetos de atendimento social.

Cabe ressaltar que nos dias atuais a sociedade brasileira passa por um momento delicado no tocante à matéria educacional. A crise que a educação enfrenta traz certa perplexidade e indignação, mas conduz a uma reflexão sobre o tema. Mesmo sem ter como apontar uma saída para essa crise, é imperioso manter a resistência, pressionando as instâncias governamentais e tendo claro que a educação ainda é um direito adquirido por todos, e que se constituem uma das alternativas através das quais é possível encaminhar um novo modelo de sociedade.

### **3 DO CAMPO À QUADRA: OS CAMINHOS DO FUTEBOL NA ESCOLA**

#### **3.1 PRELEÇÃO**

Através de uma pesquisa bibliográfica procuramos levantar a literatura que trata sobre a temática futebol e escola. A partir desse levantamento, foram relacionados os trabalhos — artigos, livros, dissertações e teses — de autores que procuram, por meio de seus estudos e reflexões, discutir o futebol no espaço escolar, bem como as maneiras que as crianças utilizam para se apropriar desse esporte.

A seleção realizada se constituiu num importante material de estudo para a análise e discussão do tema futebol e escola, bem como das metodologias usadas no espaço escolar quando o ensino do futebol é a referência. As obras pesquisadas, dentro de seus limites, propiciam um caminho para a compreensão da apropriação do esporte no ambiente escolar. Nessa perspectiva, selecionamos os referenciais bibliográficos que tratam da aprendizagem do futebol a partir da década de 1990. Na sequência, apresentamos um resumo sobre cada obra considerada importante para o estudo realizado. No decorrer da apresentação discutimos as obras criticamente com base no referencial teórico adotado.

Um aspecto interessante encontrado nas obras estudadas foi a ideia de utilização de brincadeiras e atividades lúdicas como ferramenta pedagógica para o ensino do futebol. Os exercícios repetitivos não são encarados como atividades importantes da prática pedagógica do futebol nas escolas. Os autores estudados trazem nas suas proposições a ideia de que o ato de ensinar futebol nas escolas

carrega consigo o peso do formar, a responsabilidade de possibilitar o transcender, a necessidade de estimular a criticidade, a importância de buscar a cidadania. Todo o processo de ensino deve propiciar o superar-se, o ir além do aprendizado do futebol, pois é preciso resgatar os seus valores (SCAGLIA, 1999, p. 61).

O futebol não é uma modalidade estanque que se esgota em si. Trata-se efetivamente de um esporte construído historicamente pela

humanidade ao longo de 153 anos<sup>34</sup>, integrado à cultura social do homem e que deve ser ensinado como meio formativo.

Tais estudos dialogam entre si e configuram-se em práticas alicerçadas por teorias. Eles viabilizam a construção de uma pedagogia dirigida ao futebol, ressaltam fundamentações pedagógicas importantes e uma nova perspectiva para o ensino e aprendizagem do futebol.

No Brasil a cultura do futebol está presente entre a maioria dos jovens e crianças. Assis e Colpas (2013) afirmam que a prática do futebol é intensa em nosso país, e que a vontade de ser um jogador de futebol é presente em muitos jovens. Jogar fora do Brasil ou ser um atleta da seleção brasileira de futebol é um sonho que acompanha qualquer jovem praticante desse esporte. Segundo Assis e Colpas, nas escolas de educação básica os alunos passam a ter um contato maior com os “esportes coletivos, e o futebol é um deles”. Para os autores, muitos professores acabam por reproduzir no espaço escolar apenas o que é exposto pela mídia, tornando suas aulas uma reprodução das ideias do esporte de alto rendimento e de ótimos resultados. Esse processo é efetivamente excludente, ficando patente que essas atitudes são inapropriadas para o ambiente escolar.

Nesse sentido o ensino do futebol na escola, assim como o de qualquer outro esporte, deve ser guiado por um sistema estrutural que promova ao aluno a assimilação do que lhe é proporcionado. Não somente a prática por si só, sem uma relação com a teoria, mas uma pedagogia que seja sistematizada com os seus objetivos, métodos e formas de ensino com o intuito de fazer com que o esporte seja bem trabalhado em seu processo educacional (ASSIS; COLPAS, 2013, p. 01).

Assis e Colpas fundamentam sua tese em João Batista Freire e Alcides José Scaglia. Num primeiro momento, para relacionar pedagogia e futebol, eles evocam a questão da “brasilidade” e destacam a importância dos meios de comunicação de massa na construção do conceito de futebol e brasilidade.

Trabalhando na mesma linha de Freire (2011), os autores defendem a ideia de que a pedagogia do esporte escolar não pode dar

---

<sup>34</sup>Aqui tomamos como referência o ano de 1863, quando na Freemasons Tavern, em Londres, foi criada a Football Association. A partir daquele encontro o futebol passou a seguir uma série de códigos baseados nas regras de Cambridge. Porém é importante ressaltar que a história deste esporte já vinha sendo desenvolvida há muito tempo.

ênfase ao esporte de alto rendimento. Ambos sustentam que o futebol escolar deva ser trabalhado em uma perspectiva em que todos tenham possibilidades de usufruir dos benefícios que ele pode proporcionar. O futebol na escola “deve ter uma formação básica, desenvolvendo as habilidades físico-mentais: consciência corporal, coordenação, flexibilidade, ritmo, agilidade, equilíbrio, percepção espaço-temporal em uma atmosfera de descontração, dinamismo e ludicidade” (Assis; Colpas, 2013, p. 01).

Inferimos, então, que assim como todo ato de ensinar, o ensinar futebol é uma prática pedagógica. O processo de ensino-aprendizagem deve se fazer presente no futebol. É importante, segundo os autores, que ao ensinar futebol uma série de habilidades motoras<sup>35</sup> sejam desenvolvidas, bem como as habilidades gerais e específicas<sup>36</sup>. Porém, há uma ênfase no sentido de que o aprendizado do futebol deva ser dirigido para além do significado do jogo. É necessário proporcionar aos alunos praticantes a aquisição de hábitos e condutas que façam aflorar o sentimento de solidariedade e cooperação, valores éticos que possam transformar os alunos em agentes transformadores da realidade social, importantes condutores da cidadania. É fundamental, ainda, que as “habilidades” ou capacidades de interpretar e compreender o que significa o futebol na sociedade em que vivemos também sejam ensinadas aos alunos em nossas escolas.

Em um tópico no qual tratam do futebol escolar, Assis e Colpas afirmam que o futebol é o esporte “mais adorado pelos alunos”, por isso seu ensino não pode ficar preso às ideias do alto rendimento. Os autores lembram que o esporte mais praticado nas escolas é o futsal, pois torna-se uma alternativa ao futebol. Como a maioria das escolas não possuem espaço físico para ter um campo de futebol, e como as regras do futsal e do futebol são bastante parecidas, o futsal acaba por substituir o futebol na grande maioria delas.

Tendo ainda Freire e Scaglia como referência, Assis e Colpas expõem como uma aula de futebol deve ser preparada para o ambiente

---

<sup>35</sup>Segundo João Batista Freire (2011), essas habilidades seriam a resistência, a velocidade de movimentação, a agilidade e a flexibilidade.

<sup>36</sup>De acordo com João Batista Freire (2011), são habilidades gerais e específicas aplicadas ao futebol: a finalização, o passe, o domínio de bola, a condução, o desarme, o lançamento, o cruzamento, o cabeceio, e no caso dos goleiros, a defesa e os saltos.

escolar. Aqui explicam como as aulas devem ser aplicadas, passando pelas cinco etapas<sup>37</sup> defendidas por Freire, chegando aos debates sobre as aulas proposto por Scaglia<sup>38</sup>. Para os autores, se as etapas da elaboração do plano de ensino forem cumpridas, a partir dos 14 ou 15 anos de idade o aluno poderá desenvolver toda a sua capacidade cognitiva quanto às situações do jogo, “pois a complexidade de movimentos possibilitará uma maior necessidade de exploração de habilidades motoras e intelectuais”. Ainda segundo ambos, “Fatos históricos, sociais e políticos podem ser pedagogizados neste momento” (ASSIS; COLPAS, 2013).

Se bem ensinado, o aluno será capaz de criar as possibilidades de execução dos objetivos do futebol. Saberá a hora de driblar, a hora de chutar ou como marcar bem seu adversário. Mesmo concordando que os gestos motores são fundamentais para a aprendizagem do futebol, Assis e Colpas discordam de que só a execução dos gestos em si seja o suficiente para aprender a jogar o futebol. É necessário que os alunos, através do jogo, desenvolvam suas habilidades. Apoiados em Scaglia e Freire, os autores veem os jogos populares<sup>39</sup> como essenciais no

---

<sup>37</sup>Na primeira etapa, o professor reúne os alunos em círculo e estabelece uma conversa com eles. Na segunda etapa, o professor deve orientar jogos adaptados de futebol ou brincadeiras repetindo temas que foram orientados na aula anterior e corrigindo gestos técnicos se necessário. Na terceira, realizam-se exercícios. Quanto mais novos forem os alunos, mais lúdicos devem ser os exercícios. Na quarta, realiza-se um jogo ou brincadeira de acordo com o que foi aprendido nesta mesma aula. Na quinta etapa, realiza-se uma roda de conversa entre professor e alunos; nesta roda os alunos deverão expor a experiência vivenciada na aula.

<sup>38</sup>Scaglia fundamenta os conteúdos das aulas por faixa etária. Com 7, 8, 9 e 10 anos, os alunos devem trabalhar os fundamentos básicos, que são: 7 e 8: exploração das habilidades motoras; 9 e 10: momento de concretizar os fundamentos básicos (chute, cabeceio, drible, desarme, etc). Com 11 e 12 anos, os alunos devem trabalhar os fundamentos derivados, que são provenientes dos fundamentos básicos como lançamentos, tabelinha, cobrança de faltas, cobranças de pênalti e cruzamento, arremesso lateral e escanteio. Com 13 e 14 anos, fundamentos táticos específicos, que são: posição tática dos jogadores, goleiro, lateral, ala, zagueiro, líbero, volantes, meias e atacantes.

<sup>39</sup>Consideram-se jogos populares aquelas práticas desenvolvidas nas ruas, nos campinhos de bairros, bem como o jogo transformado ou adaptado para algum contexto. É importante destacar também que quanto mais diversas forem as possibilidades motoras oferecidas aos alunos, mais eles irão desenvolver suas habilidades psicomotoras.



processo do desenvolvimento das habilidades e do processo de ensino do futebol.

Os autores também trazem à baila a teoria de Elenor Kunz quando tratam das transformações didáticas do esporte dentro do ambiente escolar. Aqui é importante falar das possibilidades de se jogar o futebol sem que sejam reproduzidas as regras originais. Há viabilidade de se criarem novas regras, possibilitando ao aluno o desenvolvimento de autonomia na compreensão do futebol tanto dentro como fora da escola. “Durante as aulas de futebol na escola, o professor não precisa saber executar bem o movimento e nem ser especialista em futebol para ensinar futebol. Ele precisa, antes de tudo, ser um professor capaz de proporcionar suas atividades de forma enriquecedora” (ASSIS; COLPAS, 2013, p. 01).

Estabelecer vínculos afetivos com os alunos, transmitir segurança aos mesmos, motivar os pupilos, promover convivência entre meninos e meninas, escolher atividades que promovam a cooperação, incentivar os alunos a criarem regras são pontos importantes que os autores destacam para a promoção de uma aula sobre futebol, além de se promover aulas diversificadas e lúdicas.

Assis e Colpas terminam seu artigo tratando da questão da avaliação no processo de ensino do futebol na escola. Segundo eles, “a avaliação tem por finalidade classificar de forma qualitativa e quantitativa a evolução dos alunos, através de observações subjetivas de aulas e competições” (p. 01); uma avaliação autêntica é “aquela que busque a aprendizagem e o envolvimento dos alunos de forma verdadeira, servindo como medida de responsabilidade para professores e alunos, sendo mais eficaz do que apenas tentar medir performances” (p. 01).

Os autores reconhecem que o futebol ensinado na escola deve proporcionar, além do desenvolvimento de capacidades motoras, a integração social. A competição deve ser saudável e proporcionar ao aluno a possibilidade de construção de sua autonomia. A escola é um ambiente que promove e busca a ação consciente e a capacidade crítica dos alunos ao pensarem sobre determinado tema, e o futebol é um deles. Nesse sentido a

aula de futebol não deve ser sinônima da aula de Educação Física ou vice-versa. Esta disciplina é muito extensa em atividades e temas para se limitar apenas em um esporte. Portanto, enquanto

conteúdo inserido dentro da escola, o futebol deve ser trabalhado com uma pedagogia esportiva que se utiliza de todos os meios necessários para que o aluno conceba o futebol não apenas como lazer ou como uma brincadeira, mas o analise como um esporte inserido em nossa cultura, e rico em elementos pedagógicos para a sua formação (ASSIS; COLPAS, 2013, p. 01).

Souza e Araújo (2007) apresentam um ensaio embasado em várias obras<sup>40</sup> da área de Educação Física que tem como proposta analisar o futebol na escola a partir de uma abordagem cultural. Procuram identificar e compreender o que influencia a maneira de pensar de um determinado grupo, tendo em vista que a cultura pode explicar o comportamento do homem no espaço em que vive e sua predileção por um determinado esporte.

Os autores dividiram seu trabalho em três partes distintas. Os mesmos iniciam tratando da Educação Física escolar, deixando claro que ela oportuniza ao indivíduo o aprendizado de várias modalidades esportivas e que seu papel é o de desenvolver no indivíduo a autoconfiança, cooperação e a socialização. Cabe esclarecer que este papel não é tarefa exclusiva da Educação Física, mas sim de toda a escola.

Para Souza e Araújo, o esporte não fica restrito à parte motora. Através dele pode-se estudar, além dos fundamentos técnicos, o “seu enraizamento social e sua significação cultural”. Nota-se que ambos trilham a linha da metodologia crítica do esporte. Reforçam a ideia de que a prática do esporte na escola não deve priorizar apenas o aspecto físico, mas sim a formação integral do aluno, possibilitando tornarem-se seres pensantes, conscientes e críticos. Os autores afirmam que o

esporte, como conteúdo das aulas de Educação Física, deve estar inserido em um contexto maior, abrangendo desde sua história, evolução,

---

<sup>40</sup> Entre os principais referenciais teóricos citados pelos autores destacam-se: BARROS, Daysy R.P. *Educação Física na escola primária*. DIEM, Liselot. *Esporte para crianças: uma abordagem pedagógica*. DAOLIO, Jocimar. *Educação Física Escolar Uma Abordagem Cultural*. FREITAS FILHO, L. A. *Cobertura esportiva no rádio e no jornal*. In: DIEGUEZ, G. H. (org) *Esporte e poder*. GONÇALVES, Maria A. S. *Sentir, pensar e agir: corporeidade e educação*. MOREIRA, W. W. *Educação Física Escolar: a busca da relevância*.

contextualização sócio-político-econômica, fundamentos, técnicas e regras, enfim, é necessário que se pesquise e busque as raízes da práxis, uma vez que, cada modalidade está vinculada a uma concepção de mundo, de sociedade de ser humano e de educação (SOUZA; ARAÚJO, 2007, p. 02).

É evidente a preocupação em construir uma perspectiva esportiva escolar transformadora que promova a humanização, a emancipação e a transformação social. Trata-se de uma perspectiva de “educar através do seu corpo e não sobre o corpo”.

O vínculo entre esporte e cultura é tão estreito que, como uma conquista cultural, o esporte é uma aquisição que pertence ao patrimônio da humanidade. E como um patrimônio cultural, deve ser transmitido ao aluno. Os autores tratam do conceito de cultura a partir do conceito sociológico clássico, ou seja, em um sentido abrangente. Fica patente em seu artigo que consideram tudo o que o homem produz através da racionalidade, mais precisamente através da inteligência, como cultura. Nesse sentido, artes, ciência, costumes, leis, religião, crenças, mitos, valores éticos e morais, preferências e também o esporte estão contidos nesse caldeirão cultural.

Apesar das evoluções pelas quais passa o mundo, a cultura é transmitida às novas gerações como uma memória coletiva, pois sendo um elemento social é impossível de se desenvolver de forma individualizada. A cultura é criada e transformada pelas pessoas nela inseridas. Assim sendo, a prática da Educação Física escolar deve levar à transformação da realidade. Leontiev, citado por Daolio (1995, p.52), já nos falava que “o homem mais do que fruto, é agente da cultura”. Souza e Araújo, amparados em Daolio (1995), nos dizem que os elementos culturais são transmitidos entre gerações e influenciam a forma de agir, ver, sentir e pensar em relação à sociedade e ao mundo de maneira geral. Agir, sentir, ver e pensar, evidentemente diferentes, em razão das regras culturais às quais cada indivíduo pertence.

Isso posto, constatamos a heterogeneidade das turmas que os professores encontram nos ambientes escolares. Porém, há que se compreender que o sujeito singular está inserido num mundo coletivo, e que a coletividade é composta por um conjunto de sujeitos singulares. Partindo, então, do exposto, podemos concluir que o futebol no espaço escolar pode ser mais que um treinamento de habilidades necessárias

para a sua prática. Ele pode trazer consigo caminhos que favoreçam a busca pela ampliação da cultura, colaborando para a formação de indivíduos críticos e emancipados.

Realçando o futebol como a prática esportiva mais presente nas escolas brasileiras, explicitando como é fácil fazer uma bola ou objeto para a prática do futebol<sup>41</sup>, bem como improvisar espaços para o jogo<sup>42</sup>, os autores apresentam a ideia de que o futebol é um fenômeno cultural. Segundo o artigo, mesmo o futebol no Brasil sendo “considerado um esporte coletivo, teve um processo de desenvolvimento autônomo, nunca sistematizado de forma acadêmica ou escolar” (SOUZA; ARAÚJO, 2007, p. 04).

Souza e Araújo se esforçam para mostrar a praticidade que é adaptar e jogar; como estes fatores contribuem para a preferência do brasileiro por tal esporte, chegando inclusive a destacar a pouca importância biotipológica para que seja praticado. Mesmo com todo envolvimento no futebol ser comum na sociedade brasileira, a relevância de sua contextualização enquanto conteúdo nas aulas em nossas escolas é abordada no texto, pois partindo daí, segundo os autores, é possível compreender seu real valor dentro do ambiente sócio-cultural onde ele é produzido.

Scaglia (1999) procura discutir e analisar o processo de ensino-aprendizagem do futebol. Ele parte da hipótese de que o futebol nos dias atuais não é ensinado da mesma forma como se aprendia em tempos não muito longínquos. Para tanto, realizou uma pesquisa com ex-jogadores que hoje são professores em escolinhas de futebol, procurando saber de que forma estes aprenderam o futebol e como ensinam este esporte em suas escolinhas.

Scaglia estruturou sua dissertação em quatro capítulos. No início de seu trabalho, foi levantada a história do futebol desde as origens dos jogos com bolas e também com os pés até o surgimento do futebol moderno na Inglaterra. O autor, a partir de sua pesquisa, traz elementos que comprovam que o homem pré-histórico já usava os pés para movimentar objetos redondos como uma bola. Examina a hipótese da

---

<sup>41</sup>Uma meia cheia de papel ou de pano, costurada a mão ou a máquina, uma bola de papel enrolada com adesivos, uma garrafa plástica, etc, são exemplos de bolas ou objetos usados para a prática de partidas em escolas.

<sup>42</sup>Terrenos baldios, praças, ruas, calçadas, pátios, corredores de escolas, servem de espaço à prática do futebol.

tradição futebolística ter surgido na China por volta de 5.000 a.C.<sup>43</sup>, ou mesmo no Japão, onde no 4º milênio antes de Cristo os nobres praticavam o Kemari<sup>44</sup>.

Seguindo uma linha cronológica, o autor chega à Grécia Antiga, onde por volta de 800 a.C. existia um jogo chamado Epyskiros, em que as equipes chutavam uma bexiga de boi cheia de areia e ar. No primeiro século a.C., com a expansão romana, espalha-se pelo mundo conhecido da época o Haspastum, esporte bastante parecido com o Epyskiros grego. Identificam-se algumas particularidades dos esportes já daquele período com o que se chama hoje em dia de futebol moderno. Tais particularidades não definem necessariamente uma linearidade em se tratando do futebol, são práticas de jogos que não podem ser chamadas de futebol, apesar de importantes para o entendimento de determinadas práticas de determinados jogos. Esses jogos não podem ser apontados como o futebol em seu momento embrionário, ou seja, aquelas práticas não eram o futebol.

Em seu trabalho, Scaglia esclarece que depois da queda do Império Romano a história dos jogos realizados com os pés tornou-se um pouco obscura; contudo, existem vários registros destes jogos durante o medievo. Segundo ele,

os jogos eram mais desorganizados e, na maioria das vezes, envolviam toda a multidão nas ruas da cidade, que corriam atrás de uma bola, usando meios não muito leais, como socos, pauladas e pontapés, para dominá-la. Um exemplo disso é o Soule ou Choule, praticado na Normandia e na Bretania (SCAGLIA, 1999, p. 09).

A popularidade dos jogos com bola na Inglaterra fez com que o Rei Eduardo II proibisse sua prática. Para o monarca o arco e flecha era mais saudáveis e interessantes ao reino. Tal proibição se estendeu até o século XVII, mas não se extinguiu. As disputas de jogos com pés

---

<sup>43</sup> Segundo Scaglia, na China “existiam três tipos de jogos com os pés. O primeiro era uma exibição de malabarismos difíceis, onde apenas uma pessoa se exibia. O segundo tinha uma trave no meio e um time a cada lado do gol. Já no terceiro, havia seis gols, um em cada canto e dois times competindo. Esse era o estilo de jogo que mais se aproximava do atual” (SCAGLIA, 1999, p. 8).

<sup>44</sup> KEMARI era um jogo praticado com as mãos e os pés com uma bola fabricada com fibras de bambu, semelhante à bola com a qual hoje se pratica o chinlone, em Mianmar.

passaram a ser cada vez mais intensas. Várias regras foram criadas nas muitas escolas públicas inglesas que organizavam jogos. Porém, somente em 1863, em Londres, ocorreu a codificação oficial das regras do futebol, dando origem ao que tratamos de futebol moderno.

Scaglia continua seu resgate histórico garimpando registros de evidências com relação à existência de jogos semelhantes ao futebol na América pré-colombiana<sup>45</sup>. Destaca o autor que esses jogos “não são precursores do futebol moderno”, tendo em vista que este só chegou à América no século XIX com a expansão econômica motivada pela revolução industrial.

A importância dos estudantes na disseminação do futebol pelo mundo é mencionada por Scaglia. Esses foram os principais responsáveis, junto aos marinheiros, pela chegada desse esporte na América do Sul e por consequência ao Brasil. O autor também deixa claro que a difusão do futebol no Brasil não se deu do centro para a periferia, como é comumente propagado, mas sim com vários focos de disseminação regionais. Com isso, rapidamente o futebol se populariza e em pouco mais de um século o Brasil tornou-se uma potência mundial nesse esporte. Além da questão geográfica na proliferação do futebol tratada aqui por Scaglia, merece destaque a questão de classe colocada, tendo em vista que este esporte ao chegar no Brasil era praticado pela elite local.

Scaglia preocupa-se com o fato de não termos muitas pesquisas que expliquem o enraizamento e a massificação do futebol no Brasil. Chega inclusive a usar a hipótese da miscigenação racial para fundamentar o porquê de nossa fascinação pelo futebol. Porém, logo em seguida, o autor traz à baila uma questão crucial: crescemos com a bola no pé por ser o futebol uma brincadeira comum, popularizada, e por ser a bola um brinquedo barato e de fácil confecção, ou seja, todos têm acesso a ela. Com apenas uma bola até vinte e duas crianças brincam, enquanto que com um cavalinho de pau apenas uma criança brinca. Tal situação, associada com a facilidade de espaços para a prática, fez do futebol brasileiro um dos mais apreciados do mundo e

---

<sup>45</sup>Scaglia afirma que: “A coleção Placar cita a existência de jogos como o Aqsaqtuk, no norte do Canadá; no Chile, os índios jogavam o Pilimatum; na Patagônia, era o Tchoekah. Já os Maias, no norte de Honduras, praticavam um jogo violento chamado Copan, onde os perdedores perdiam também suas cabeças; os Astecas, no México, praticavam um jogo mais pacífico, chamado Ullamalith, que consistia numa disputa onde uma bola de borracha era rebatida com os quadris” (SCAGLIA, 1999, p. 11).

reconhecidamente aquele que possui os melhores números em termos de conquistas. Cabe também refutar a hipótese do talento natural do brasileiro para a prática do futebol. Não se pode atribuir à genética algo que é cultural, portanto histórico.

Com o advento da urbanização e a especulação imobiliária do solo urbano, os espaços para a prática do futebol foram diminuindo e praticamente desapareceram. O autor explica que conforme os campinhos foram sucumbindo à exploração imobiliária, as escolinhas de futebol foram se proliferando. Porém, a imensa maioria delas são particulares, mantendo longe de si a maior parte das crianças do Brasil.

Num segundo momento Scaglia tece uma série de considerações a respeito da necessidade de se relacionar a pedagogia com o futebol. Procura elencar pontos que deveriam ser levados em consideração ao se desenvolver um trabalho de iniciação ao futebol. As escolinhas são caracterizadas como instituições de ensino não formais, mas que se veem com responsabilidade de ensinar mais do que apenas o futebol.

Partindo da visão de Albert Jacquard, Scaglia ressalta a importância de algo mais do que um corpo para a constituição do homem, afirma ser fundamental a formação de um ser, de um homem cultural. Entendendo a humanidade como uma contribuição entre homens, o autor, ainda com base em Jacquard, vê que o desenvolvimento do homem, enquanto um ser pensante, dá-se tão somente pela cultura. Por conseguinte, sendo o futebol um produto da cultura humana, ele pode ser ensinado e, conseqüentemente, aprendido. É nesse sentido que Scaglia busca estudar uma pedagogia para o futebol.

Com uma preocupação científica apurada, o autor procura relacionar pedagogia e futebol, e para isso baseia-se em Ghiraldelli Junior (1991)<sup>46</sup>, Saviani (1989)<sup>47</sup> e Lima (1987)<sup>48</sup>. Para conceituar pedagogia, apoia-se em Luckesi (1991)<sup>49</sup>. O autor afirma também que a palavra está conectada “à condução do saber ao conhecimento sistematizado, e para isso se utiliza de várias formas, meios e métodos

---

<sup>46</sup>GHIRALDELLI JR, Paulo. *O que é Pedagogia*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1991.

<sup>47</sup>SAVIANI, Dermeval. *Do senso comum à consciência filosófica*. 9 ed. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1989.

<sup>48</sup>LIMA, Lauro de Oliveira. *Pedagogia: reprodução ou transformação*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense. 1987.

<sup>49</sup>LUCKESI, Cipriano Carlos. *Filosofia da Educação*. São Paulo: Cortez, 1991.

para atingir seu fim” (SCAGLIA, 1999, p. 24), ou seja, ela está relacionada ao que, como e para quem ensinar.

Nas relações entre a pedagogia e o futebol, Scaglia discute o ato de ensinar a partir da concepção pedagógica de Paulo Freire. Para ele, com base nos textos — *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da Autonomia* — pode-se pensar uma alfabetização futebolística libertadora. Tendo por alicerce essa teoria, ao se ensinar futebol deve-se ter em mente princípios e condutas pedagógicas coerentes, pois o ato de ensinar não pode perder de vista que formar é muito mais que capacitar, é ensinar a pensar criticamente, estimulando sentimentos de solidariedade, cooperação e autonomia. Nesse sentido o que temos de fato é uma concepção freiriana que orienta o ensino de futebol.

O posicionamento da escola diante da sociedade atual é uma preocupação do autor. Para tratar dessa questão ele recorre a Luckesi com o intuito de explicar e caracterizar as ações geradas pela escola<sup>50</sup>. Ao discutir as escolas de futebol, Scaglia toma a mesma reflexão, vale dizer, mesmo não sendo escolas formais, a função das escolinhas de futebol vai além de instrumentalizar tecnicamente os alunos. Defende a ideia de que a função da escola de futebol é contribuir para a construção e consolidação de valores vinculados à transformação social, na direção de um mundo mais justo e comprometido com a igualdade entre os seres humanos.

No processo de consolidação dos valores citados acima, o papel do professor é de destaque, pois este é o principal responsável pelo desenrolar de qualquer processo de ensino-aprendizagem. Scaglia trabalha com pensadores que veem o ato de educar como um ato de alegria, de troca de afetividade. Nesse sentido, ele discute com Rubem Alves, Paulo Freire e George Snyders, deixando claro sua concepção freiriana de educação, e diz que as escolinhas precisam muito mais de educadores que de técnicos de futebol. Segundo o mesmo, a responsabilidade que recai nos ombros dos educadores de futebol é efetivamente grande, pois “a eles deve ser atribuída a função de transformar para melhorar a cultura esportiva futebolística da nossa sociedade” (SCAGLIA, 1999, p. 41).

---

<sup>50</sup>Luckesi aponta três tendências ideológicas que caracterizam e explicam a ação gerada pela escola, são elas: a) a redentora, que procura direcionar a vida social; b) a reprodutivista, que vê a escola como um instrumento criado para otimizar o sistema produtivo; c) a transformadora, que faz críticas às duas primeiras e procura agir estrategicamente para a transformação da escola e da sociedade.



Rodrigo Koch (2012) procura mostrar a forte presença do futebol no ambiente escolar do Brasil. Sua pesquisa foi realizada em dois colégios privados de Porto Alegre (Colégio Marista Rosário e Colégio Santa Luzia). Essa presença, segundo ele, é proporcionada pela futebolização da cultura. O objetivo do trabalho é “mostrar e discutir a futebolização como um processo que atravessa a cultura brasileira contemporânea com repercussão no currículo, na escola, na vida e nas identidades de crianças e jovens que as frequentam” (KOCH, 2012, p. 09).

O autor dialoga com vários pesquisadores do futebol<sup>51</sup> bem como com pesquisadores da área dos estudos culturais, dando ênfase a Stuart Hall e Zygmunt Bauman, cientistas que desenvolveram importantes trabalhos nas áreas da identidade cultural, globalização e pós-modernismo.

Koch procura problematizar as marcas pedagógicas do futebol, construídas em contextos variados como a mídia, família, entre outros que repercutem no espaço escolar. Sua análise mostra o que a “futebolização” produz na escola e no currículo, mostrando claramente essa manifestação nas vestimentas, acessórios, comportamento frente à imagem do time ou do ídolo etc. Tais marcas “futebolizadas” são adquiridas no berço e perduram por toda a vida. Para Koch, o futebol moderno, como produto de indústria cultural<sup>52</sup>, produz constantemente novas identidades. O estudo mostra os muitos efeitos da “futebolização” no Brasil, tendo em vista que neste país os vínculos com esse esporte são absolutamente marcantes.

Koch (2012) destina um capítulo de sua dissertação para examinar o fenômeno da “futebolização” da cultura entre alunos escolares. Além de discutir aspectos relacionados ao currículo e ao espaço escolar, aponta aspectos da manifestação cultural do grupo

---

<sup>51</sup>São citados João Nuno Coelho, Pablo Alabarces, Sérgio Fiengo, Rafael Bayce, Luiz Antezana, Franklin Foer, Simon Kuper, Stefan Szymanski, Victor Andrade de Melo, Ricardo Santos Simone Guedes e Hilário Franco Júnior. Este último, apesar de ser um conhecido medievalista brasileiro, tem em sua obra *A Dança dos Deuses* um importante trabalho sobre o futebol.

<sup>52</sup>Cabe lembrar que Koch não utiliza em sua pesquisa o conceito de indústria cultural na perspectiva de Theodor Adorno. Na realidade o próprio termo cunhado pelo filósofo alemão não se faz presente na obra.

pesquisado, pois em sua avaliação há variadas pedagogias da “futebolização” em curso.

Após apresentar uma breve história da pedagogia, seus métodos e objetivos, Koch analisa as ações e ensinamentos propostos pelos professores com relação ao futebol no espaço escolar. Expõe o resultado de sua pesquisa no que tange àquilo que ele chama de “futebolização” da escola. Os resultados são esclarecedores, pois já no primeiro momento revelam que, mesmo disputando espaço com outras instituições, a escola é a entidade que ocupa o lugar formal da educação. Como a escola é hoje um palco para crianças, jovens e adultos serem vistos, ali a “futebolização” é patente. A crítica feita em virtude da mercantilização dos espaços da escola é bastante pertinente e elucidativa, a essa mercantilização dos espaços associam-se também os mais variados objetos de usos dos alunos, muitos desses objetos vinculados a clubes de futebol.

Posso citar como fonte destas afirmações, os momentos de intervalo observados nas escolas em que realizei a coleta de dados para esta pesquisa. Verifiquei que entre os diversos grupos, muitos deles apresentam alunos com elementos da vestimenta (camisetas, bonés, tênis, meias, calções, jaquetas, agasalhos...) e também acessórios (capa de celular, chaveiros, mochilas, cadernos, estojos, adesivos, canecas...) vinculados ao futebol. Também há *tribos* com características marcantes da *futebolização*, ou seja, que sempre (ou pelo menos no período em que estive observando) frequentam a escola com estes artefatos do futebol, e que notadamente o assunto e o comportamento que os une são as manifestações do esporte mais apreciado no mundo. O foco central das conversas são os lances e gols dos jogos da noite ou da tarde anterior, ou as partidas que estão marcadas para a semana – sejam estas de seleções ou de clubes locais, nacionais ou internacionais –, ou ainda as atitudes dentro e fora do campo esportivo de atletas e ícones do futebol. Ainda há grupos que aproveitam o intervalo para passarem os quinze (15) ou vinte (20) minutos daquele período jogando futebol nas quadras disponíveis (KOCH, 2012, pp. 115-116).

Na escola, desde que foi implantado no currículo, o futebol sempre teve um espaço privilegiado. Nas aulas de Educação Física a presença da prática do futebol é muito marcante. Assim como Valter Bracht, em *Sociologia Crítica do Esporte*, Koch defende a ideia de que os conteúdos de Educação Física são elementos da cultura humana. Nesse particular, temos atualmente um quadro plural para seus conteúdos, mas mesmo assim a maioria dos alunos prefere sempre aulas mais esportivizadas do que lúdicas e, entre os esportes, segundo Koch, o futebol sempre teve a preferência dos alunos. A presença do futebol na escola vai além das questões pedagógicas, ele deixou de limitar-se a uma prática esportiva, abrange também importâncias econômicas e políticas, mostrando, assim, de maneira muito clara, os efeitos daquilo que o autor chama “futebolização” do Brasil.

A tese de doutorado de Eliene Lopes Faria,<sup>53</sup> defendida na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 2008, trata das práticas da aprendizagem do futebol. O início da pesquisa já é bastante revelador, tendo em vista que expõe o esporte como amplamente difundido no Brasil, como uma prática majoritariamente masculina e muito pouco ensinada, mesmo quando sua aprendizagem ocorre dentro do espaço escolar.

Para desenvolver uma análise em relação à aprendizagem do futebol, Faria (2008) utilizou tanto a aprendizagem situada quanto a teoria da forma escolar. Em suas palavras a autora afirma que

ao utilizar a separação entre *forma escolar* e *aprendizagem situada*, estou criando uma oposição que não existe, de forma descontínua, na realidade. Essas distinções, utilizadas do ponto de vista analítico, permitiram penetrar mais o processo de aprendizagem do futebol. Suficientemente amplas para abarcar os diferentes contextos de produção do futebol e, desse modo, ajudar na compreensão das relações sociais de aprendizagem que ocorrem dentro e fora da escola, as teorias da *forma escolar* e da *aprendizagem situada* permitiram desvelar facetas dos modos de aprendizagem do futebol: o que é

---

<sup>53</sup>Tese defendida em 2008 na Faculdade de Educação da UFMG com o título: *Aprendizagem da e na prática social: um estudo etnográfico sobre as práticas de aprendizagem do futebol em bairro de Belo Horizonte*.

aprendido no modelo escolar e na participação na prática social. Favoreceram também a compreensão dos contextos de produção desse esporte como contextos híbridos, isto é, que possuem modos de aprender que articulam e também se opõem no cotidiano (FARIA, 2008, p. 30).

A pesquisa realizada por Faria aborda a aprendizagem como aspecto inerente a toda prática social. O estudo se dá fundamentalmente através da incursão etnográfica no cotidiano das práticas de futebol em um bairro de Belo Horizonte, no Estado de Minas Gerais. A pesquisa deu visibilidade a aspectos significativos do processo de aprendizagem do futebol. Uma característica revelada pela pesquisa é que o modo de aprender futebol não é homogêneo, mesmo quando alicerçado em práticas pedagógicas dirigidas pela forma escolar. Outra peculiaridade é que a aprendizagem do futebol está difusa em diferentes formas de participação na prática social, e essa aprendizagem está para além das técnicas, táticas e regras conhecidas, pois, segundo a autora, nas práticas cotidianas do futebol são constituídas identidades, significados, emoções, conhecimentos e disposições corporais. Além disso, através da rede de sociabilidade que o futebol proporciona, surgem diferentes formas de participação, aparecendo também as relações de poder.

Assim, fica evidente que não se trata de uma relação passiva, muito pelo contrário, é uma relação tensa e sutil. Na cultura futebolística o corpo de seus praticantes é marcado tanto quanto marca a cultura. Após construir seu objeto de pesquisa, Faria apresenta o contexto da prática do futebol no espaço pesquisado, ou seja, o bairro e a escola. Em se tratando da escola, como ocorre em quase todas as escolas do Brasil que possuem quadras poliesportivas, parte dos alunos usam o recreio para o jogo de futebol e como sempre com regras simplificadas onde a maioria dos participantes são alunos do sexo masculino. Nas aulas de Educação Física, apesar de os professores tentarem ensinar outros esportes, a hegemonia do futebol acaba por aparecer. Segundo Faria, as justificativas dos professores para tal hegemonia foram as seguintes:

A primeira foi que esse esporte (que conquistou o status de esporte nacional) era alvo de grande interesse entre os alunos da escola, sobretudo os do sexo masculino — o que dificultava as negociações referentes a outras práticas. Diante desse quadro, a falta de motivação para a prática de outros esportes era outra justificativa apresentada pelos professores — que usavam a

prática do futebol para ganhar a confiança e amizade dos alunos, ou seja, permitiam que eles fizessem o que mais gostavam para depois propor outras práticas. Outra forma de justificar a hegemonia do futebol na Educação Física foi a dificuldade material enfrentada pela escola. Com a falta de bolas e outros materiais necessários para as aulas, o futebol acabava sendo o mais facilmente viabilizado. Afinal, no país se joga futebol de qualquer maneira: com ou sem material e espaço adequado (FARIA, 2008, p. 75).

Faria expõe claramente a exclusão explícita das mulheres, bem como os possíveis embaraços dos homens quando a participação no futebol está posta. Ela percebeu que o universo feminino era tão separado do contexto empírico pesquisado que algumas questões de gênero presentes no futebol foram trabalhadas na pesquisa. São abordados aspectos da prática cotidiana da aprendizagem do futebol e algumas reflexões são colocadas, tais como:

Essa perspectiva possibilita reflexões interessantes sobre as práticas futebolísticas, pois permite observar que, para além da dominação masculina, há um discurso que se estabelece na educação do masculino e do feminino, ficando homens e mulheres marcados nessa relação cultural — nessa construção/educação do corpo. Se às mulheres foi negada historicamente a participação no futebol, aos homens essa inclusão foi imposta, ou seja, a identidade masculina no Brasil está, em grande medida, atrelada à intimidade com essa prática cultural. Enquanto as mulheres que constituem a *habilidade* futebolística são estigmatizadas (“*Maria homem*”), os homens que se distanciam desse modelo sofrem discriminações que colocam em questão a afirmação da sua identidade masculina (homens que não jogam futebol são “*maricas*” ou jogam como “mulherzinha”) (FARIA, 2008, pp. 99-100).

Outro dado a considerar é a preocupação com a aprendizagem do e no futebol varzeano. Ao traçar as formas de organização do futebol na várzea, a autora consegue desvelar as aprendizagens que se desenvolvem neste contexto. Já a penetração da forma nas práticas do

futebol é também um ponto importante da pesquisa de Faria. A forma escolar está presente nos diferentes contextos de produção do futebol. Nota-se que no futebol moldado dentro da forma escolar, mais do que aprender o jogo propriamente dito, o que se impõe é a educação das crianças e jovens através do esporte. Vê-se a educação do corpo. Sendo assim, a partir da observação do trabalho de Faria, quando esta compara a forma escolar de ensinar o futebol no bairro em relação à escola e vice-versa, podemos afirmar que a noção de escola e esporte homogêneo, uniforme, impenetrável e coeso se desfaz. Segundo Faria, no bairro estudado

*A forma escolar* era difusa e se estabelecia em diferentes situações da prática futebolística. Assim, em vários momentos de observação das práticas juvenis de futebol, pude perceber fragmentos da *forma escolar* (como estilhaços de uma explosão cultural) no cotidiano do bairro. É importante salientar, contudo, que tais fragmentos eram produzidos sobretudo em contextos onde havia a presença de um adulto (ou de alguém marcadamente mais experiente) que em alguns momentos fazia da prática futebolística uma prática educativa: para ensinar aos jovens o jogo ou até para educar os jovens a partir dele. No Universitário pude observar a *forma escolar* (ou traços do tipo de relação social que ela produz) no Projeto Social *Esporte Esperança/Segundo Tempo* e nos treinos de futebol do time do Racing. Proposto como espaço social educativo para os jovens, o Projeto Social *Esporte Esperança/Segundo Tempo* possuía uma organização semelhante à organização escolar. Desse modo, ele era um espaço/tempo específico para a aprendizagem dos jovens no bairro. As práticas eram conduzidas por um adulto e havia um conjunto de regras que deviam ser seguidas, como horário para iniciar e terminar, roupas adequadas, presença obrigatória, condutas apropriadas (FARIA, 2008, p. 195).

### 3.2 O PLANEJAMENTO DO ENSINO DO FUTEBOL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Quando tratamos de estudos acerca da pesquisa em educação, é fundamentalmente necessário refletirmos sobre a educação. Sabe-se que existem diferentes concepções educacionais, porém duas delas, que são radicalmente antagônicas, dominam as discussões no seio da escola no momento atual, quais sejam: a educação como instrumento de reprodução da sociedade e a educação como instrumento de transformação da sociedade (SAVIANI, 2009).

A educação como instrumento de reprodução da sociedade é aquela que denominamos também como educação não-crítica, que procura adaptar o sujeito à sociedade posta, que procura manter o status quo. Já a educação como instrumento de transformação da sociedade é a que denominamos como educação crítica, cujo objetivo é capacitar o sujeito no sentido de que ele desenvolva uma prática social crítica e transformadora. É contrapondo essas duas visões que desenvolvemos a análise dos documentos e posteriormente do cotidiano da escola na presente pesquisa.

Levando em consideração que a pesquisa que originou esta dissertação tem por objetivo analisar e compreender como vem sendo desenvolvido o ensino da prática do futebol no ambiente escolar, bem como as atitudes e valores assimilados pelas crianças e como estas se apropriam do futebol, é necessário, portanto, conhecer a realidade das três escolas onde foi realizada a pesquisa. Em todas elas contamos com o apoio necessário tanto das diretoras dos estabelecimentos e dos supervisores pedagógicos como dos professores de Educação Física. Todos se colocaram à disposição a partir do momento em que foram expostos os objetivos propostos pela pesquisa.

As escolas onde esta pesquisa foi realizada estão localizadas no município de Criciúma (SC). Duas delas são da rede pública estadual e uma da rede pública municipal. Elas foram escolhidas a partir dos seguintes critérios: uma é a escola onde trabalhamos como professor de história há mais de uma década, e onde algumas inquietações acerca do futebol como elemento cultural brasileiro passaram a se manifestar em nossas reflexões; outra é uma escola municipal localizada no maior bairro da cidade e reconhecida como uma escola pública que realiza um excelente trabalho pedagógico; a terceira trata-se de um colégio estadual localizado em um bairro nobre que recebe alunos oriundos de diversos

outros bairros da cidade, desde os periféricos até os mais próximos de onde se localiza o referido colégio.<sup>54</sup>

Segundo o IBGE, 90,8% dos alunos do ensino fundamental e 80,5% dos alunos do ensino médio brasileiro estão estudando em escolas públicas. Os números só se alteram significativamente no ensino superior, onde 86,2% dos estudantes estão frequentando entidades privadas. Com base nos números apontados é que a pesquisa se concentrou em escolas públicas, tendo em vista que são estas que recebem a grande maioria dos estudantes do ensino fundamental e médio do Brasil.

Duas das escolas pesquisadas têm como órgão mantenedor o governo do Estado de Santa Catarina. Ambas oferecem as modalidades de ensino fundamental e médio, funcionam nos períodos matutino, vespertino e noturno. Outra tem como órgão mantenedor a Prefeitura Municipal de Criciúma, oferece ensino fundamental e funciona nos períodos matutino e vespertino.

Antes de dar sequência à discussão proposta, apresentaremos a seguir alguns dados sobre os estabelecimentos pesquisados.

Tabela 1 - Amostra geral do quadro funcional das escolas - 2013

	Escola A	Escola B	Escola C
Número de alunos	712	685	588
Professores efetivos	18	19	25
Professores contratados	33	29	15
ACT			
Número de funcionários	11	12	07
Número de turmas	27	28	24

Fonte: Secretarias das escolas pesquisadas-2013.

<sup>54</sup> É importante ressaltar que o terceiro colégio citado atende pouquíssimos alunos do bairro onde está localizado, pois por se tratar de um bairro nobre da cidade, habitado pela elite econômica local, as crianças e adolescentes em idade escolar deste bairro frequentam, em sua maioria, escolas privadas.



Tabela 2 - Amostra geral do quadro funcional das escolas - 2014

	Escola A	Escola B	Escola C
Número de alunos	756	696	521
Professores efetivos	16	18	27
Professores contratados ACT	35	30	17
Número de funcionários	11	12	08
Número de turmas	28	27	24

Fonte: Secretarias das escolas pesquisadas-2014.

As três escolas possuem seus Projetos Político-Pedagógicos em constante construção. Na observação realizada ao longo da pesquisa do tipo etnográfica, foi possível detectar que durante as semanas pedagógicas ocorridas nessas instituições os PPP's são debatidos e quando necessário reformulados. Nos três PPP's analisados os princípios pedagógicos das escolas ficam bem evidentes, entretanto tais informações não serão aqui detalhadas por não se constituírem no foco desta pesquisa. Porém importa esclarecer que os três seguem a perspectiva histórico-cultural, estando dois deles de acordo com a Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina e outro com a Proposta Curricular do Município de Criciúma.

Foi possível observar que essas escolas, apesar de comporem duas redes distintas, buscam a adoção e a implementação de um processo permanente de planejamento, que acaba por se manifestar na criatividade da comunidade escolar, na busca de uma maior participação nas decisões, na dinâmica que se expressa dentro dessas escolas na programação e realização das atividades.

Quando se trata do processo de escolha dos diretores dessas escolas, há uma diferença entre a escola municipal e as duas escolas estaduais. Ao passo que o município de Criciúma possui um processo eleitoral de escolha dos diretores no qual toda a comunidade escolar — pais, alunos, funcionários e professores — escolhe através do voto direto seus diretores, na rede estadual de Santa Catarina o processo é o inverso, os diretores de escolas são indicados pelo governo ou seus aliados, provocando a partidização da escolha do diretor e a ingerência da política partidária dentro da escola. A partir das conversas realizadas, e com informações colhidas nessas escolas, constatamos que em uma instituição a indicação dos diretores foi feita pelo PSDB (Partido da

Social Democracia Brasileira) e em outra a indicação da direção foi realizada pelo PMBD (Partido do Movimento Democrático Brasileiro). Chegamos a ouvir a seguinte fala acerca do controle partidário nas escolas estaduais de Santa Catarina onde realizamos a pesquisa: “essa escola é do PSDB, aqui quem manda são eles”.

Com base no Projeto Político-Pedagógico, nos Parâmetros Curriculares Nacionais, na Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina e na Proposta Curricular do Município de Criciúma foram construídos os planejamentos anuais do professores das escolas pesquisadas.

Os planejamentos anuais das escolas investigadas são fruto do esforço, amadurecimento e experiência dos professores e da comunidade escolar. Foi possível percebermos os planejamentos sendo construídos como algo vivo, com efetiva participação dos professores durante as reuniões pedagógicas. Foi possível também constatar durante a construção dos planejamentos um momento de repensar a escola. Os sonhos vêm à tona, embora não sejam materializados em momentos posteriores. É importante afirmar que ficou muito evidente a organização das intencionalidades das comunidades estudadas.

São várias as conceituações sobre planejamento de ensino, mas de acordo com Turra et al (1995), com base em Mattos e Cappelletti, ele é uma

Previsão inteligente e bem calculada de todas as etapas de trabalho escolar que envolvem as atividades docentes e discentes, de forma a tornar o ensino seguro, econômico e eficiente. Previsão de situações específicas do professor com a classe. Processo de tomada de decisões bem informadas que visam a racionalização das atividades do professor e do aluno, na situação de ensino aprendizagem, possibilitando melhores resultados e, em consequência, maior produtividade (TURRA et al, 1995, p. 19).

Gandin (1999) afirma que planejar é

decidir que tipo de sociedade e de homem se quer e que tipo de ação educacional é necessária para isso; verificar a que distância se está deste tipo de ação e até que ponto se está contribuindo para o resultado final que se pretende; propor uma série orgânica de ações para diminuir essa distância e para contribuir mais para o resultado final estabelecido (GANDIN, 1999, p. 23).

Tomados como parte importante e indissociável do Projeto-Político Pedagógico e do Regimento Escolar, os planejamentos anuais servem como base aos demais planejamentos dos professores. Esses planejamentos não podem ser vistos como uma lista de conteúdos que o professor tem que passar para uma turma dentro de uma concepção puramente conteudista<sup>55</sup> — entendendo o ensino conteudista como aquele em que se passa uma quantidade enorme de conteúdos aos alunos, sem uma preocupação com o desenvolvimento intelectual e cultural destes—, mas sim considerados como meios, dos quais tanto os professores quanto a escola se utilizarão para alcançar os objetivos maiores da educação.

Sendo o foco deste trabalho o futebol e sua manifestação dentro do ambiente escolar, buscamos os planejamentos anuais de Educação Física das três escolas pesquisadas para saber os conteúdos do 6º ao 9º ano trabalhados pelos professores desta disciplina e onde o futebol está presente nesses planejamentos.

Quadro 1 - Planejamento das Aulas de Educação Física - Escola A

<p><b>Objetivos: 6º ano (601, 602, 603, 604)</b>            *Promover o desenvolvimento social da criança com o meio ambiente em que vive, socializando aspectos cognitivos e afetivos, gerando assim qualidade de vida e bem estar.</p>	<p><b>Conteúdos: 6º ano (601, 602, 603, 604)</b>            *Esporte: Voleibol, futsal e frisbee (históricos, fundamentos e regras).            *Jogos pré-desportivos.            *Jogos e brincadeiras: jogos populares, jogos de raquetes; jogos cooperativos.            *Dança: movimentos corporais, expressão, ritmo e música.</p>
<p><b>Objetivos: 7º ano (701, 702, 703)</b>            *Desenvolver a corporeidade dos alunos através de práticas recreativas e da iniciação dos esportes coletivos.</p>	<p><b>Conteúdos: 7º ano (701, 702, 703)</b>            *Medida antropométrica/Avaliação.            *Iniciação aos esportes coletivos (Rugby, Futebol Americano, Peteca e outros).            *Jogos de cooperação e recreação.</p>

<sup>55</sup> Como meio para aprofundar a discussão acerca do tema sugerimos as obras *Democratização da escola pública: a pedagogia criticosocial dos conteúdos*, de José Carlos Libâneo, e *Pedagogia histórico-crítica no quadro das tendências da educação brasileira*, de Dermeval Saviani.

<p>*Avaliar a aptidão e o desenvolvimento físico dos alunos.</p> <p>*Ensinar a prática de esportes coletivos diferenciados (adaptando à realidade e à estrutura da escola).</p>	<p>*Danças populares.</p>
<p><b>Objetivos: 8º ano (801, 802, 803)</b></p> <p>*Desenvolver a corporeidade dos alunos através de práticas recreativas e da iniciação dos esportes coletivos.</p> <p>*Avaliar a aptidão e o desenvolvimento físico dos alunos.</p> <p>*Ensinar a prática de esportes coletivos diferenciados (adaptando à realidade e à estrutura da escola).</p>	<p><b>Conteúdos: 8º ano (801, 802, 803)</b></p> <p>*Medida antropométrica/Avaliação.</p> <p>*Iniciação aos esportes coletivos (Rugby, Futebol Americano, Peteca e outros).</p> <p>*Jogos de cooperação e recreação.</p> <p>*Danças populares.</p>
<p><b>Objetivos: 9º ano (901, 902, 903)</b></p> <p>*Desenvolver a corporeidade dos alunos através de práticas recreativas e da iniciação dos esportes coletivos.</p>	<p><b>Conteúdos: 9º ano (901, 902, 903)</b></p> <p>*Handebol.</p> <p>*Voleibol.</p> <p>*Basquete.</p> <p>*Copa das Confederações/Copa do Mundo.</p> <p>*Rugby.</p> <p>*Futsal.</p> <p>*Futebol Americano.</p>

Fonte: Planejamento Anual da Escola A. Dados organizados pelo autor, 2014.

O que chama a atenção no planejamento da escola A é o fato de que o futebol aparece apenas no planejamento do 6º ano com futsal e no 9º ano também com futsal e indicação da Copa das Confederações e Copa do mundo. Os planejamentos do 7º e 8º anos são exatamente iguais e neles não há indicação de futebol. Porém, na observação feita nesta escola, a prática do futebol nas aulas de Educação Física se fazia com frequência em todas as turmas. Outro fator que também causa estranheza é a referência ao Rugby e ao Futebol Americano. Nessa escola não visualizamos nenhum equipamento para a prática desses dois

esportes, assim como não vimos nenhuma aula onde eles fossem ao menos mencionados.

Quadro 2 - Planejamento das Aulas de Educação Física - Escola B

<p><b>Objetivos: 6º ano (601, 602, 603)</b>          *Executar fundamentos apropriados em nível de iniciação para as modalidades de handebol, basquetebol, voleibol, futebol, ginástica e xadrez.          *Proporcionar aos alunos conhecimentos de alimentação saudável.          *Colaborar na formação humana do aluno, proporcionando atividades motoras que desenvolvam a percepção do próprio corpo com suas possibilidades e limitações contextualizando estas práticas corporais com a realidade do aluno.</p>	<p><b>Conteúdos: 6º ano (601, 602, 603)</b>          *Voleibol.          *Handebol.          *Futebol.          *Basquetebol.          *Ginástica.          *Xadrez.</p>
<p><b>Objetivos: 7º ano (701, 702, 703)</b>          *Executar fundamentos apropriados em nível de iniciação para as modalidades de handebol, basquetebol, voleibol, futebol, ginástica e xadrez.          *Proporcionar aos alunos conhecimentos de alimentação saudável.          *Colaborar na formação humana do aluno, proporcionando atividades motoras que desenvolvam a percepção do próprio corpo com suas possibilidades e limitações contextualizando estas práticas</p>	<p><b>Conteúdos: 7º ano (701, 702, 703)</b>          *Voleibol.          *Handebol.          *Futebol.          *Basquetebol.          *Ginástica.          *Xadrez.</p>

corporais com a realidade do aluno.	
<p><b>Objetivos: 8º ano (801, 802, 803, 804)</b></p> <p>*Executar fundamentos apropriados em nível de iniciação para as modalidades de handebol, basquetebol, voleibol, futebol, ginástica e xadrez.</p> <p>*Proporcionar aos alunos conhecimentos de alimentação saudável.</p> <p>*Colaborar na formação humana do aluno, proporcionando atividades motoras que desenvolvam a percepção do próprio corpo com suas possibilidades e limitações contextualizando estas práticas corporais com a realidade do aluno.</p>	<p><b>Conteúdos: 8º ano (801, 802, 803, 804)</b></p> <p>*Voleibol.</p> <p>*Handebol.</p> <p>*Futebol.</p> <p>*Basquetebol.</p> <p>*Ginástica.</p> <p>*Xadrez.</p>
<p><b>Objetivos: 9º ano (901, 902, 903)</b></p> <p>*Desenvolver a percepção do corpo em sua totalidade.</p> <p>*Enfatizar a qualidade de vida como requisito para a vivência corporal plena.</p> <p>*Explorar práticas corporais como linguagem.</p> <p>*Proporcionar a prática dos esportes em sua totalidade.</p> <p>*Explorar a democracia como fundamento do exercício da cidadania.</p> <p>*Desenvolver a ética e a estética como princípios norteadores da formação humana.</p>	<p><b>Conteúdos: 9º ano (901, 902, 903)</b></p> <p>*Dança criativa, dramatização, pantomima.</p> <p>*Ginástica geral, ginástica de solo, movimento acrobático.</p> <p>*Jogos populares, jogos esportivos, jogos de raquete, jogos de salão.</p> <p>*Futsal, Handebol, Basquetebol, Voleibol, Atletismo.</p>

Fonte: Planejamento Anual da Escola B. Dados organizados pelo autor, 2014.

Em se tratando do planejamento da escola B, verificamos que os planejamentos do 6º, 7º e 8º anos são exatamente iguais, sendo apenas o do 9º ano diferenciado dos demais. Em todos os planejamentos há referência ao futebol. Ainda que nesta escola houvesse uma diversificação das atividades esportivas, também nela o futebol era o esporte mais praticado, sobretudo entre os meninos.

Quadro 3 - Planejamento das Aulas de Educação Física - Escola C

<p><b>Objetivos: 6º ano (601, 602, 603)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>*Executar exercícios naturais como andar, correr, saltar, arremessar, quadrupedar, pular e rolar com certo domínio do corpo.</li> <li>*Efetuar domínios básicos, motricidade fina e ampla.</li> <li>*Conhecer as regras oficiais dos esportes trabalhados.</li> <li>*Desenvolver raciocínio lógico através de jogos de regras.</li> <li>*Desenvolver autocontrole e sua disciplina própria.</li> <li>*Desenvolver o domínio sobre seu corpo e a percepção musical e corporeidade.</li> <li>*Demonstrar cooperação, organização, autocontrole e responsabilidade em trabalhos de grupo.</li> </ul>	<p><b>Conteúdos: 6º ano (601, 602, 603)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>*Exame biométrico.</li> <li>*Subir e descer obstáculos como: cones, pneus, bambolês, cordas.</li> <li>*Saltar de várias formas: direita, esquerda, alternadas e num pé só.</li> <li>*Ginástica em geral.</li> <li>*Dança.</li> <li>*Jogos lúdicos cooperativos.</li> <li>*Jogos desportivos com regras oficiais.</li> <li>*Esportes cooperativos.</li> <li>*Gincanas cooperativas.</li> <li>*Jogos pré-desportivos.</li> <li>*Atividades lúdicas e brincadeiras em geral.</li> </ul>
<p><b>Objetivos: 7º ano (701, 702, 703)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>*Proporcionar atividades orais, escritas e práticas aos educandos, numa tentativa de provocar interesses e motivações para uma educação plena, onde a visão crítica e os direitos humanos</li> </ul>	<p><b>Conteúdos: 7º ano (701, 702, 703)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>*Corporeidade.</li> <li>*Movimentos.</li> <li>*Jogos.</li> <li>*Ginásticas.</li> <li>*Danças.</li> <li>*Esportes.</li> </ul>

<p>estejam presentes diariamente, colaborando na formação de um cidadão consciente e preparado para ser integrado a nossa sociedade contemporânea.</p>	
<p><b>Objetivos: 8º ano (801, 802, 803)</b>  *Proporcionar atividades orais, escritas e práticas aos educandos, numa tentativa de provocar interesses e motivações para uma educação plena, onde a visão crítica e os direitos humanos estejam presentes diariamente, colaborando na formação de um cidadão consciente e preparado para ser integrado a nossa sociedade contemporânea.</p>	<p><b>Conteúdos: 8º ano (801, 802, 803)</b>  *Voleibol.  *Handebol.  *Basquetebol.  *Atletismo.  *Futebol.  *Tênis de Mesa.  *Tênis de campo.</p>
<p><b>Objetivos: 9º ano (901, 902, 903)</b>  *Proporcionar atividades orais, escritas e práticas aos educandos, numa tentativa de provocar interesses e motivações para uma educação plena, onde a visão crítica e os direitos humanos estejam presentes diariamente, colaborando na formação de um cidadão consciente e preparado para ser integrado a nossa sociedade contemporânea.</p>	<p><b>Conteúdos: 9º ano (901, 902, 903)</b>  *Voleibol.  *Handebol.  *Basquetebol.  *Atletismo.  *Futebol.  *Tênis de Mesa.  *Tênis de campo.</p>

Fonte: Planejamento Anual da Escola C. Dados organizados pelo autor, 2014.

O planejamento anual do 6º ano não menciona nenhum tipo do jogo especificamente, mas trata muito e mostra preocupação com a ideia de esportes e jogos cooperativos. Já o planejamento do 7º ano não faz menção explícita aos tipos de jogos, mostrando-se muito generalizante. Os planejamentos do 8º e 9º ano são exatamente idênticos, dando ênfase aos esportes coletivos e tratando, nesse sentido, do futebol. Na observação feita na escola C, percebemos também que de modo geral o



esporte mais praticado é o futebol. Sempre que possível, durante as aulas de Educação Física, os alunos buscaram a realização de partidas de futebol.

Na avaliação dos planejamentos anuais das escolas vários pontos chamam atenção, porém um, em especial, mereceu uma análise mais detida: o item “Copa das Confederações e Copa do Mundo”, presente no planejamento do 9º ano da Escola A. Em 2014 o futebol teve seu espaço ampliado em virtude da Copa do Mundo de Futebol; a cobertura sobre esse evento tornou-se mais abrangente. No entanto toda a cobertura se deu de maneira muito mais intensa por se tratar de um evento realizado em território nacional. Sem sombra de dúvidas, um megaevento como a Copa gera uma série de mudanças no país sede. Por gerar mudanças no campo econômico, político, geográfico etc., acaba, então, por atingir também a educação, e observando o planejamento citado identificamos a influência do evento já no planejamento anual do 9º ano.

Em relação aos conteúdos ministrados nas aulas de Educação Física, evidencia-se uma predominância exagerada dos esportes tradicionais, handebol, vôlei, basquete e futebol. Nessas atividades, a prática pela prática é o determinante nas aulas, comprovamos a ausência do professor na orientação metodológica.

Na escola A e na escola C observamos a aplicação de aulas teóricas, sendo que na escola A foram duas aulas, e na escola B uma aula. Na escola B todas as atividades observadas ocorreram ao ar livre. Na escola B foi onde presenciamos com maior frequência a pedagogia do “rola bola”.

Analisando a ação dos profissionais de Educação Física nas três escolas pesquisadas, pudemos notar o pouco envolvimento destes na organização das atividades. Fato constatado, também, é que há muita observação das atividades e pouca interferência. Na escola C presenciamos inclusive a realização de tarefas sem nenhuma relação com o contexto da aula.

Na escola A, como ocorria frequentemente uma separação entre meninos e meninas<sup>56</sup> nas aulas ministradas pelo professor R, era comum

---

<sup>56</sup>Na realidade era o mesmo professor que ministrava as aulas para a turma. Deveriam ocorrer aulas conjuntas, onde meninos e meninas ocupassem o mesmo espaço e realizassem as mesmas atividades, mas criou-se uma cultura de separação por gênero, sendo que os meninos normalmente ocupavam a quadra e

ele dividir seu tempo e sua atenção entre dois espaços da escola: um onde se encontravam os garotos e outro onde estavam as garotas. Este ir e vir permanente atrapalhava a intervenção do professor durante as aulas.

Confrontando as aulas com os planejamentos anuais dos professores, evidencia-se uma discrepância entre ambos. Nem sempre o que está contido no planejamento ocorre nas aulas. O que mais chamou atenção foi o fato de que no 6<sup>a</sup> e 7<sup>a</sup> anos há uma coerência maior entre planejamentos e aulas. Já no 8<sup>o</sup> e 9<sup>o</sup> anos o planejamento é pouco harmonioso com as atividades ministradas.

Essa nova maneira de conceber a Educação Física no Brasil está vinculada aos importantes debates político-acadêmicos dos anos 1980 e 1990, que resultaram no surgimento de uma importante literatura relativa à Educação Física escolar no Brasil<sup>57</sup>. Essa nova geração de pensadores e professores de Educação Física compartilhava de uma ideia que via a Educação Física como educação, distanciando-a, portanto, da visão dominante até aquele momento, que a via apenas como atividade física e conseqüentemente neutra como prática pedagógica. Na concepção de Kunz (2004), uma

[...] teoria pedagógica no sentido crítico-emancipatória precisa, na prática, estar acompanhada de uma didática comunicativa, pois deverá fundamentar a função do esclarecimento e da prevalência racional de todo agir educacional. E uma racionalidade com o sentido do esclarecimento implica sempre, numa racionalidade comunicativa. Devemos pressupor que a Educação é sempre um processo onde se desenvolvem “ações comunicativas”. O aluno enquanto sujeito do processo de ensino deve ser capacitado para sua participação na vida social, cultural e esportiva, o que significa não somente a aquisição de uma capacidade de ação, funcional, mas a capacidade de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados nesta vida,

---

as meninas ocupavam um gramado ao lado da quadra. Essa segregação ocorria com maior frequência nas aulas onde se praticava o futebol.

<sup>57</sup>Dessa literatura destacamos, principalmente, as ideias apresentadas por Elenor Kunz, Valter Bracht, Silvana Vilodre Goellner, Alfredo Gomes de Faria Junior, Reiner Hildebrandt-Stramann, Alcides José Scaglia, João Batista Freire, Celi Nelza Zulke Taffarel, dentre outros.

através da reflexão crítica (KUNZ, 2004, pp. 29-30).

Nessa linha de pensamento o ato de ensinar, na Educação Física, está colado a um compromisso educacional na formação da cidadania crítica e emancipatória dos alunos, através do desenvolvimento das competências objetiva, social e comunicativa, marcando “[...]uma educação que se desenvolve, se refaz e se auto-realiza pela interação de professor e alunos, como ato de se entenderem, de dialogarem e de interagirem comunicativamente” (KUNZ, 2001). E nesse sentido, os planejamentos anuais analisados procuram tratar da Educação Física escolar dentro da perspectiva exposta acima.

Como coleta de dados neste item da pesquisa utilizamos um levantamento documental, por ser esta modalidade a mais coerente com o trabalho neste estágio. Os documentos devem ser vistos como um material a ser apreciado e valorizado. A riqueza de informações que é possível extrair deles justifica o seu uso em várias áreas, sobretudo nas Ciências Humanas e Sociais. Cellard (2008, p. 293) afirma que “o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas Ciências Sociais”.

Quando tentam nomear o uso de documentos no processo de investigação científica, os pesquisadores usam palavras como pesquisa, método, técnica e análise. Nessa perspectiva temos as seguintes denominações: pesquisa documental, método documental, técnica documental e análise documental.

Vejamos de que forma alguns autores se expressam sobre o assunto: “A análise documental busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões e hipóteses de interesse” (CAULLEY apud LÜDKE; ANDRE, 1986, p. 38); “Uma pessoa que deseja empreender uma pesquisa documental deve, com o objetivo de constituir um corpus satisfatório, esgotar todas as pistas capazes de lhe fornecer informações interessantes” (CELLARD, 2008, p. 298); “A técnica documental vale-se de documentos originais, que ainda não receberam tratamento analítico por nenhum autor. [...] é uma das técnicas decisivas para a pesquisa em ciências sociais e humanas” (HELDER, 2006, pp.1-2). E, por fim, temos o olhar de Kelly (apud Gauthier 1998, p. 296):

Trata-se de um método de coleta de dados que elimina, ao menos em parte, a eventualidade de qualquer influência – presença ou intervenção do

pesquisador – do conjunto das interações, acontecimentos ou comportamentos pesquisados, anulando a possibilidade de reação do sujeito à operação de medida.

Como já foi mencionamos anteriormente, para este estudo foram analisados os documentos referentes ao planejamento anual de Educação Física de três escolas públicas de Criciúma. Nos três estabelecimentos explicamos os procedimentos a serem usados. Informamos que o nome da escola bem como os nomes dos professores seriam omitidos preservando assim a identidade de todos. Todas as fotos foram feitas com o consentimento dos participantes e seus responsáveis. Em se tratando do nome dos alunos nenhum foi omitido, tendo em vista que, devido ao grande número de estudantes envolvidos na pesquisa, fica bastante difícil identificá-los pelos seus nomes.

Outro recurso utilizado foi um questionário (anexo) aplicado aos alunos das três instituições. Esse questionário seguiu um roteiro de perguntas elaboradas para conhecer um pouco mais da realidade do contexto escolar, assim como alguns hábitos esportivos dos entrevistados. Segundo Triviños (1987, p. 146), esse é um procedimento importante quando as questões levantadas são “resultados não só da teoria que alimenta a ação do investigador, mas também de toda a informação que ele recolheu sobre o fenômeno que interessa”. Antônio Carlos Gil (1999, p.128) define o questionário “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”.

Os questionários foram preenchidos em sala de aula. Em todas as salas onde foram aplicados, havia a presença do professor da escola junto com o pesquisador. Ao entregarmos os questionários para que os alunos respondessem, explicamos a eles a natureza da pesquisa e qual a importância e a necessidade de obtermos as repostas. Tal medida teve como objetivo despertar o interesse para que os alunos pesquisados preenchessem os questionários com a maior veracidade possível.

Ainda outro instrumento que auxiliou na coleta de dados durante o trabalho de campo foi a observação etnográfica das escolas, conforme já detalhamos anteriormente. Vale registrar que ao longo dos meses de observação das aulas de cada professor, bem como da investigação realizada nos três espaços escolares, não houve empecilho algum para a realização da pesquisa. Elaboramos um diário de campo onde foram anotados aspectos da realidade observada do cotidiano das escolas.

A análise dos dados qualitativos levantados, de acordo com Lüdke e André (1986), é um processo criativo que exige do pesquisador um rigor intelectual e muita dedicação, tendo em vista que a esse respeito não existe forma melhor ou mais correta. O que se exige efetivamente é coerência e sistematização dentro do plano que foi escolhido e dentro do que se busca com o estudo.

Para analisar e interpretar os dados obtidos durante a pesquisa, utilizamos a metodologia de análise documental associada à observação participante. A análise documental e a observação participante são técnicas eficazes e se complementam além de se mostrarem úteis no sentido de subsidiar estudos no campo social. Amparados em Wander de Lara Proença (2008), podemos afirmar que a observação participante é uma técnica de investigação social em que o observador partilha, na medida em que as circunstâncias o permitam, as atividades, as ocasiões, os interesses e os afetos de um grupo de pessoas ou de uma comunidade. É, no fundo, uma técnica composta, na medida em que o observador não só observa como também tem de se socorrer de técnicas de entrevista com graus de formalidade diferentes. Já a análise documental, segundo Lüdke e André (1986) constitui uma técnica importante na pesquisa qualitativa, seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos de um tema ou problema.

Com base na análise documental e na observação participante foram sendo gerados e organizados textos e relatórios que subsidiaram a elaboração do texto final deste trabalho.

### 3.3 “A MÃO DE DEUS” OU DO MERCADO

Diego Aramando Maradona foi um dos melhores jogadores de futebol da história pelos dribles e pelos gols. Além dos dribles e dos gols, as polêmicas também sempre acompanharam o jogador argentino. Um dos casos mais lembrados da carreira de Maradona ocorreu em 22 de julho de 1986, durante a Copa do Mundo realizada no México. Naquele dia a Argentina venceu a Inglaterra por 2 X 1 com um polêmico gol de mão. O lance foi batizado pelo próprio Maradona como “Mão de Deus”. Mas, Diego Armando Maradona não foi lembrado por nenhum aluno desta pesquisa, assim como Zico, Roberto Dinamite, Falcão e Sócrates, grandes ídolos do futebol brasileiro, também não foram. Pelé, conhecido mundialmente como o Rei do Futebol, foi

apontado como ídolo por apenas dois alunos das três escolas pesquisadas.

Pode-se afirmar que o futebol nasceu plebeu e acabou por pertencer à classe trabalhadora; este esporte era uma festa que o povo se concedia, porém o negócio acabou por apoderar-se dele e o transformou em um faraônico objeto de consumo que gera lucros incalculáveis e também serve como entretenimento e distração para a sociedade em geral. Uma frase atribuída a Jean-Paul Sartre e a Nelson Rodrigues diz que “o futebol é uma metáfora da vida”, ou seja, o que ocorre com este esporte se sucede também na sociedade. A visão neoliberal do lucro rápido e da efemeridade das coisas atingiu o futebol. Hoje, o gosto pelo jogo foi posto de lado para dar lugar única e exclusivamente ao resultado, inclusive o financeiro.

Com a intervenção do neoliberalismo no futebol, o prazer de se jogar foi excluído. Hoje o que mais se ouve no futebol são palavras como trabalho, sacrifício, treinamento, resultado e outros termos que exaltam a competitividade, isto porque o que mais importa é o êxito alcançado. O prazer de se jogar futebol passou a ser identificado com a indiferença. A diversão ganhou significado de irresponsabilidade, uma vez que dentro dos critérios comerciais, onde tudo é mercantilizado e o que interessa é o lucro que a indústria cultural consegue com o futebol, não se permite outro tipo de prática futebolística se não for a competitiva.

O volume de dinheiro que ronda o futebol é tão grande que os jogadores acabaram por perder o sentido de vínculos com os clubes e já nem sabem o que ou quem representam. Hoje os atletas de futebol pensam como profissionais e confundem o amor pelo jogo com os privilégios econômicos e a fama que o esporte proporciona. Não questionamos o direito do atleta profissional do futebol de atuar onde bem entender, mesmo porque entendemos o jogar futebol profissional como um trabalho onde a exploração se faz presente. O que questionamos, é que cada vez mais cedo e com maior frequência os atletas são submetidos à ganância de empresários e a interesses econômicos e políticos por parte de cartolas. A lógica do mercado nos últimos anos mostra que quando as cifras são altas fica muito difícil a jogadores e clubes resistirem. O camaronês Benoit Assou-Ekotto, ao se transferir ao clube inglês Tottenham, concedeu uma entrevista polêmica ao jornal inglês *The Guardian*, onde afirma que “os futebolistas profissionais fazem o que fazem por dinheiro. Quem disse que joga por amor a camisa do time é um hipócrita, é uma fraude [...] não entendo

quem fica chocado quando digo que jogo por dinheiro, futebol não é minha paixão”. Porém há jogadores que ainda mantêm a exceção, é o caso do jogador da Roma Francesco Totti, uma lenda viva para os torcedores romanistas, um dos poucos exemplos de jogadores considerados craques que não trocou de clube durante toda a sua carreira. Em entrevista ao canal de televisão italiano Sky Sport 24, afirmou: “Não me arrependo de ter recusado Real Madrid e Barcelona. Sempre sonhei em jogar na Roma, e só na Roma”. O que fica claro e não podemos negar é que cada vez mais os caminhos seguidos pelo futebol são determinados pelos interesses econômicos.

De acordo com as reflexões do filósofo polonês Zygmunt Bauman (2007, p. 31), “as pessoas tinham um sentimento de pertencimento e solidariedade” que vem desaparecendo, acentuado pela lógica capitalista neoliberal ultra-individualista. Segundo Mascarenhas (2009, pp. 506-507), isso ocorreu a partir da década de 1980, e ele define como

uma virada dos 80, quando duas entidades – Federação Internacional de Futebol Associação (Fifa) e Comitê Olímpico Internacional (COI) – reorganizaram-se profundamente, adotando novos princípios gerenciais, abrindo mão de velhos princípios para aderir à inserção plena do esporte no capitalismo e tornando-se duas das maiores multinacionais do mundo. Desde então, passaram a atrair poderosos patrocinadores e a vender os direitos de transmissão dos eventos em bases monetárias que crescem em progressão geométrica. Muito dinheiro para promover a grande festa, que é vista por bilhões de espectadores: espetáculo e globalização são duas palavras que sintetizam estes rituais contemporâneos.

A partir do exposto, analisaremos alguns aspectos dos dados obtidos da observação in loco e também de dados importantes tirados do questionário em anexo.

Tabela 3 - Número de alunos que responderam o questionário

	Alunos entrevistados	
	Meninos	Meninas
Escola A	39	38
Escola B	15	16
Escola C	37	31
<b>Total</b>	<b>91</b>	<b>85</b>

Fonte: Questionário aplicado pelo autor nas escolas pesquisadas, 2014.

Relativamente à influência do neoliberalismo dentro do espaço escolar, alguns elementos expressivos obtidos nesta pesquisa mostram aspectos da realidade vivida por um número significativo de estudantes no Brasil. Especificamente sobre os efeitos na mídia e do neoliberalismo, julgamos necessário abordar quatro questões esclarecedoras a respeito do tema.

O primeiro aspecto a chamar atenção está relacionado ao fato de que no universo de 91 alunos do sexo masculino, 5 se declararam torcedores de clubes europeus (Real Madrid, 2 alunos; Barcelona, 2 alunos; Bayern de Munique, 1 aluno), sendo que entre as 85 alunas não houve qualquer citação acerca de clubes de futebol não brasileiros. Quando perguntado por que Bayern de Munique, o aluno Luan, de 11 anos, afirmou o seguinte: “Tem Ribéry, Neuer, Schweinsteiger, é o melhor time do mundo. Temos Sky gato em casa e eu assisto sempre os jogos do Bayern”. Já Eduardo, de 12 anos, quando perguntado sobre o Real Madrid, disse “sei lá, eu gosto, não dá para explicar, eu só gosto desse time”. Embora times europeus sejam apontados, a maioria dos alunos possuem vínculos com as equipes nacionais. Tal resultado não causa espanto.

O segundo aspecto diz respeito aos ídolos adotados pelos alunos. No mesmo universo descrito anteriormente, houve apenas uma citação de um jogador estrangeiro como ídolo entre as alunas (Cristiano Ronaldo). Já quando o mesmo assunto é tratado entre os meninos temos uma mudança significativa, tendo em vista que muitos apontam jogadores estrangeiros que atuam na Europa como ídolos. Lionel Messi foi citado 7 vezes, Cristiano Ronaldo, 8, Wayne Rooney, Ilker Cassillas, Franck Ribéry e até o marfinense Salomon Kalou foram citados uma vez. Se levarmos em conta as indicações dos jogadores brasileiros que atuam no continente europeu, chegamos à conclusão de que quando os ídolos citados são jogadores de futebol, para a maioria dos estudantes a referência são atletas que atuam na Europa. Samuel, de 13 anos, quando



perguntado sobre Kalou, respondeu o seguinte: “aquele negão joga muito, se eu fosse jogador queria ser que nem ele, vi ele jogar duas vezes pela seleção da Costa do Marfim, é matador<sup>58</sup>”.

O terceiro ponto relaciona-se a uma pergunta que indagava se os alunos costumam ir ao estádio assistir aos jogos do Criciúma. Nesse caso as respostas de meninos e meninas se equivalem.

Tabela 4 - Alunos que costumam frequentar os jogos do Criciúma

Costumam ir a jogos do Criciúma							
		SIM		NÃO		ÀS VEZES	
		Meninos	Meninas	Meninos	Meninas	Meninos	Meninas
Escola	A	05	06	22	27	08	05
	B	03	05	10	10	02	01
	C	04	04	30	27	03	00

Fonte: Questionário aplicado pelo autor nas escolas pesquisadas, 2014.

Três respostas dadas para justificar a não ida ao estádio chamam atenção: a resposta de Patrick, 14 anos: “Não. Eu não tenho dinheiro, meu pai não pode pagar a carteirinha e o ingresso sem carteirinha<sup>59</sup> é muito caro”; a de Raiane, 12 anos: “Eu gostaria de ir, mas meu pai não tem dinheiro para pagar, aí eu não vou. Só fui uma vez que a escola

<sup>58</sup>No mundo do futebol o termo “matador” se refere ao jogador de ataque que faz muitos gols.

<sup>59</sup>A referência à carteirinha está relacionada a uma modalidade de sócio adotada pelo Criciúma Esporte Clube, de acordo com a qual o associado paga a mensalidade e tem entrada livre durante os jogos da equipe.

levou. Adorei”; e o depoimento de Jhonatan, de 12 anos: “Meu pai não deixa eu ir, ele acha muito violento”.

Duas questões sobressaem-se nas falas dos alunos acima. Uma é o processo de exclusão de um grupo significativo, motivado pela questão financeira, que impede o acesso a uma forma de entretenimento difundida entre nós, brasileiros. Outra é a preocupação com a violência, fato bastante difundido pela grande imprensa nacional. Vale lembrar que no estádio do Criciúma Esporte Clube não se tem histórico sistemático de violência entre torcidas apesar de já ter ocorrido momentos de violência neste estádio. Talvez o fato mais marcante foi o episódio de uma bomba caseira jogada pela torcida do Avaí em direção à torcida do Criciúma que acabou por decepar a mão de um torcedor. Entretanto o que mais tem afastado a grande maioria da população dos estádios é o processo de privatização e mercantilização do futebol. A lógica do lucro impregnada ao futebol nos dias atuais contribuiu para a exclusão das classes populares dos jogos, lembrando que foi nas camadas populares brasileiras que este esporte se fez e conquistou o espaço que possui. Hoje é evidente que o futebol profissional se tornou um espetáculo voltado para a classe média e mais rica da sociedade. Há a clara tentativa de afastar os menos abastados dos estádios.

O quarto e último aspecto refere-se à prática do futebol virtual. Nesse particular a pesquisa mostrou que o jogo do futebol virtual é praticado majoritariamente por meninos. Nas três escolas onde foram colhidos os dados, apenas 7 meninas afirmaram praticar o futebol virtual, sendo 3 meninas da escola A, 2 meninas da escola B e 2 meninas da escola C. Os jogos apontados pelas meninas foram o FIFA 2013, o FIFA 2014 e o PES 2013 (Pro Evolution Soccer). Entre os meninos foram citados vários jogos de futebol virtual, sendo que os mais praticados são o FIFA 2013, FIFA 2014, Brasfoot 12, Football Manager 2014, PES 2012, PES 2013 e Football Superstars. É importante ressaltar que nem todos os alunos possuem acesso aos meios necessários para a prática dos jogos virtuais.

Figura 4 - Jogo BRASFOOT 2012



Fonte: Mundobrasfoot.net<sup>60</sup>.

Figura 5 – Jogo FIFA 2013



Fonte: 2013 Conutdown Tours<sup>61</sup>.

<sup>60</sup><http://www.mundobrasfoot.net/cgi-sys/suspendedpage.cgi>> Acesso em agosto de 2014.

<sup>61</sup><http://the2013.blogspot.com.br/2013/03/fifa-2013.html>> Acesso em agosto de 2014.

Os quatro aspectos apresentados acima são importantes por auxiliarem a demonstrar o que a influência da mídia, da globalização e do neoliberalismo, via orientação internacional capitalista, vem provocando em termos de mudanças no pensar e no fazer da escola pública. Fica evidente, no caso das escolas estudadas, a influência da mídia, da globalização e do neoliberalismo quando notamos alguns dos seus efeitos no comportamento dos alunos, seja nos tipos de jogos, seja em seus ídolos, nos times para os quais torcem ou mesmo no consumo de artigos esportivos vinculados a equipes estrangeiras.

Embora os dados citados acima sejam relevantes para a compreensão da trama da constituição do engajamento do futebol na escola, vale registrar que, além da forma do futebol profissional, os alunos, em seus espaços, conseguem ressignificar o futebol por eles praticado. Com bola ou sem ela, descalços ou de tênis, com calça comprida ou de calção, a prática do futebol se reinventa e se afasta do modelo mercadológico. No interior da escola, o futebol não se faz unicamente dentro do modelo convencional, a partir de regras esportivas que são sistematicamente difundidas pela mídia e muitas vezes reforçadas nas aulas de Educação Física. As práticas do futebol são constantemente ressignificadas pelos alunos, inseridas dessa forma no cotidiano escolar. A partir do exposto ressaltamos o que revela Faria (2001, p.141):

Como prática de ‘fácil’ assimilação e pouca exigência material e espacial, o futebol entrou para a escola. Acontece, entretanto, que não se trata de uma modalidade esportiva naturalmente mais fácil que outras, mas de uma prática complexa, culturalmente facilitada. Outra questão que merece destaque é que, ao contrário do que se pensa, a facilidade de organização e adaptação desse esporte vem de uma diversidade de usos e apropriações do futebol que culminaram, historicamente, em uma menor exigência de recursos materiais e espaciais para a sua produção.

Figura 6 – Cadernos com capas de times europeus.



Fonte: Fotos do autor, setembro de 2014.

Para que os dispositivos neoliberais conservadores sejam efetivamente eficientes, é fundamental que se crie um homem novo. É necessário que os indivíduos acatem, mesmo sem uma real consciência, o valor mercantil e as relações do mercado como padrão dominante do mundo, reconhecendo nesse mercado toda possibilidade de que ele necessita para que possa se desenvolver como pessoa humana. E nesse aspecto, a escola é um espaço importante para a transmissão de ideias que enaltecem o livre mercado, a livre iniciativa e, por consequência, o individualismo exacerbado. Desse ponto de vista a intervenção realizada no espaço escolar é eficiente no sentido de que através dos conteúdos é possível “treinar” o indivíduo para o mercado de trabalho e fazer com que este mesmo indivíduo aceite todos os postulados do credo neoliberal vinculado à globalização.

Figura 7 - Alunos da escola A com várias camisas de clubes europeus



Fonte: Foto do autor, junho de 2014.

O Artigo escrito por Tomaz Tadeu da Silva (1999), intitulado “A ‘nova’ direita e as transformações na pedagogia da política e na política da pedagogia”, traz já em seu início uma observação esclarecedora, quando aborda o uso de gibis como meio de irradiação da doutrina neoliberal nas escolas públicas de São Paulo. Silva entende que, mesmo aparentando ingenuidade, são nítidos os ataques às instituições públicas de maneira geral e, em particular, à educação.

Segundo o pesquisador, esse material (cartilha) é bastante esclarecedor quanto aos preceitos neoliberais. O material é contundente ao afirmar que o grande mal da sociedade atual é a presença do Estado na economia, pois este Estado, conforme a cartilha, é carregado de malefícios, sendo um espaço permanente de corrupção e inoperância. Como era de se esperar, o material distribuído nas escolas enaltece a livre iniciativa e o livre mercado, além de fazer forte apologia ao sucesso individual.

Analisando o futebol dentro do espaço escolar, percebemos de algum modo esse enaltecimento ao sucesso individual. É comum a mídia apontar um único jogador como sendo o responsável por determinada conquista de um determinado clube. Isso acaba por ser reproduzido nas aulas de Educação Física ou mesmo nos jogos durante os intervalos de aula, quando alguém é excluído, ou quando o melhor da

escola, no quesito futebol, acaba determinando algumas regras. Porém sendo a escola um espaço social privilegiado de disputa hegemônica, e sendo assim um lugar onde os educadores exercem uma importante tarefa social, estes devem disputar espaço e se colocar sobremaneira contra as propostas neoliberais que trazem em sua essência a proposta de exclusão social. A argumentação a respeito do tema de um professor que atua como ACT<sup>62</sup> em uma das escolas pesquisadas é sintomática:

eu procuro na medida do possível passar aos alunos a importância da socialização, da coletividade. Às vezes a gente até quer fazer isso, procura inculcar né, mas o aluno vem de casa com visão de Neymar, de Ronaldinho, chega aqui ele quer ser conhecido como o melhor ou como um dos melhores. Eu acredito muito na escola pública e defendo ela. Nós, professores, devemos combater qualquer tentativa de privatização de qualquer escola e mesmo de faculdades, ou hospitais ou seja lá o que for. Essas medidas normalmente prejudicam quem trabalha e põem dinheiro na mão de quem já tem muito. Estado mínimo pra cima de mim, não.

A fala do professor nos mostra que dentro das escolas brasileiras há resistências e também discussão acerca dos efeitos do neoliberalismo. Mesmo com a fragilidade do processo de formação e o engessamento das estruturas das escolas, muitos professores sabem que necessitam se apropriar criticamente do conhecimento e fazer a relação daquilo que é produzido na escola e também fora dela.

### 3.4 OBSERVAÇÕES ETNOGRÁFICAS: A PRÁTICA DO FUTEBOL NO COTIDIANO ESCOLAR

Depois de percorrido o caminho teórico, por meio da qual buscamos explicar as muitas teorias que de alguma forma estão ligadas ao tema central desta pesquisa, passamos então a expor os dados colhidos em campo. Aqui os pressupostos do método da pesquisa do tipo etnográfica determinaram todo o período do contato com a escola.

---

<sup>62</sup>Os professores ACT's, como a sigla já informa, são aqueles admitidos em caráter temporário, ou seja, esses profissionais não são efetivos na rede, e portanto, acabam por caracterizar uma alta rotatividade nas escolas.

Esse método de pesquisa também é qualitativo e também aqui o envolvimento do pesquisador na vida do sujeito acaba por ocorrer em virtude da dinâmica do período da pesquisa.

O acesso às três escolas onde realizamos a pesquisa foi precedido por um processo de negociação com a direção das escolas. Foram as diretoras que nos apresentaram aos professores e aos demais membros das equipes das escolas. A partir de uma conversa com a direção e os demais membros, recebemos autorização para permanecer nas instituições e para ter acesso aos documentos que pudessem auxiliar na pesquisa, atitude que acabou sendo repetida por outros componentes das escolas. Cabe ressaltar que em um dos educandários percebemos certa resistência em fornecer documentos ou dados por parte de alguns funcionários, resistência que normalmente se traduzia em demora para a obtenção de algum documento ou informação necessária.

Apesar de essa primeira acolhida ter sido bastante positiva, a integração não ocorreu de imediato. Em apenas uma das três escolas não houve resistência no início da pesquisa. A presença de um pesquisador criou um contexto de pressão sobre os professores em relação ao resultado das aulas, é como se estes percebessem que suas aulas estivessem sendo avaliadas por alguém de fora do seio da escola. Ao mesmo tempo, conseguimos depreender um certo orgulho por parte dos professores por poderem auxiliar em uma pesquisa de mestrado, e dos alunos por serem protagonistas da pesquisa.

Realizamos entrevistas com vários alunos das três escolas, estabelecendo consultas prévias com a direção e os professores. O mais interessante é que nenhum dos alunos entrevistados negou-se a falar conosco. O contato informal, os bate-papos com os alunos foram sempre muito reveladores, a partir de suas falas ou seus silêncios surgiu a necessidade de relacionarmos os conteúdos propostos na pesquisa com o contexto escolar.

Os momentos na escola em que não estávamos interagindo diretamente com os alunos, professores ou outras pessoas mostraram-se extraordinariamente reveladores e férteis na aquisição de informações. Foi possível observarmos a rotina das escolas, os conflitos entre seus membros, as formas de sociabilidade presentes.

A busca das escolas para a pesquisa projetava alguns indicadores que orientariam este trabalho: a maneira como se desenvolve o ensino de futebol na escola, o modo como as crianças se apropriam dele, bem como os valores que são assimilados pelas crianças por meio da prática do futebol. No entanto, a pesquisa de campo obrigou-nos a incluir mais



uma variável, que foi a questão de gênero, discutida no último item do trabalho.

Interessante notar entre os garotos alguém com o corte de cabelo parecido com o craque da moda, ou a imitação de um gesto na hora de um gol. O futebol como tema de conversas dos meninos era constante. Entre as meninas a conversa sobre futebol se dava normalmente sobre o Criciúma Esporte Clube ou sobre os jogos da Copa do Mundo no ano de 2014, porém em menor escala.

Em relação às praticas esportivas nos períodos que antecedem as aulas ou na hora do recreio, o futebol é literalmente a regra nas quadras das escolas. É importante esclarecermos que não presenciamos, em nenhuma das três escolas, jogos de meninas durante o recreio ou antes das aulas.

A disputa das partidas acontecia entre alunos com idades diversas. A regra usada para que vários times disputassem as partidas era “dois gols troca”, ou seja, o time que sofresse dois gols deixaria a quadra e imediatamente entraria um outro grupo. Nos recreios eram comuns as tensões entre os alunos, sobretudo porque os garotos dos anos iniciais eram literalmente impedidos de jogar nas quadras, a única alternativa para os menores era buscar um outro espaço para jogar futebol.

Nos últimos anos a Educação Física brasileira investiu no desenvolvimento voltado para melhorar a prática educacional. Mesmo com os investimentos realizados, o modo tradicional de educação ainda persiste em muitas escolas. O modelo tradicional, conectado a outros elementos como a aptidão física, por exemplo, acaba utilizando o esporte de modo geral e o futebol, em particular, como meio de exclusão daqueles alunos que são vistos como menos habilidosos ou não tão aptos para a prática esportiva.

Esse modelo pedagógico, segundo Paulo Freire, é a pedagogia do dominante que se fundamenta naquilo que chamou de concepção bancária de educação, onde há uma predominância no discurso e na prática da figura do professor, sendo os educandos objetos a serem preenchidos de acordo com o que o professor, e apenas ele, julga ser necessário. Essa “educação bancária” ainda é muito evidente nas aulas das mais variadas disciplinas de nosso currículo, e nas mais variadas escolas de nosso sistema nos dias atuais. Muitos educadores se contentam em apresentar a seus educandos um conhecimento acabado, não permitindo a estes construírem conhecimentos através de suas

próprias experiências e possibilidades, bastando, portanto, reproduzir o conhecimento da forma com que lhe foi ensinado.

Nessa linha de raciocínio o futebol vem sendo praticado nas escolas, ao longo do tempo, apenas como um simples jogo, onde o que prevalece é apenas o “jogar futebol”, ou o “jogo pelo jogo”, desvalorizando a importância do conhecimento histórico-social desse esporte, desvalorizando sua importância na construção da cultura do povo brasileiro, e reduzindo-o apenas ao interesse do conhecimento técnico. Portanto não há transmissão de conhecimento de nenhum tipo e formato, notamos a pura reprodução do conhecimento empírico que o aluno já possui ou adquire na relação imediata do jogar futebol. Essa maneira de ensinar, em que o educador não se interessa pela transformação dos seus educandos, mas apenas pela reprodução das verdades prontas, é questionada por Paulo Freire quando este afirma que transformar a experiência educativa em um puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substancialmente formar (FREIRE, 2000, pp. 36-37).

O problema é que os alunos esperam que as aulas de Educação Física se transformem, única e exclusivamente, em treinamentos de habilidades. Para eles não é necessário conhecer o futebol ou outro esporte por uma outra ótica. Partindo desse princípio é fácil perceber a necessidade de se promover, junto aos educandos, uma outra forma de se vivenciar o futebol. Uma forma em que todos pudessem participar das aulas, independentemente de terem ou não habilidades esportivas minimamente desenvolvidas para a prática do futebol.

Não é possível conceber a riqueza do futebol escolar associada apenas ao desenvolvimento dos métodos técnicos e táticos, ou das habilidades motoras dos indivíduos que possuem tais habilidades mais desenvolvidas. O ensino do futebol na escola precisa ser visto como um método alicerçado também no conhecimento de códigos e significados que a sociedade cria e recria, caracterizando-o como um fenômeno social, que permite resgatar valores que privilegiam o coletivo frente ao individual, fazendo com que a criticidade dos alunos seja construída continuamente e a solidariedade e o respeito humano prevaleçam.

O futebol foi o esporte mais abordado pelos alunos e o mais praticado nas escolas pesquisadas. Constatamos que seu ensino fica

preso à reprodução de movimentos, à mediação de desempenho ou à prática espontânea. Nas três escolas onde a pesquisa foi desenvolvida, o futebol é ensinado de forma competitiva, vinculado ao rendimento, distanciando-se dos objetivos da disciplina de Educação Física. Ainda assim foi possível presenciarmos em alguns momentos a tentativa, por parte dos professores, de proporcionar, além do desenvolvimento das capacidades motoras, uma integração entre os alunos e promover atitudes de respeito aos adversários. Nesse item, especificamente, a competição pode ser vista como saudável, pois serve como uma forma de levar o aluno a enfrentar situações desconhecidas que surgem durante o jogo e que o estimulam a construir sua autonomia. Fazendo isso, a escola se transforma num ambiente que promove a busca de uma ação consciente, eleva a capacidade crítica dos alunos, fazendo-os pensar sobre um determinado tema. E o futebol é um desses temas.

Seria difícil encontrar qualquer pessoa que discorde da afirmativa de que o futebol está intimamente ligado à cultura brasileira. Nesse sentido ele está também inserido de forma sistemática dentro do ambiente escolar como um elemento chave da disciplina de Educação Física. Diem (1977, p.57) assegura que “os padrões culturais de cada povo refletem igualmente na modalidade desportiva que se vai praticar”. A afirmativa evidencia a existência de elementos culturais que interferem no comportamento e na maneira de pensar de um grupo, bem como na maneira que este grupo se relaciona com o esporte dentro do ambiente escolar.

Sabemos que existem, nos dias atuais, diversas concepções que tratam do papel da Educação Física no contexto escolar. Essas concepções têm algo em comum, que é a tentativa de romper com o modelo tradicional, esportivista e mecanicista da Educação Física. Darido (2003) aponta essas concepções como sendo as seguintes: Cultural; Desenvolvimentista; Saúde Renovada, baseada nos Parâmetros Curriculares Nacionais; Humanista; Fenomenológica; Crítico-Superadora; Psicomotricidade, baseada nos jogos cooperativos; Interacionista-Constructivista; Sistêmica; Crítico-Emancipatória; além de outras. A autora nos fala que essas concepções não aparecem de forma pura; na realidade, elas misturam aspectos de outras concepções pedagógicas. Segundo Darido, dificilmente se segue uma única abordagem.

Verificamos, portanto, que a Educação Física se caracteriza por essa grande amplitude, e que sua finalidade não é apenas produzir e

propagar o esporte dentro da ordem motora. Na realidade ela mostra que por meio do esporte é possível estudar seus fundamentos técnicos, seu enraizamento social e a significação social na qual ele está inserido. É lícito afirmar, então, que a Educação Física escolar não pode ser baseada apenas no aspecto motor do indivíduo, mas sim na totalidade deste indivíduo, um ser que pensa, que sente, e que age.

O futebol é um esporte que se faz presente nas escolas e na sociedade brasileira de modo geral. Desde tenra idade os garotos passam a ter contato com este esporte e desenvolvem o prazer de jogar bola. É comum em nossa sociedade presentear os garotinhos com bolas de futebol ou camisas de times de futebol. A bola, por ação da gravidade, está sempre em uma posição de fácil impulsão, basta um toque do pé para movimentá-la. Por ser um objeto fácil de ser produzido, ela facilita a prática do esporte, pode ser feita de meia, cheia de pano ou papel, basta querer fabricá-la.

Espaço para praticar o futebol é o que não falta. Terreno baldio, praça, pátio, corredor, calçadas, ruas, garagem, não é preciso apenas o campo ou a quadra para praticá-lo. Dias (2006, p. 01), em seu artigo “Futebol e Cidadania”, assim descreve

Basta uma bola – qualquer bola – e um pedaço de terreno, que o Brasil tem de sobra. Pode ser uma rua, um quintal, o corredor da casa ou uma praia. Com boa vontade, um par de chinelos fincado na areia transforma-se em traves e, com imaginação, constrói-se o travessão. Não é preciso ter onze contra onze. Pode ser cinco contra quatro, um contra um ou contra dois. Sempre se dá um jeito.

É notório que o futebol no Brasil é mais que um esporte, na realidade é um fenômeno frequentemente exposto pela grande mídia. Lucena (2001, p. 09), explica que “mesmo o futebol, considerado um esporte coletivo, teve um processo de desenvolvimento autônomo nunca sistematizado de forma acadêmica ou escolar”.

Figura 8 - Alunos da escola B jogando futebol com caixinha de suco



Fonte: Foto do autor, junho de 2014.

Um fato que não podemos negar é que há uma predileção dos brasileiros por futebol, independentemente de classe, grau de instrução, idade, fator étnico ou racial. Além da praticidade nas adaptações para se jogar futebol, tendo em vista que os recursos para sua prática são facilmente obtidos, a questão biotipológica é outro fator importante que contribui para sua popularidade, pois com qualquer estatura é possível praticá-lo.

Os estudantes, de modo geral, possuem uma preferência pela Educação Física quando esta é comparada com as demais disciplinas curriculares. Durante a pesquisa nas escolas, um questionário aplicado em 8 turmas obteve um resultado que num primeiro momento parecia evidente. A primeira pergunta era a seguinte: Qual a aula de que você mais gosta? Por quê? As respostas revelaram que entre os meninos, em 6 turmas, a Educação Física foi apontada como a disciplina predileta pela maioria do grupo, e em 2 turmas a predileção foi pela disciplina de História (1 turma da escola A e 1 da escola C).

Quando a mesma pergunta foi feita para as meninas, Educação Física teve a predileção entre 3 turmas, sendo uma turma de cada escola pesquisada. As outras disciplinas apontadas pelas meninas foram História, 1 vez; Artes, 2 vezes; e Matemática, 2 vezes.

Ao justificar a predileção por Educação Física, um número significativo de alunos apontam a vinculação da disciplina com o esporte. Segundo Maria Fernanda, de 11 anos, “na Educação Física praticamos esporte, exercícios e nos movimentamos”. Já Lucas, de 11 anos, diz que “na Educação Física a gente vai para a quadra e pratica esportes”. Gustavo, de 13 anos, explica: “eu gosto de Educação Física porque sempre jogamos futebol”.

Além de apontar a Educação Física como a disciplina preferida porque ela proporciona a prática do esporte, o fato de sair da sala de aula e “ir para rua”, também foi muito apontado pelos alunos como fator positivo da disciplina. Essa observação fica explícita na fala de Ana Carolina, de 13 anos: “eu gosto mais de Educação Física porque a gente vai pra rua e brinca”.

Com base nas observações e depoimentos colhidos, podemos fazer algumas ponderações importantes sobre o assunto. A primeira, é que existe uma predileção maior pela Educação Física entre os meninos; a segunda, é que entre as meninas esta predileção é compartilhada com outras disciplinas curriculares; a terceira, é que a predileção da Educação Física está associada à prática do esporte no ambiente escolar, a quarta é que o proporcionar a saída da sala de aula ou o “ir para rua” faz da Educação Física uma disciplina mais simpática aos estudantes; a quinta, por fim, é que a pedagogia excessivamente bancária das outras disciplinas proporcionam à Educação Física um olhar e um gosto diferenciados.

Outro dado importante coletado durante a observação é quanto à fascinação que a profissão de jogador de futebol exerce entre os meninos. Vários garotos ouvidos ao longo da pesquisa etnográfica relataram o sonho de ser jogadores de futebol. Já no questionário aplicado, a resposta jogador de futebol apareceu em todas as turmas quando a pergunta feita foi: O que você pretende ser no futuro? (profissão). Leonardo, de 13 anos, fez o seguinte relato: “É o meu sonho. Imagino sempre eu entrando em campo pelo Milan, pelo Real, fazendo gol e correndo pra torcida. Ou então fazendo um gol pelo Vasco numa decisão. Eu não sou Vasco mas meu pai é, aí ele ia ficar feliz”.

Outra questão apontada pelos meninos que sonham em ser jogadores de futebol é em relação à fama ou a ganhar dinheiro. Édio, de 13 anos, fez a seguinte afirmação: “ficar conhecido por todos e ganhar dinheiro só jogando bola, quem não quer? Qualquer um quer”. Deduzimos, aqui, que a realidade enfrentada pela maioria dos jogadores de futebol no Brasil é desconhecida ou desconsiderada. A relação feita é

somente com aqueles jogadores que possuem inserção midiática e que fazem sucesso. Sobre essa questão, o texto de Daolio (2000, p. 37) é bastante esclarecedor.

[...] o salário médio dos jogadores brasileiros é baixo, contrastando vultuosas somas ganhas por jogadores de grandes equipes, com salários ridículos da maioria dos profissionais espalhados pelo País. A grande maioria das equipes brasileiras está endividada, atrasando constantemente os salários dos jogadores. Muitas equipes não conseguem manter o seu quadro de profissionais durante todo o ano, demitindo jogadores e técnicos, após o final de cada campeonato. Muitos políticos utilizam-se do futebol para amealhar votos, investindo em alguns times em períodos eleitorais, deixando-os à míngua, depois das eleições”.

Quando a mesma pergunta foi feita às meninas, várias profissões foram apontadas, desde médica pediatra, passando por juíza e chegando a bióloga. Porém, nenhuma menina citou jogadora de futebol. Houve uma menina que citou jogadora de vôlei e outra que gostaria de ser atleta olímpica sem explicitar em qual esporte. Não causam surpresa essas respostas entre as meninas, pois o futebol feminino não possui sua devida valorização no Brasil. Falta todo tipo de investimento nessa modalidade, sem contar a ausência de visibilidade, o que faz com que nenhuma garota tenha a intenção de ser atleta de futebol. O nome de Marta, brasileira e uma das melhores jogadoras de futebol do mundo, tendo sido eleita várias vezes a melhor jogadora de futebol do mundo pela FIFA, é praticamente desconhecido pelas meninas. A influência da mídia, da globalização e do neoliberalismo atinge em intensidade tanto meninos quanto meninas, porém como a mídia não mostra o futebol feminino, este é quase invisível quando tratamos de Brasil. Talvez por isso as meninas não o tenham como um modelo esportivo.

Discorrendo ainda sobre as predileções dos alunos no tocante ao esporte, buscamos saber qual a modalidade esportiva preferida pelo conjunto dos alunos das três escolas trabalhadas. As tabelas 8 e 9 são esclarecedoras no tocante à relação que esses alunos e alunas estabelecem com o esporte mais popular do Brasil e comprovam os dados apresentados anteriormente sobre o sonho de ser jogador ou jogadora de futebol entre meninos e meninas.

Tabela 5 - Modalidade esportiva de que mais gosta

Modalidade esportiva de mais gosta	Escola A		Escola B		Escola C	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
<b>Futebol</b>	27	06	10	0	23	08
<b>Basquete</b>	04	10	0	2	03	04
<b>Vôlei</b>	03	18	02	12	01	10
<b>Skate</b>	01	0			01	0
<b>Trilha de Moto</b>	01	0			02	0
<b>Luta</b>			01	0	01	01
<b>Ciclismo</b>					01	0
<b>Tênis de Mesa</b>	01	0			03	07
<b>Corrida</b>			01	0	01	01
<b>Natação</b>	01	02	01	0		
<b>Dança</b>			0	01		
<b>Xadrez</b>	01	0				
<b>Ginástica</b>	0	01				
<b>Nenhuma</b>	0	01	0	01		
<b>TOTAL</b>	<b>39</b>	<b>38</b>	<b>15</b>	<b>16</b>	<b>37</b>	<b>31</b>

Fonte: Questionário aplicado pelo autor nas escolas pesquisadas, 2014.

Os dados contidos na tabela acima permitem apontar a diferença entre a predileção esportiva dos alunos do sexo masculino e do sexo feminino. Enquanto 60 meninos indicaram o futebol como o esporte de que mais gostam, entre as meninas esse número cai para 14. Entre as meninas o esporte de maior aceitação é o vôlei, com 40 indicações, seguido pelo basquete, com 16. O futebol aparece em terceiro, com as 14 indicações. Já entre os garotos, o basquete teve apenas 7 citações, ao passo que o vôlei foi escolhido por 6 alunos. Comprovamos, então, que apesar de toda a exploração midiática em torno do futebol, este continua sendo um esporte cuja predileção é majoritariamente masculina. Quando são cruzados os dados entre o público masculino e feminino, verificamos que as mulheres preferem o vôlei em detrimento do futebol. Daí o porquê de as meninas, durante as aulas de Educação Física,



preferirem fazer outra atividade enquanto os meninos jogam futebol. “Jogar futebol é chato, prefiro pular corda ou fazer outra coisa” (Stefanie, 12 anos). “Eu prefiro basquete ou o vôlei, pois acho que é um esporte mais feminino. O vôlei é um esporte que não tem tanto contato físico” (Ana Julia, 14 anos).

Quando tratamos uma conversa sobre futebol na escola com as meninas, sobressaem-se duas situações. A primeira é que algumas meninas têm no futebol sua referência esportiva e o praticam junto com os meninos, como no caso de Gislaine (13 anos): “a maioria das meninas não gostam de jogar futebol, eu gosto muito, foi um esporte que eu aprendi a gostar eu jogo com os meninos”. A segunda diz respeito às garotas que gostam de futebol mas se afastam de sua prática quando os jogos dentro do ambiente escolar são mistos. É o caso de Rafaela (12 anos): “quando é menina com menina ainda vai, mas quando é menina e menino misturado não dá, pois os meninos não passam a bola pra nós. Sem contar que eles às vezes são muito cavalões”.

Figura 9 - Prática do futebol entre meninas na escola A durante os jogos escolares



Fonte: Foto do autor, junho de 2014.

Essas informações nos levam a apontar duas predileções bem distintas quando o assunto esporte dentro da escola vem à baila: o já notório gosto dos meninos pelo esporte futebol, e o pouco envolvimento e gosto das meninas pelo futebol. Esses dados desmistificam o futebol como o esporte preferido entre todos os estudantes, pois se classificarmos por sexo as opções quanto ao gosto pelo esporte, as preferências diferem e o futebol perde parte de seu status.

Explorando a temática onde o que procuramos saber dos alunos é qual o esporte do qual eles menos gostam, novamente alguns dados denunciam a contradição entre a realidade e o que é apresentado pelo senso comum.

Tabela 6 - Modalidade esportiva de que menos gosta

Modalidade esportiva de que menos gosta	Escola A		Escola B		Escola C	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
<b>Futebol</b>	01	20	01	09	07	13
<b>Basquete</b>	10	07	03	03	04	02
<b>Vôlei</b>	13	03	04	03	05	06
<b>Luta</b>	01	0				
<b>Handebol</b>	06	02	03	0	05	01
<b>Tênis de Mesa</b>	01	02			05	03
<b>Corrida</b>	02	0			0	1
<b>Natação</b>			01	0	0	1
<b>Ginástica</b>					01	0
<b>Fórmula 1</b>	01	0				
<b>Futebol Americano</b>	01	0			02	0
<b>Não Tem</b>	03	04	03	01	08	04
<b>TOTAL</b>	<b>39</b>	<b>38</b>	<b>15</b>	<b>16</b>	<b>37</b>	<b>31</b>

Fonte: Questionário aplicado pelo autor nas escolas pesquisadas, 2014.

Tomando como base de análise a tabela 9, mais uma vez a diferença quanto ao olhar dispensado por meninos e meninas frente ao esporte escolar fica evidente. Enquanto 42 meninas apontaram o futebol como o esporte do qual menos gostam, apenas 9 meninos esternaram a mesma opinião. Entre os garotos, o esporte apontado como o de menor aceitação foi o vôlei, com 22 indicações, seguido pelo basquete, com 17 votos. O handebol apareceu em terceiro, com 11 indicações. As meninas, além de apontarem o futebol em primeiro lugar como o esporte menos atraente, apontaram também o basquete e o vôlei, tendo ambos os esportes 12 citações. O importante, nesses números, é a comprovação de que o futebol não possui toda a aceitação que normalmente é propagada. Quando cruzamos os dados, identificamos uma resistência das meninas em relação ao futebol muito maior do que a resistência dos meninos ao

vôlei. O resultado dessa análise vem reforçar a constatação da indiferença de boa parte das meninas durante as aulas de Educação Física quando o futebol é praticado. “Quando tem futebol eu prefiro ir jogar queimada ou tênis de mesa” (Raquel, 12 anos). Até mesmo entre os meninos há aqueles que possuem resistência à prática do futebol. “O futebol é um esporte ridículo. Eu gosto de jogo de estratégia como o xadrez” (Emersom, 14 anos).

Assim como procedemos em relação ao esporte de que mais gostavam, procuramos conversar com os alunos para saber o porquê das suas objeções frente ao futebol. Algumas falas manifestam a vinculação entre gênero e esporte. “Eu penso que futebol não é jogo para mulher, é jogo pra homem. Por isso eu não gosto de praticar o futebol, prefiro outros esportes como o vôlei, o basquete ou a dama e o xadrez. Sei lá, não sei explicar, só sei que não gosto” (Kátia, 13 anos). Outro ponto importante em relação ao tema relaciona-se à presença dos meninos. Normalmente os meninos excluem as meninas quando estas estão praticando o futebol junto com eles, o que leva, num primeiro momento, a um desinteresse pelo futebol seguido de uma antipatia por esse esporte. Guilherme, de 12 anos, explica que “não dá pra passar a bola pra elas, elas são muito tança, nunca vi”.

Figura 10 - Prática do futebol, durante os jogos escolares na Escola A



Fonte: Foto do autor, junho de 2014.

Diante do que foi estudado podemos assinalar duas questões importantes quando o assunto é qual o esporte de que os alunos menos gostam. A primeira diz respeito à antipatia de uma parte considerável das meninas em relação ao futebol. A segunda é que entre os meninos a antipatia por um esporte não é tão concentrada quanto entre as alunas. Os dados mostram uma dispersão maior entre os meninos quando o assunto é o esporte de que menos gostam. Já entre as meninas, de modo geral, há uma concentração maior ao apontar o futebol.

Em todas as aulas em que o professor R ou a professora M deram aos alunos a oportunidade de escolherem as atividades a serem realizadas nas aulas, as garotas foram jogar basquete, queimada, xadrez ou fazer outra atividade enquanto os meninos, em todas, foram jogar futebol. Essa observação reforça os argumentos que vêm sendo apresentados no decorrer do texto. Aqui cabe a crítica em virtude de os professores deixarem os alunos escolherem e praticarem as atividades sem orientações específicas, mostrando um descaso em relação às obrigações pedagógicas que todas disciplinas requerem.

Em cada aula de Educação Física em que o futebol foi o esporte tratado, percebemos que não há, e quando ocorre é apenas para resolver

alguma polêmica, a intervenção do professor nos jogos. Ao chegarem no espaço reservado para a Educação Física, os alunos rapidamente organizam as equipes e passam a praticar o esporte.

Vale salientar que durante as partidas que se desenvolvem na escola os garotos que possuem maior habilidade técnica a todo o momento procuram mostrar tais habilidades, tentando jogar e decidir a partida sozinhos. Aqueles com pouca técnica deixam de participar ativamente do jogo. Em referência a essa situação, Lucas, de 12 anos, é preciso em sua colocação: “Às vezes eu jogo na linha, mas eu prefiro jogar no gol porque eu não consigo driblar tanto, aí eu fico inseguro, por isso prefiro jogar no gol. Quando estou no gol acabo até participando mais do jogo”.

Em uma das aulas, quando o professor R pediu aos alunos que organizassem um time para disputar o campeonato entre colégios da cidade, duas situações chamaram nossa atenção. Uma delas é que nesses jogos só são levadas em conta as habilidades individuais. O próprio professor pediu que só levassem os melhores. Outra é que fica evidente a exclusão da maioria quando ocorre esse processo. Só se considera a ideia do sucesso esportivo. Bruno, de 13 anos, foi contundente em sua fala: “se for só para participar eu não vou. Ou vamos para ganhar ou ficamos no colégio”.

É muito importante aqui a reflexão de Adorno sobre competição e educação. O pensador deixa claro que a competição é um elemento de educação para a barbárie. Adorno e Becker concordam que a competição, princípio educativo amplamente difundido e valorizado no ocidente, “representa em si um elemento de educação para a barbárie”. (Becker APUD Adorno, 2000, p. 161), ou seja, “é um princípio no fundo contrário a uma educação humana” (Becker APUD Adorno, 2000, p. 161). Por isso, ambos recomendam que se desenvolvam estratégias pedagógicas para diminuir o estímulo da competitividade na prática de Educação Física. Entretanto o que temos observado atualmente é que as competições não são exclusividade da Educação Física. É cada vez maior o incentivo à competitividade em outras disciplinas curriculares, daí termos as proliferações das chamadas olimpíadas do conhecimento como as olimpíadas de matemática, olimpíadas de português, olimpíadas de história, olimpíadas de física, olimpíadas de astronomia, etc., sem contar as que vêm sendo realizadas pelo SENAI, SESI e SENAC.

Da observação realizada nas escolas e a partir da relação da escola com o futebol, deduzimos que a noção de escola e futebol de forma homogênea, única, efetivamente uniforme se desfaz. Embora a forma escolar seja marcante enquanto estrutura oficial, ela não é a única presente na relação social da aprendizagem quando o que está envolvido é o futebol. Não seria ousado dizermos que a escola é o elo mais fraco dessa corrente. Ela é a que menos influencia na prática esportiva do futebol dentro da própria escola.

É necessário colocarmos que o movimento contrário também ocorre, e a forma escolar ultrapassa os limites da escola, chegando às casas das pessoas em vários contextos. Podemos então afirmar que diferentes relações sociais de aprendizagem ocorrem tanto dentro quanto fora da escola, estabelecendo comunicação e oposição. Mas, em se tratando especificamente do futebol, a influência externa sobre a escola é muito maior do que o contrário. Se em outros elementos culturais a escola possui uma influência maior, se a visão da escola ultrapassa seu muro e chega à comunidade, com o futebol ocorre o contrário; vem da comunidade para a escola a visão dominante sobre o mesmo. As práticas futebolísticas que fundamentam a aprendizagem dele dentro da escola são trazidas da comunidade e penetram no ambiente escolar.

A partir das questões levantadas, não é demais observarmos que o acesso às práticas e conhecimentos culturais, no caso aqui o futebol no campo da educação e cultura, não está reduzido ao ambiente escolar. A escola cumpre uma parte do jogo educativo. Fica claro que a cultura do futebol presente na escola foi produzida a partir de práticas educativas difusas, que vão muito além do perímetro da escola. Segundo Faria (2009, p. 207), “trata-se de práticas muitas vezes silenciosas e às vezes invisíveis. Essas práticas e formas culturais, que dialogam com a forma escolar, são construídas e constituem diferentes habilidades para diferentes grupos culturais”.

Cabe, portanto, concluirmos, que o futebol está para além dos métodos pedagógicos escolares para ser aprendido. É possível admitirmos que a escola perde espaço para o esporte. Acaba assim por entrar na escola mais que uma instituição esportiva hegemônica. Ocorre na realidade uma diversidade de práticas futebolísticas em constante diálogo com a escola, mostrando que a escola não está imune ao contato com valores e normas, como a exclusão, a competição, a rivalidade, entre outros, bem como também não está imune ao discurso do esporte de alto rendimento, pelo qual é propagado que o mais importante é o

competir, é o respeito incondicional às regras estabelecidas ou o vencer com o esforço individual.<sup>63</sup>

A pesquisa deixa marcas na forma de compreender o futebol escolar, a relação deste com a cultura futebolística presente em nossa sociedade e também com os diálogos e oposições existentes a esses modelos de práticas do futebol. Permitiu também percebermos o quanto o mundo da indústria cultural influencia nas atitudes e valores dos alunos e da comunidade escolar em geral. O neoliberalismo dita regras que são seguidas sem conhecimento pelo conjunto da sociedade. A percepção dos sujeitos escolares (professores, alunos, equipe pedagógica, direção, zeladores e demais membros do corpo da escola) na constituição da cultura escolar também deixa marcas. Da observação depreendemos que é possível construir uma relação respeitosa e afinada entre alunos e professores. E que se pode, através do futebol, estreitar os laços entre escola e comunidade.

### 3.5 FUTEBOL E RELAÇÃO DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O esporte é um fenômeno social capaz de promover a integração de pessoas das mais variadas origens culturais, religiosas, étnicas, sociais, sejam elas espectadoras ou praticantes do esporte. Porém, para que a mulher conseguisse sua inserção no mundo esportivo foi necessário que muitas barreiras fossem rompidas.

Rui Barbosa, em 1882, foi o relator do projeto sobre a reforma de ensino primário no Brasil. Por conta da reforma do ensino, tornou-se obrigatória a ginástica para ambos os sexos em todas as escolas do país. Segundo Castellani (1997), a reforma proposta por Rui Barbosa trazia uma ressalva em relação às mulheres: a ginástica deveria se adequar à harmonia das formas femininas e às exigências da futura maternidade.

Muitas discussões em torno da questão de gênero estão sendo travadas na sociedade atual. Muitos trabalhos científicos realizados no campo das ciências sociais buscam compreendê-la. A Educação Física não ficou imune aos debates sobre a questão de gênero. No entanto, de modo geral a escola não discute a questão de gênero quanto às

---

<sup>63</sup> Críticas contundentes ao modelo esportivo de alto rendimento no contexto escolar podem ser encontradas nas obras de Valter Bracht, Elenor Kunz, dentre outros.

preferências ao esporte. É importante destacarmos que diferença de gênero não é o mesmo que diferença de sexo. Goellner (2000) afirma que:

Diferenças de sexo são aquelas diferenças biológicas que se apresentam desde o nosso nascimento e que determinam ‘o ser macho’ ou ‘o ser fêmea’: homens e mulheres apresentam características físicas diferentes, homens e mulheres apresentam no seu corpo órgãos e hormônios diferentes etc.

Diferença de gênero são aquelas diferenças que se constroem na sociedade e na cultura, indicando papéis adequados aos homens e às mulheres, delineando, portanto, representações de masculinidade e feminilidade: a forma de vestir, as atitudes esperadas de um e de outro, as profissões que são valorizadas para homens e para mulheres, entre outros (GOELLNER, 2000, pp. 82-83).

Nos dias atuais as mulheres são protagonistas de muitas modalidades esportivas, tanto individuais quanto coletivas, mas a igualdade de acesso entre homens e mulheres no mundo esportivo não é a mesma.

O futebol é um caso clássico sobre todo o preconceito que envolve a participação da mulher em alguns esportes. A prática do futebol no Brasil é registrada como uma prática masculina, e nesse sentido a participação feminina neste universo não é bem recebida. Goellner (2000, p. 81) nos diz que

Criado, modificado, praticado, comentado e dirigido por homens, o futebol parece pertencer ao gênero masculino, como parece também ser seu o domínio de julgamento de quem pode/deve praticá-lo ou não. É quase como se à mulher coubesse a necessidade de autorização masculina para tal. Vejamos: os argumentos sobre os quais repousam os cuidados com a prática do futebol pelas mulheres recaem, na maioria das vezes, na justificativa que esse é um esporte que, além de ser considerado violento, requer um nível apurado de preparação física e técnica. Ou seja, é um jogo para machos.

A pesquisa de campo demonstrou que o interesse e a participação masculina no universo do futebol é muito maior. Como forma de estudar



com detalhes o que vinha sendo observado, realizamos uma consulta através de um questionário (anexo II) com três perguntas. Esse questionário foi aplicado nas 3 escolas pesquisadas. Como já havíamos aplicado outro questionário em 8 turmas dessas mesmas escolas, decidimos aplicar esse segundo em turmas diferentes daquelas que haviam respondido ao primeiro.

Na pergunta “C” da consulta formulamos a seguinte questão aos alunos: Você gosta de praticar futebol na Educação Física? Por quê? E obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 7 - Percentual de aceitação do futebol na escola

Universo Feminino		Universo Masculino	
Sim:	37 = 45,6%	Sim:	62 = 78,5%
Não:	44 = 54,4%	Não:	17 = 21,5%
<b>TOTAL: 81 = 100%</b>		<b>TOTAL: 79 = 100%</b>	

Fonte: Questionário aplicado pelo autor nas escolas pesquisadas, 2014.

- 37 alunas (45,6%) e 62 alunos (78,5%) responderam que gostam de praticar o futebol nas aulas de Educação Física.

- 44 alunas (54,4%) e 17 alunos (21,5%) responderam que não gostam de praticar o futebol nas aulas de Educação Física.

As respostas apresentadas pelos alunos permitem algumas reflexões importantes para que possamos compreender o esporte futebol dentro do ambiente escolar.

Os números apresentados mostram que o futebol se faz presente nas expectativas dos alunos do sexo masculino. Por outro lado, quando comparados com os dados do universo feminino, chegamos à conclusão de que o futebol não está presente na expectativa da grande maioria dos alunos do sexo feminino. Uma curiosidade é ver que enquanto os alunos do sexo masculino mantêm grande interesse no esporte, as mulheres demonstram um interesse menor no futebol e maior em outros esportes. A comparação entre os dados da tabela 10 com os dados da tabela 8 sinaliza que o interesse feminino se concentra mais no vôlei e no basquete.

No período de observação notamos a pequena ou quase nula participação feminina em jogos de futebol durante os recreios das escolas. Na realidade apenas duas vezes presenciamos meninas jogando futebol no recreio, e nas duas vezes elas faziam parte de times mistos,

ou seja, com meninos e meninas praticando juntos o futebol. Só foram presenciados jogos entre meninas quando da realização dos jogos estudantis nos colégios. Nas leituras dos questionários, alguns depoimentos dos alunos chamaram atenção em relação ao gostar do futebol:

Sim, porque é o único esporte que me dou bem (Sabrina, 12 anos).

Sim. Porque eu acho muito legal e eu acho que sou boa em futebol (Andreza, 13 anos).

Sim. Porque é a coisa que eu mais amo fazer” (Gustavo, 14 anos).

Sim, porque o futebol é o esporte que eu mais gosto. Jogo desde de muito pequeno, e também a maioria da turma gosta de futebol” (João Antônio, 13 anos).

Além da questão do gosto pelo futebol já enraizado na cultura masculina do brasileiro, há também o sonho em relação à profissão de jogador de futebol; relaciona-se o amor ao esporte com a possibilidade de fazê-lo profissão. Duas respostas são sintomáticas sobre essa questão:

Sim, porque eu gostaria de ser um jogador profissional (Lucas 12 anos).

Sim, porque é a profissão que eu vou seguir, e jogo bem e eu adoro futebol (Gabriel, 13 anos).

Embora não tenham ocorrido jogos de futebol onde as meninas fossem protagonistas, um percentual de garotas afirmam gostar do esporte e de praticar o esporte. Entre as alunas que afirmam gostar de futebol, merece destaque o fato de as meninas não gostarem de jogar com os meninos e de ocorrer a exclusão das meninas por parte dos meninos:

Sim, apesar dos meninos não deixarem as meninas jogar, e não as considerarem como jogadoras também (Larissa, 13 anos).

Sim, é um esporte legal que mostra que não só meninos podem jogar, que as gurias também podem gostar desse esporte (Maria Julia, 13 anos).

Sim, mas não gosto de jogar com meninos (Elisa, 12 anos).

Depende, se for só feminino é divertido, pois você se diverte. Mas, se for masculino com feminino não gosto, pois os meninos pegam muito pesado com as meninas (Eduarda, 13 anos).

Normalmente a exclusão das meninas dos jogos de futebol ocorre porque os meninos afirmam que elas não sabem jogar futebol ou que

elas acabam atrapalhando as partidas. De modo geral verificamos que, no espaço escolar, enquanto as meninas querem brincar de futebol, os meninos querem competir. Segundo Damo (2005, p. 139), “o futebol no Brasil é marcado por um arbitrário cultural que o define como um espaço privilegiado da homossociabilidade masculina; de certo modelo de masculinidade”. Nesse sentido as meninas “tendem a excluírem-se do futebol na medida em que ele é culturalmente marcado como um jogo para meninos. Quando isso não acontece, elas são, então, excluídas”. Analisando tais aspectos concluímos que a questão central que leva à exclusão das meninas e dos meninos menos habilidosos da prática do futebol é a cultura da competição.

O que fica marcado acerca da questão de gênero e futebol no contexto das aulas de Educação Física é que quando se trata do futebol o homem pode até não ter a técnica para a prática do mesmo, porém ele sempre terá a legitimação para tal. Quanto às mulheres, essa legitimação não se dá, pois a elas foi historicamente negada a participação no mundo do futebol.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao encerrarmos esta dissertação, consideramos importante afirmar que não tivemos a pretensão de esgotar, neste trabalho, todo o debate e a discussão que se estabelecem sobre o tema proposto, ele não se acaba em si. É evidente que muitos outros aspectos concernentes à temática são passíveis de uma série de novos debates e discussões. Escola, futebol e neoliberalismo são temas instigantes e polêmicos que nos levam a acalorados e longos debates.

De modo geral, desde a infância é gerada uma identificação com o esporte —notadamente no Brasil, muito mais com o futebol do que com qualquer outra modalidade esportiva — na qual é criado um referencial com a imagem desse esporte e dos profissionais que nele atuam, transformando-os em uma imagem socialmente construída como profissionais de sucesso.

Essa identificação, associada à identidade nacional, surgida também desse processo, contribui para a solidificação do futebol como o esporte da redenção, isso porque ele é associado ao sucesso e à ascensão social, compreendidos esses dois fatores como um sinônimo de aceitação e inserção social.

No mundo capitalista essas ações são fortalecidas por uma série de relações sociais. O futebol, então, torna-se uma grande jogada de marketing, sofre uma profunda influência da mídia, e torna-se um poderoso negócio. Além de auferir grandes lucros a determinados setores, é também um elemento de manutenção de poder.

Este trabalho teve como objeto verificar as relações entre futebol, escola e neoliberalismo dentro do espaço escolar. Essa verificação focou-se em analisar os mecanismos que levam as crianças escolares a aprender e praticar o futebol com seus colegas de escola. Procurou também verificar como os professores organizam essa atividade no meio curricular.

Com a finalidade de encontrar respostas, buscamos na realidade empírica das escolas os dados relativos às indagações. Coletamos e interpretamos a opinião dos atores do processo, no caso os alunos e professores de Educação Física das três escolas trabalhadas.

A importância do futebol como objeto de pesquisa pode relacionar-se à possibilidade de ele ser considerado, em certa medida, um instrumento de análise da sociedade brasileira. A partir do futebol é possível identificar a formação e, conseqüentemente, a gênese de seus valores e de sua identidade. É fala comum afirmar que o futebol é muito

mais que um esporte no Brasil. Ele está posto dentro de uma estrutura social efetivamente complexa.

Partindo do estudo do futebol, é possível compreendermos alguns aspectos de nossa sociedade como o patriotismo e a rivalidade. Muitas pesquisas ficam presas a alguns elementos dogmáticos sobre esse esporte. Mas o que pretendemos, efetivamente, é ir além da bola, é ir ao encontro do que disse Nelson Rodrigues quando afirmou que “No futebol, o pior cego é aquele que só vê a bola”.

Nesse sentido, entendemos que o futebol não deve ser analisado apenas em seu próprio universo, ele pode ser analisado também como um meio de compreendermos como se comporta a sociedade em que ele está inserido, ou seja, uma sociedade que é influenciada, mas que também influencia as práticas cotidianas. Não é possível ignorarmos um esporte que está presente no cotidiano de milhões de pessoas, necessitamos compreendê-lo efetivamente como um fenômeno político, social, econômico. Daí a importância do esporte bretão como objeto de pesquisa.

Entretanto, tão importante quanto o futebol como objeto de pesquisa, é a ideia de se ter o futebol como algo a ser ensinado. Um ensino que vá além do ensinar na perspectiva do alto rendimento, do jogo em si ou da questão motora, discussão que se faz pertinente em virtude de terem sido estes os três elementos mais trabalhados nas aulas de futebol observadas no decorrer da pesquisa.

Isso posto, avaliamos ser importante ensinar atitudes de solidariedade, cooperação e convívio respeitoso com o outro a partir do futebol, pois neste aspecto é possível fazer com que o aluno se perceba como um agente transformador da realidade posta. Tão importante quanto ensinar futebol, é saber o que ensinar com o futebol.

Podemos pensar uma pedagogia do futebol que propicie um ambiente aberto para a problematização, para a compreensão do real, onde a realidade social seja pautada. E nessas bases estruturarmos a aprendizagem num processo dialético, criativo, alicerçado numa nova concepção de mundo, justificado no conhecimento a partir de saberes históricos, filosóficos, sociológicos e também ideológicos.

O futebol se transformou nas últimas décadas em um grande espetáculo, transformou-se em produto e também produtor de mercadorias. Uma gama gigantesca de consumidores é atraída pelo espetáculo esportivo e por uma infinidade de produtos atrelados aos espetáculos e clubes. Nas observações e conversas realizadas durante a

pesquisa, percebemos que além do consumo envolvendo o futebol, consumo este provocado pela grande mídia, há também modelos de comportamento advindos do futebol através da mídia. Nos modelos de comportamento observados, vimos materializar-se a proposta neoliberal do individualismo, do consumo e da exclusão.

A pesquisa demonstrou, ademais, que mesmo sob a forte influência dos meios de comunicação, da ideia de mercado presente no seio da escola, ainda é possível encontrarmos o brincar de jogar bola em muitos momentos. As reflexões e conhecimentos foram enriquecedores, levaram-nos a concluir que aulas de Educação Física podem ir além do simples treinamento das habilidades exigidas para a prática esportiva. A possibilidade de proporcionar aos alunos uma alternativa de caminho para a busca do conhecimento cultural permitiria a esses alunos uma formação mais completa e rica através do lúdico, do brincar, do divertir-se. Indivíduos críticos e emancipados podem ser formados, então, a partir daí.

Adorno, em *Educação e Emancipação*, aponta que a educação deve evitar a barbárie e buscar a emancipação do pensamento humano. O autor é sistematicamente contra a competição por ser ela o contrário de uma educação humana. Nesse sentido, para que possamos implementar uma pedagogia do futebol na perspectiva emancipatória, é fundamental rompermos as amarras do capitalismo que invariavelmente levam à barbárie. Entretanto, um dos desafios mais importantes para se desenvolver uma pedagogia do futebol na perspectiva emancipatória é compreender e transcender a cultura competitiva que domina nosso ambiente cultural. A lógica competitiva foi inventada e disseminada pelo pensamento liberal e neoliberal. Desde que nascem, as crianças são educadas para competir e vencer na vida. Na lógica liberal há sempre um vencedor e muitos perdedores; a competição nos instiga a ver o outro como inimigo a ser vencido, a ser derrotado.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. 2ª ed. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- ADORNO, Theodor. **A indústria cultural**. In: COHN, G. (Org.). Textos de Theodor W. Adorno. São Paulo: Ática, 1986.
- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução, Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ALVES-MAZZOTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisas quantitativas e qualitativas. São Paulo: Editora Pioneira, 2002.
- ANDERSON, Perry. Além do neoliberalismo. In: SADER; GENTILI (orgs.). **Pós-neoliberalismo. As políticas sociais e o estado democrático**. São Paulo, Paz e Terra, 1995.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da Prática Escolar**. 18ª Ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.
- ASSIS, João Vitor; COLPAS, Ricardo Ducatti. **A pedagogia esportiva e o ensino do futebol na escola**. EFDeportes.com, Revista Digital, Buenos Aires, Ano 18, nº 185, outubro de 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2008.
- BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. Ijuí: 3. Ed. Unijuí, 2005
- BORÓN, Atílio. O pós-neoliberalismo é uma etapa em construção. In: SADER, Emir; GENTILI, Pablo. **Pós-neoliberalismo**: as políticas sociais e o estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo, Perspectiva, 1974.

CASTELLANI, Lino Filho. Esporte e Mulher. In: TAMBUCCI, Pascoal Luiz; OLIVEIRA, José Gilmar Mariz de; SOBRINHO, José Coelho. **Esporte Jornalismo**. São Paulo: CEPEUSP, 1997.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **Apesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, Vozes, 2008.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 2000.

COUTO, Hergos Ritor Flores de. **Esporte do Oprimido: utopia e desencanto na formação do atleta profissional**. Tese 2012 (Doutorado em Educação) – Universidade Nove de Julho (Uninove); São Paulo, 2012.

DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissionalização: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FRGS); Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, 2005.

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física escolar uma abordagem cultural**. In: PICCOLO, Wilma (org). **Educação Física escolar: ser... ou não ter**. Campinas: Unicamp, 1995a;

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física Brasileira: autores e atores da década de 80**. Revista Brasileira de Ciências do esporte. Florianópolis, v.18, nº3, 182-191, Maio, 1997.

DAOLIO, Jocimar. As contradições do futebol brasileiro. In: CARRANO, Paulo Cesar R. **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.



DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na Escola:** questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DIAS, Carlos. **Futebol e Cidadania:** o esporte mais popular do país também foi no século XX a instituição mais democrática. Um século de esporte. Disponível em: <[WWW.gazetaesportiva.net/história/século/futebol/abertura.htm](http://WWW.gazetaesportiva.net/história/século/futebol/abertura.htm). agosto de 2006>. Acesso em: Ago. 2006.

DIEM, Liselot. **Esporte para crianças:** uma abordagem pedagógica. Rio de Janeiro: Beta, 1977.

FARIA, Eliane Lopes. **O esporte na cultura escola:** usos e significados. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 2001. (Dissertação, Mestrado).

FARIA, Eliene Lopes. **A aprendizagem da e na prática social:** um estudo etnográfico sobre as práticas de aprendizagem do futebol em um bairro de Belo Horizonte. Tese 2008 (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

FILGUEIRA, Fabrício Moreira; SCHWARTZ, Gisele Maria. **Torcida familiar:** a complexidade das interrelações na iniciação esportiva ao futebol. In: Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, v.7, nº2, 2007. p. 245-253.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro.** Editora Mauad. Rio de Janeiro. 2004.

FRIEDMAN, Milton. **Capitalismo e Liberdade.** São Paulo: Abril Cultural. Coleção Os economistas. 1984.

FREIRE, João Batista. **Pedagogia do Futebol.** 3.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Os Delírios da Razão – Crise do Capital e Metamorfose Conceitual no Campo Educacional. In: GENTILI, Pablo(org.). **Pedagogia da Exclusão**: crítica ao neoliberalismo em educação. 19. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FUKUYAMA, Francis. **O fim da história e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Tradução de Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. Porto Alegre: L & PM, 1995.

GANDIN, Danilo. **Planejamento Como Prática Educativa**. 10ª Ed. São Paulo, Edições Loyola, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Pode a mulher praticar futebol?. In: CARRANO, Paulo Cesar (Org.). **Futebol**: paixão e política. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

GUATHIER, Clemon. **Por uma Teoria da Pedagogia**: Pesquisas Contemporâneas Sobre o Saber Docente. Ijuí: Editora Unijuí, 1998.

GHIRALDELLI JR. Paulo. **O que é Pedagogia**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1991.

GHIRALDELLI Jr. Paulo (org.). **Infância, Educação e Neoliberalismo**. São Paulo: Cortez, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Altas, 1996.

GRAMSCI, Antônio. **O Conceito de Hegemonia em Gramsci**. 3ª edição. Rio de Janeiro, Graal, 1991.

- HAYEK, Friedrich August Von. **O caminho da servidão**. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1987.
- HALDER, Faustino Raimundo. **Como fazer análise documental**. Porto: Universidade de Algarve, 2006.
- HOBABAWM, Eric; RENGER, Terence. (org.). **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- JACQUARD, Albert. **Todos semelhantes, todos diferentes**. São Paulo: Ed. Augustos, 1993.
- KLEIN, Marco Aurélio & AUDININO, Sérgio Alfredo. **O Almanaque do Futebol Brasileiro**. São Paulo: Ed. Augustus, 1993.
- KOCH, Rodrigo. **Marcas da Futebolização na Cultura e na Educação Brasileira**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Canoas, 2012.
- KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 6<sup>a</sup> ed. Ijuí: Ed.UNIJUÍ, 2004.
- KUNZ, Elenor. Fundamentos normativos para as mudanças no pensamento pedagógico em educação física no Brasil. In: CAPARROZ, Francisco Eduardo. **Educação Física escolar: política, investigação e intervenção**. V.1. Vitória: Pretoria, 2001.
- LIMA, Lauro de Oliveira. **Pedagogia: reprodução ou transformação**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- LUCENA, Ricardo. **Futsal e a iniciação**. 5 ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1991.
- LÜDKE Menga & ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MASCARENHAS, Gilmar. Globalização e espetáculo: o Brasil dos megaeventos esportivos. In: DEL PRIORI, Mary; MELO, Victor Andrade de. (orgs) **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

MELO, Adriana Almeida Sales de. O Projeto Neoliberal de Sociedade e de Educação: um aprofundamento do liberalismo. In: LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luíz (orgs). **Liberalismo e educação em debate**. Campinas, SP: Autores Associados, Histedbr, 2007.

MELO, Victor Andrade de. Futebol: que história é essa? In: CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

ORSO, Paulino José. Neoliberalismo: Equívocos e conseqüências. In: LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luíz (orgs.). **Liberalismo e educação em debate**. Campinas, SP: Autores Associados, Histedbr, 2007.

PROENÇA, Wander de Lara. **O método da observação participante**. *Rev. Antropos*, Brasília, v. 2, n. 1, p. 8-31, 2008.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. **Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil**. *Revista sociologias*. Porto Alegre, nº 11, ano 6, jan/jun 2004.

ROUSSEAU. Jean-Jacques. **O Contrato Social**. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro Graal, 1989.

SAVIANI, Dermeval. **Do senso comum à consciência filosófica**. 9 ed. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1989.

SAVIANI, Dermeval. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. Campinas SP: Autores associados, 2007. (Coleção memória).

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

SCAGLIA, Alcides José. **O Futebol Que Se Aprende E O Futebol Que Se Ensina**. 1999. Dissertação ( Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A nova direita e as transformações na pedagogia da política e na política da pedagogia. In: GENTILI, Pablo; SILVA, Tomas Tadeu da. (Orgs). **Neoliberalismo, qualidade total e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

SOUZA, Leyla Régis de Meneses & ARAÚJO, David Marcos Emérito de. **O Futebol na Escola: Uma Abordagem Cultural**. ANAIS do II Encontro de Educação Física e Áreas Afins. Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação Física / Departamento de Educação Física / UFPI. Piauí, 2007.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Campinas: Autores Associados, 1996.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TUBINO, Manoel José Gomes. **O que é esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

TURRA, Clódia Maria Godoy et al. **Planejamento de ensino e avaliação**. Porto alegre: Sagra, 1995.

VAZ, Alexandre Fernandez. **Esporte e Sociedade, Segundo Theodor W. Adorno**. Constelaciones: revista de teoria crítica. Madrid, España. N°3, 2011.

WITTER, José Sebastião. **O Que é Futebol?** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

#### **Sites**

<http://blogdojuca.uol.com.br/> / <http://pt.fifa.com/>

<http://www.ojogo.pt/http://www.futebolmagazine.com/>

**APÊNDICE(S)**

## APÊNDICE A – Questionário aplicado na pesquisa de campo

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão - PROPEX  
Unidade Acadêmica de Humanidades, Ciências e Educação – UNAHCE  
Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado) – PPGE

Objetivo da Pesquisa: pesquisar as relações entre escola e futebol no campo do neoliberalismo e as implicações daí resultantes no espaço escolar.

Autor/Pesquisador: Darlan Alves

Curso/Instituição: Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESC.

Data da Pesquisa:

- 1-Qual a aula de que mais gosta? Por quê?
- 2-Qual a aula de que menos gosta? Por quê?
- 3-O que você pretende ser no futuro? (profissão)
- 4-Qual o esporte de que mais gosta? Por quê?
- 5-Qual o esporte de que menos gosta? Por quê?
- 6-Qual o seu time do coração?
- 7-Qual o seu maior ídolo?
- 8-Costuma ir ao estádio assistir aos jogos do Criciúma?
- 9-Pratica algum tipo de futebol virtual? Qual?
- 10-Joga futebol no seu bairro? Onde?
- 11-Joga futebol na escola? Nas aulas de Educação Física ou no intervalo/recreio?
- 12-Como é ensinado o futebol nas aulas de educação física?

APÊNDICE B - Questionário aplicado na pesquisa de campo

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão - PROPEX  
Unidade Acadêmica de Humanidades, Ciências e Educação – UNAHCE  
Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado) – PPGE

Objetivo da Pesquisa: pesquisar as relações entre escola e futebol no campo do neoliberalismo e as implicações daí resultantes no espaço escolar.

Autor/Pesquisador: Darlan Alves

Curso/Instituição: Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESC.

Data da Pesquisa:...../...../.....

Nome do Entrevistado:.....

Idade:.....

Nome da Escola: .....

Série:.....

- A) O que você gosta de fazer na Educação Física?
- B) O que você não gosta de fazer na Educação Física?
- C) Você gosta de praticar futebol na Educação Física? Por que?